U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Do Espírito do Lugar

Um "Centro" de Interpretação Ambiental na Ota

Diana Rochinha Maudslay

M

2022

Do Espírito do Lugar

Um "Centro" de Interpretação Ambiental na Ota





Diana Rochinha Maudslay

Universidade do Porto

Faculdade de Arquitetura

2022

Do Espírito do Lugar

Um "Centro" de Interpretação Ambiental na Ota

Diana Rochinha Maudslay

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Orientador

José Alberto Abreu Lage

A presente dissertação foi redigida ao abrigo do Novo Acordo Ortográfico, tendo sido adaptadas as citações transcritas em língua portuguesa por razões de coerência. As citações não-portuguesas foram livremente traduzidas pelo autora.

Cumpriu-se o número máximo de caracteres (120 000 com espaços) e o número de páginas limite para o corpo de texto escrito (90 páginas), segundo as orientações gerais atualmente em vigor para a elaboração da dissertação. Contudo o documento apresenta 122 páginas no total (sem anexos) devido à montagem do *layout* - os agradecimentos, o resumo, o sumário, as capas dos capítulos, as páginas em branco e as páginas com imagens.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à minha família, aos meus pais e aos meus irmãos pelo apoio incondicional que me deram não só durante esta fase como ao longo de todo o curso.

Ao professor Alberto Lage pela resiliência que demonstrou no decorrer deste trabalho. Obrigada pela paciência e pelos novos conhecimentos que adquiri graças às nossas conversas e discussões ao longo deste ano.

À menina Susete pela atenção, pela ajuda e pelas boas conversas.

Aos meus amigos Rosália, Zé, Melo, Rita, Espiga, Chica, Totas, Gil, Rúben Vasques, Joana e Rúben Ângelo pelas longas tardes na biblioteca, pelas discussões, pelas viagens, pelos jantares e sobretudo pelas memórias.

Ao Diogo pela força e motivação, mas sobretudo pela boa disposição e pela boa música que me aconselhou e me foi acompanhando ao longo deste caminho.

Por fim, quero agradecer a todos os que cruzaram o meu caminho e me ajudaram a chegar aqui, aos professores, aos escuteiros, aos colegas e amigos,

Obrigada.

ABSTRACT

The present dissertation is based on a personal interest in the natural heritage of the region where I live – Alenquer – and the importance of communication and protection of its landscape. To this end, a project was developed in a small town called Ota, which aims to fill the lack of an equipment that can respond to this need.

One of the main themes debated was the relationship that Man and Architecture have in confrontation with the place and the landscape in which they are inserted. Therefore, the study of the concept of landscape was deepened, of how it has changed, and has been changed over time. This concept varies according to the discipline that studies it – architecture, landscaping, urbanism, geology, or geography – however, the opinion that the landscape is in constant transformation is transversal to all of them. In this sense, it is necessary to evaluate the positive and/or negative impacts of this evolution, in order to understand what threatens the landscape and what kind of responses can be given. It is necessary to find defence mechanisms for the preservation of the natural and cultural heritage, so that the knowledge continues to be transmitted to the future generations. However, the concept and criteria of heritage have been under changes over time. Currently it has a cultural meaning and can include not only individual objects, but also immaterial ones, including landscapes.

It is the combination of these three themes – Architecture, Landscape and Heritage – that gives essence to a place. With the study of these themes, it is intended to better understand what is necessary to apprehend a place. What is inhabiting a place?

Keywords: Territory, Architecture, Landscape, Heritage, Site, Ota.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado integrado parte de um interesse pessoal pelo património natural da região onde vivo – Alenquer – e pela importância da comunicação e proteção da sua paisagem. Para tal, foi elaborado um projeto na freguesia da Ota, que visa colmatar a falta de um equipamento que responda a esta necessidade.

Um dos principais temas debate-se com a relação que o Homem e a Arquitetura têm em confronto com o lugar e com a paisagem onde se inserem. Por isso, aprofundou-se o estudo sobre o conceito de paisagem e de como esta se foi alterando, e foi sendo alterada, ao longo dos tempos. O conceito de paisagem varia de acordo com a disciplina que a estuda – arquitetura, paisagismo, urbanismo, geologia ou geografia -, contudo, é transversal a todas, a opinião de que a paisagem está em constante transformação. Nesse sentido, é necessário avaliar os impactos positivos e/ou negativos desta evolução, de forma a compreender o que ameaça a paisagem e que tipo de respostas podem ser dadas. É necessário arranjar mecanismos de defesa para a preservação do património natural e cultural, de forma que o conhecimento continue a ser transmitido para as futuras gerações. Porém, o conceito e os critérios de Património foram sofrendo alterações ao longo dos tempos. Atualmente tem um significado cultural e pode incluir não só objetos individuais, como também objetos imateriais, onde se incluem as paisagens.

É a partir da conjugação destes três temas – Arquitetura, Paisagem e Património – que se explora a ideia de lugar nesta dissertação. Com o estudo destes temas pretende-se compreender melhor o que é necessário para apreender um lugar. O que é habitar um lugar?

Palavras-Chave: Território, Arquitetura, Paisagem, Património, Lugar, Ota.

Sumário

11 Lista de Imagens
13 Lista de Anexos
14 Lista de Abreviaturas

15 INTRODUÇÃO

20 CAPÍTULO I | DO SENTIDO DAS COISAS

22 DO TERRITÓRIO DA ARQUITETURA

22 O Homem e o Lugar

22 Apropriação
28 Desapego

34 Habitar o Lugar

42 DA PAISAGEM DA ARQUITETURA

42 Definição de Conceitos

48 O papel da Arquitetura na Paisagem

50 Paisagem como Memória

55 Paisagem como um sistema de valores

57 DO PATRIMÓNIO DA ARQUITETURA

57 O que preservar?

58 Como preservar?

58 Restauração e Reabilitação
62 Conservação de uma identidade
63 Cartas e Convenções

66 CAPÍTULO II | DA EXPERIÊNCIA

71 Museu de Foz Côa

75 Museu da Mineração Allmannajuvet

79 Termas Geométricas

82 CAPÍTULO III | DA INTERVENÇÃO NO PATRIMÓNIO NATURAL DA OTA

84 CIRCUNSTÂNCIA DO PROJETO

84 Contexto Urbano

90 Contexto natural

98 INTERPRETAÇÃO DO TERRITÓRIO

106 UM PROJETO

119 CONSIDERAÇÕES FINAIS

121 BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA

123 FONTE DAS IMAGENS

126 ANEXOS

LISTA DE IMAGENS

1 - Gravura de Charles-Dominique-Joseph Eisen para a segunda edição de Essai sur l'architecture de Marc-Antoine Laugie.
2 - Consequências da Revolução Industrial. Poluição.
3 - Consequências da Revolução Industrial. Habitação Operária.
4 - Esquema sobre Paisagem Global feito por Gonçalo Ribeiro Telles.
5 - Nomadismo Urbano.
6 - Central Park. Contraste entre Natureza e Cidade.
7 - Expansão de Londres.
8 - Pavilhão em Saya Park. Floresta.
9 - A Imagem da Cidade e os Seus Elementos de Kevin Lynch. Os cinco elementos. Vias, Limites, Bairros, Cruzamentos e Pontos Marcantes.
10 - Museu das Crianças em Hyogo do Arquiteto Japonês Tadao Ando.
11 - Esquiço da planta do Museu das Crianças.
12 - Proposta de Le Corbusier da Ville Radieuse, 1924.
13 - Plano de Le Corbusier para S. Paulo.
14 - Proposta de Le Corbusier para o Rio de Janeiro, 1929.
15 - Desenho da Broadacre City de Frank Lloyd Wright.
16 - A paisagem estática.
17 - Montanha.
18 - Estrada Rural.
19 - Cidade.
20 - Museu de História Chikatsu Asuka do Arquiteto Japonês Tadao Ando.
21 - Esquiço do Museu de História do Arquiteto Japonês Tadao Ando.
22 - Inquérito da Arquitetura Popular em Portugal. O quotidiano.
23 - The Bitter Cry of Outcast London. Andrew Mearns.
24 - Vista da Pousada e do Convento de Santa Marinha da Costa.
25 - Vista das trazeiras da Pousada do Convento.
26 - Planta de Cobertura da Pousada e do Convento.
27 - Implantação do Museu de Foz Côa.
28 - Vista da Cobertura do Museu.
29 - Perfil do Museu de Foz Côa.
30 - Registo Fotográfico do percurso de entrada no edifício do Museu de Foz Côa.
31 - Fachada Este do Museu de Foz Côa.
32 - Fachada Sul do Museu de Foz Côa.
33 - Fachada Norte do Museu de Foz Côa.
34 - Pormenor Fotográfico da Fachada do Museu de Foz Côa.
35 - Planta da Implantação do Percurso do Museu de Mineração Allmannajuvet. Projeto do Arquiteto Peter Zumthor.
36 - Interior do Edifício da Galeria das Minas.
37 - Interior do Edifício do Café.
38 - Foto, Planta e Corte do Edifício das Instalações Sanitárias e Parque de Estacionamento. Primeiro edifício do percurso de Peter Zumthor.
39 - Foto, Planta e Corte do Edifício do Café. Segundo edifício do percurso de Peter Zumthor.
40 - Foto, Planta e Corte do Edifício da Galeria das Minas. Terceiro edifício do percurso de Peter Zumthor.
41 - Foto, Planta e Corte do Edifício do Miradouro. Quarto edifício do percurso de Peter Zumthor.
42 - Implantação do Complexo das Termas Geométricas.
43 - Fotografia aérea da implantação das Termas geométricas na Paisagem.
44 - Percurso pelas Termas Geométricas.
45 - Contraste entre o construído e o natural.

46 - Vista exterior da Churrasqueira.
47 - Interior da Churrasqueira.
48 - Planta dos Passadiços das Termas Geométricas.
49 - Corte dos passadiços das Termas Geométricas.
50 - Rede do Património no Concelho de Alenquer.
51 - Rede dos Cursos de Água no Concelho de Alenquer.
52 - Rede de Equipamentos no Concelho de Alenquer.
53 - Miradouro no Canhão Cársico da Ota junto à pedreira.
54 - Vista do Miradouro para o lado contrário ao da pedreira.
55 - Mapa topográfico da Ota com a localização dos lugares arqueológicos.
56 - Descobertas Arqueológicas no Castro da Ota.
57 - Gravura Pré-Histórica no Canhão Cársico da Ota.
58 - Cartaxo-Comum. Canhão Cársico da Ota.
59 - Análise Territorial. Identificação de Problemas.
60 - Análise da N1. Cortes.
61 - Rede de Equipamentos na Freguesia da Ota.
62 - Desenho de Memória do Largo Dr. Mário Madeira.
63 - Esquiços de uma discussão de projeto com o meu amigo Ruben Vasques.
64 - Planta de Cobertura da Intervenção. Escala 1:1000.
65 - Alçado Principal.
66 - Esquiços do Processo Projetual.
67 - Planta do Piso 0 da Intervenção. Escala 1:1000.
68 - Planta do Piso -1 da Intervenção. Escala 1:1000.
69 - Cubo de entrada na Capela.
70 - Hofheide Crematorium. RCR Arquitectes. Corte.
71 - Hofheide Crematorium. RCR Arquitectes.
72 - Projeto da Capela.
73 - Ponte de Trajano. Chaves.
74 - Museu Nacional de Arte Romana. Rafael Moneo.
75 - Projeto do CIACCO. Corredor de acesso à sala de exposições.
76 - Projeto do CIACCO. Sala de exposições.
77 - Miradouro do Saya Park. Álvaro Siza e Carlos Castanheira.
78 - Projeto do Miradouro. Observatório.
79 - Tipperne Bird Sanctuary. Johansen Skovsted Arkitekter.
80 - Projeto do Miradouro. Vista do CIACCO.
81 - Saya Park. Álvaro Siza e Carlos Castanheira.
82 - Crematorium Utzicht. Eduardo Souto de Moura.
83 - Alçado do Projeto do Largo Dr. Mário Madeira.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I: Entrevistas de Apoio aos Casos de Estudo

ANEXO II: Carta do Plano Diretor Municipal de Alenquer

ANEXO III: Diário as Visitas ao Lugar de Projeto

ANEXO IV: Projeto Fase 1

ANEXO V: Maquetas

LISTA DE ABREVIATURAS

CIACCO: Centro de Interpretação Ambiental do Canhão Cársico da Ota

ICOMOS: International Council on Monuments and Sites

NPRA: Norwegion Public Roads Administration

UNESCO: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

INTRODUÇÃO

> "O arquiteto, pela sua profissão, é por excelência um criador de formas, um organizador do espaço; mas as formas que cria, os espaços que organiza, mantendo relações com a circunstância, criam circunstância (...)"[1]

Na presente dissertação pretende-se compreender como é que fazer arquitetura afeta a essência do lugar onde se intervém. A evolução do Homem ao longo dos tempos fez com que a sua relação com o meio em que habitava fosse sendo alterada. Assim passou-se de uma relação harmoniosa com o lugar para a sua anulação. Foi a partir deste momento que deixamos de respeitar o lugar onde habitávamos e começamos a servir-nos dele com o único propósito de crescer economicamente, sem medir as consequências que isso poderia trazer no futuro.

Para uma reflexão sobre este tema é necessário proceder-se à pesquisa dos conceitos de Território, Paisagem e Património. Só assim, seremos capazes de agir e intervir, de forma coerente e sensata, num lugar.

No primeiro capítulo inicia-se uma viagem no tempo, onde se tenta compreender o conceito de território. Quando se fala de território, fala-se de um espaço que foi evoluindo ao longo do tempo. Simultaneamente, também o Homem sofreu uma evolução e passou de uma apropriação do lugar para um desapego do lugar. Esta é uma das grandes problemáticos que se expõe ao longo da dissertação. O desapego ao lugar levou a que se deixasse de respeitar o ambiente em que nos inserimos. Daí surgir a questão: "o que é habitar um lugar?". Habitar um lugar tem a ver com a forma como vivemos e experienciamos um lugar: como é que sentimos, cheiramos e tocamos um lugar. Habitar deixa de ser apenas o lugar onde residimos, mas sim o lugar onde nos sentimos em casa. Habitar é pertencer a um lugar.

Um lugar tem vários fatores que nos fazem reconhecê-lo, nomeadamente a sua envolvente: a paisagem. O conceito de paisagem é muito ambíguo e varia de acordo com a disciplina que a aborda. Para se conseguir entender qual é o papel da arquitetura na paisagem é importante entender o seu conceito em cada uma dessas disciplinas de forma a dar uma resposta sustentada em diferentes visões.

De uma forma geral, a paisagem faz-nos revisitar o passado, isto porque a associamos aos tempos de infância. O primeiro contacto que tivemos com o mundo exterior foi com a Natureza, foi com o nosso meio ambiente, com a essência de um lugar. Por isso é normal, que

1 TÁVORA, Fernando; *Da organização do Espaço.* Porto: Faup publicações, 1996, pg. 85

ao crescermos, lhe associemos um certo sentimento nostálgico, pois apenas um cheiro ou um som nos remete para esses tempos. Como a paisagem está em constante transformação é normal acabarmos por a caracterizar de acordo com memórias e não com factos atuais. Esta nostalgia surge, porque o ser humano foi invadindo e destruindo a paisagem ao longo dos tempos. As poucos, estamos a destruir a nossa identidade cultural e a essência dos espaços.

Para conseguir proteger-se a identidade cultural de um lugar é necessário entender o conceito de património. Património pode englobar não só objetos materiais como também imateriais, como é o caso das cidades e das paisagens. É importante, portanto, entender como este conceito foi evoluindo e como devemos agir perante um objeto com valor patrimonial. Devemos imitar o que outrora foi? Ou reinterpretar o seu significado nos dias atuais, tendo como base o seu valor histórico e cultural?

Neste primeiro capítulo procura-se expor a relação entre estes três conceitos. Tal como Anne Spirn dizia que a paisagem pode ser comparada com a estrutural verbal da linguagem, também estes três conceitos fazem parte de uma estrutura. O património está inserido na paisagem, que por sua vez está inserida no território. Os três fazem parte de um todo que está interligado e que se correlaciona.

Para entender como isto pode ser posto em prática, no segundo capítulo serão expostos três casos de estudo: o Museu de Foz Côa, o Museu de Mineração Allmannajuvet e o Complexo das Termas Geométricas. Cada um será composto por uma contextualização territorial onde serão expostos os problemas e ameaças desse território, de modo a compreender que solução foi encontrada como respostas aos problemas encontrados.

O terceiro capítulo é dedicado ao projeto. Este será organizado da mesma forma que o capítulo anterior. Primeiro será feita uma abordagem a nível territorial onde se irá reunir informação sobre o património arquitetónico, cultural e natural da região. Isto para que se possam descobrir quais as capacidades do território para criar uma dinâmica turística que ajude a promover a proteção e preservação dos seus bens. Após esta contextualização será analisada a localidade de modo a entender as suas fragilidades e quais as melhores formas de as combater.

A importância do património e da paisagem do Canhão Cársico da Ota surgiu após a intenção de construção de um aeroporto na freguesia que iria descaracterizar aquela região. Assim surgiu um grupo de apoio e defesa do património da Ota, composto essencialmente de locais que visavam sensibilizar a população quanto ao assunto premente.[2] Mais tarde, foi criada

2 TEXUGO, André; BASÍLIO, Ana Catarina; *As gravuras ainda não aprenderam a nadar - o impacto das cheias nas gravuras do Vale do Côa.* Vol. nº série nº II. 2018, pg. 108

uma equipa, composta por um geólogo, um biólogo e um arqueólogo, cujo objetivo era classificar e proteger a paisagem. Foram, então, considerados, os vários fatores que a ameaçam, nomeadamente as pedreiras, a visitação e prática de desporto na natureza e a destruição direta do património arqueológico. Como tal, este grupo delineou objetivos para as combater, entre os quais, a fiscalização da extração de inertes; a coordenação de visitas guiadas ao local através da criação de um centro de interpretação capaz de divulgar, sensibilizar e dar apoio à população; e a marcação e delimitação de trilhos que servissem de apoio à explicação e sensibilização do património natural e cultural da região.[3]

As ferramentas e dados aqui adquiridos irão ser postas em prática na elaboração do projeto de um Centro de Interpretação Ambiental que visa contribuir para a proteção de um bem patrimonial da região. O objetivo complementar é que esta estrutura não tenha um impacto negativo no quotidiano da população, mas sim que impulsione economicamente e turisticamente a região, tornando-a visível a nível nacional e internacional.

Um Projeto Arquitetónico capaz de coabitar com a paisagem.

3 TEXUGO, André; BASÍLIO, Ana Catarina; *As gravuras ainda não aprenderam a nadar - o impacto das cheias nas gravuras do Vale do Côa.* Vol. nº série nº II. 2018, pg. 112

CAPÍTULO I

DO SENTIDO DAS COISAS



Fig. 1 Gravura de Charles-Dominique-Joseph Eisen para a segunda edição de Essai sur l'architecture de Marc-Antoine Laugie

DO TERRITÓRIO DA ARQUITETURA

O Homem e o Lugar

Apropriação

A evolução da presença do Homem na Terra teve consequências, tanto positivas como negativas, nas paisagens que podemos observar nos dias de hoje. "O homem é um poderoso agente de mudança no espaço, e ele mesmo sofre mudanças ao longo do tempo".[4] Para melhor entendermos este processo, Vittorio Gregotti[5] faz uma breve contextualização da evolução da correlação do Homem e do lugar. No princípio dos tempos a natureza era uma força indomável para o Homem da qual ele tinha de se defender. Mais tarde, encontrou no solo uma forma de se sustentar, sendo este o momento que marca o início de uma relação mais próxima entre o ser humano e o lugar que habita. É aqui que surge o conceito de Cabana Primitiva, um conceito que explora a relação entre o Homem e o ambiente que o rodeia, surgindo pela primeira vez a ideia de Arquitetura. Já na era industrial, a produção e o consumo ganham independência do lugar.[6] É a partir deste momento que o Homem se desapega da Natureza e a tenta dominar.

A história do Homem na terra passa por três fases distintas que se interrelacionam: primeiro a fase do nomadismo onde se apega e se apropria do espaço; a segunda fase que coincide com o sedentarismo, onde o ser humano domina o lugar e o espaço em que habita; e por fim temos o desapego ao lugar, consequência da revolução industrial e do rápido desenvolvimento das cidades.

Tanto Gonçalo Ribeiro Telles como Artur Glikson concordam que a conexão entre o Homem e o lugar teve início no sedentarismo. Para Artur Glikson, o sedentarismo foi uma das maiores e mais bem sucedidas evoluções do ser humano no que toca à sua relação com o lugar. É nesta altura que o Homem cria, pela primeira vez, uma paisagem artificial, estabelecendo uma nova forma de se relacionar com a natureza. Ou seja, o que antes tinha sido uma integração, por instinto, no espaço e no tempo pelo Homem caçador e recoletor, passou a ser o desenvolvimento de uma comunidade ligada à agricultura e à apropriação do espaço. É a partir deste momento que o Homem começa a assumir uma posição central no ecossistema e

---

4 GLIKSON, Artur; in *The Ecological Basis of Planning*, Springer Netherlands, 2012; pg. 1

5 Vittorio Gregotti (10 Agosto 1927, Novara - 15 Março 2020, Milão) é um importante arquiteto italiano. Das suas obras podemos destacar o Stade des Costières, o Estádio de Marrakech, o Estádio Luigi Ferraris, o Estádio Olímpico Lluís Companys e o Centro Cultural de Belém. Para além disso escreveu obras importantes, como por exemplo, Il território dell'architettura e Il mestiere di architetto.

6 GREGOTTI, Vittorio; in *Il progetto del passato: memoria, conservazione, restauro, architettura*, Bruno Mondadori, 1997, pg. 101

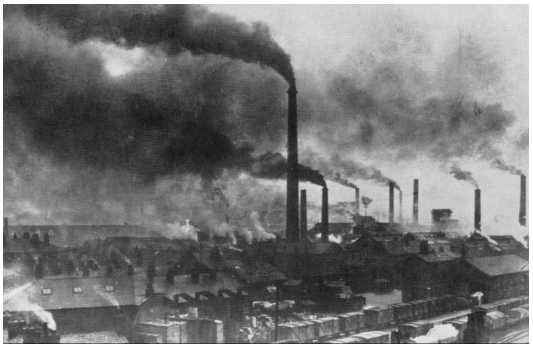




Fig. 2 Consequências da Revolução Industrial. Poluição
Fig. 3 Consequências da Revolução Industrial. Habitação Operária

no seu próprio território, surgindo, assim, um sistema concêntrico constituído por um núcleo – local de habitação humana, armazenamento de mantimentos e a vida comunitária – e pelas áreas periféricas – solo, água e floresta. Contudo, ao adotar o modo sedentário de viver, o Homem vê-se mais vulnerável às mudanças climáticas. As cabanas e grutas deixam de ser uma opção viável e começa-se a construir habitações mais consistentes, surgindo conjuntos habitacionais agrupados – as vilas.

Gonçalo Ribeiro Telles adota um discurso complementar ao de Artur Glikson para justificar o surgimento das vilas e das cidades. No seu texto "A cidade contra o Homem e a Cidade para o Homem", o autor constata que a cidade teve origem no sedentarismo, pois só quando o ser humano se decide fixar num lugar e produzir o próprio alimento é que surge a ideia de cidade. Esta evolução da ocupação do Homem no espaço teve um grande impacto a nível da conexão entre o Homem e a Natureza. A população das zonas urbanas passou a considerar que já não necessitava do que a terra lhe dava para sobreviver, mas sim da troca mútua de bens e de serviços entre as novas comunidades que foram surgindo. Desta forma, o raio de mobilidade do ser humano, em termos de contactos, aumentou exponencialmente com o surgimento das comunicações a nível mundial e, por isso, deixou de haver limites para o crescimento urbano.

Com a evolução das cidades e, consequentemente, o desenvolvimento tecnológico, surgiu a Revolução Industrial que acabou com a harmonia entre o campo e a cidade. A revolução industrial trouxe melhores condições de vida e acabou por atrair um maior número de pessoas para os centros das cidades, o que levou à desumanização do lugar e gerou vários problemas no que toca à circulação, à poluição e à habitação.

Enquanto a população das cidades migra para o campo à procura de uma "vida relaxante", a população das aldeias procura melhores oportunidades de vida e de trabalho nas cidades. Surgem aqui duas situações contraditórias: o indivíduo que procura recriar-se na solidão, no silêncio, em espaços abertos; e o que procura recriar-se em locais com mais agitação.

> "O motivo que leva um homem a procurar a sua recriação na mudança do ambiente que o rodeia ainda não é certo, mas em muitos casos é possível explicar esta procura como uma tentativa de voltar aos valores ambientais e aos modos de vida perdidos".[7]

7 GLIKSON, Artur; in *The Ecological Basis of Planning*; Springer Netherlands, 2012; pg. 19

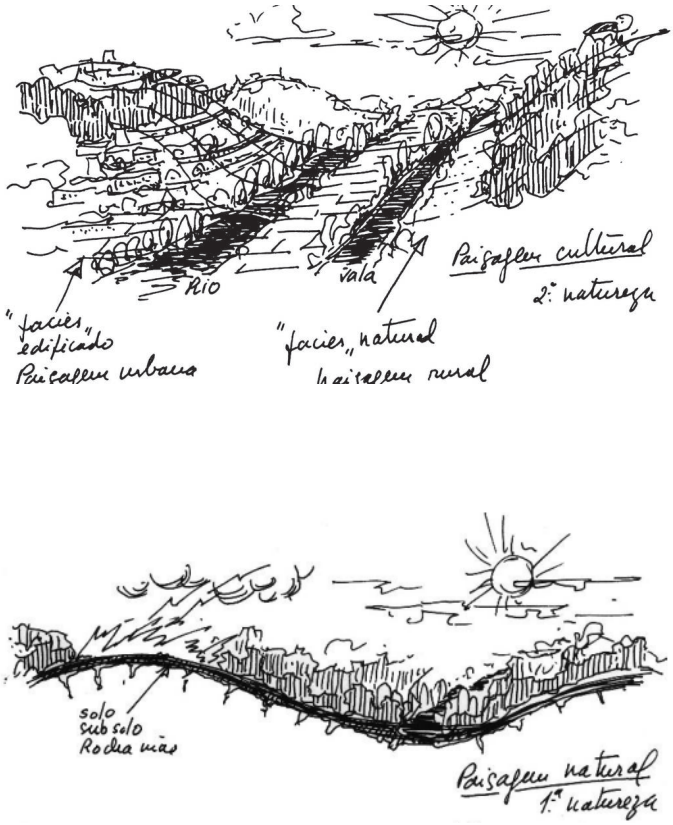


Fig. 4 Esquema sobre Paisagem Global feito por Gonçalo Ribeiro Telles

Segundo Artur Glikson é possível fazer um paralelo entre a vida moderna atual e o nomadismo. Tal como o nómada tinha de se deslocar de região em região em busca de alimento e de melhores condições para a sua sobrevivência, também o indivíduo moderno procura melhores condições para o seu meio ambiente. Este movimento entre locais é prova da inter-relação entre o Homem e o seu ambiente físico e acontece porque há um sentimento de falta e de vazio. O ser humano sente falta de um ambiente mais "natural" e sossegado, principalmente nos dias de hoje, em que este é caracterizado, maioritariamente, pela baixa qualidade do ambiente urbano artificial.

De acordo com o autor, o grande problema da cidade metropolitana é que a paisagem passou a ser subdividida por áreas, dedicadas a diferentes usos, de modo a abastecer e responder às necessidades da população e às da cidade em constante crescimento. Toda esta produção em massa levou a uma violenta exploração, a nível económico, da população e das suas terras. Começaram a surgir desigualdades económicas entre as regiões industrializadas e as regiões em desenvolvimento e irão continuar a existir, enquanto as relações mundiais forem controladas apenas por jogos económicos e políticos.[8] Ribeiro Telles complementa referindo outros aspetos que foram aos poucos destruindo a cidade e as zonas rurais, nomeadamente, a construção de edifícios desproporcionais à escala da cidade; a excessiva concentração de gente nos centros urbanos; a poluição do ar e da água; a difícil circulação na cidade; e a ausência de contacto direto com a natureza. Na opinião do autor a civilização urbano-industrial não só destruiu a cidade, como também as zonas rurais, através da cultura extensiva, da indústria, da monocultura e da destruição dos estuários, o que, a longo prazo, afeta a saúde das populações. "A «má cidade» com os seus instrumentos e materiais invade tudo como vimos"[9]

O autor defende, ainda, que o sedentarismo foi uma conquista cultural, pois conseguiu conjugar harmoniosamente a criação de gado e a agricultura com a natureza, criando, assim, um novo padrão de vida. "O Homem consegue-se identificar com um ambiente ao sentir que pertence àquele lugar e assim sente-se na obrigação de o manter"[10]. A mobilidade e o sedentarismo, sistemas biológicos e sociais, regiões pobres e ricas, culturas variadas, o indivíduo na comunidade, o passado e o presente, tudo está interligado, coexiste e desenvolve-se sem perder a sua identidade. A este conjunto de componentes Glikson denomina de evolução ambiental.

"O ambiente humano é uma organização de relações e factos"[11]

*

8 GLIKSON, Artur; in *The Ecological Basis of Planning*; Springer Netherlands, 2012; pg. 9

9 TELLES, Gonçalo Ribeiro; in *Gonçalo Ribeiro Telles: textos escolhidos*; Lisboa: Argumentum, 2016; pg. 166

10 GLIKSON, Artur; in *The Ecological Basis of Planning;* Springer Netherlands, 2012; pg. 7

11 Ibidem, pg. 8



Fig. 5 Nomadismo Urbano

Para Artur Glikson o ser humano desconectou-se profundamente do meio que o rodeia, principalmente da Natureza, o que fez com que utilizasse abusivamente os seus recursos naturais até chegarmos ao ponto em que estamos atualmente. "Quando o hospedeiro morre... o patógeno também morre".[12] O aumento da população, a produção mecanizada em massa para o conforto, a grande e melhorada rede de mobilidade, as diferenças culturais e a relação do homem aos problemas do meio ambiente, são aspetos que dificultam uma relação harmoniosa entre o Homem e a sua envolvente. Contudo, estes aspetos não devem ser encarados como uma dificuldade, mas sim como uma oportunidade para introduzir novas influências e criar novas formas de ver, planear e construir o ambiente que nos rodeia. Com o aumento populacional surge a oportunidade de criar novas cidades e vilas que alcancem esta harmonia tão esperada, tendo como base a preservação das identidades de cada local a intervir.

Dadas estas circunstâncias, Vittorio Gregotti conclui que, ao longo do tempo, se foi perdendo a relação equilibrada entre o lugar, a produção e o consumo. O Homem deixou de ver a Natureza como património a preservar e sim como algo lucrativo, ou seja, a Natureza perdeu o seu grau de importância como parte integrante de um lugar e passou a ser vista apenas como um meio de exploração económico.[13]

Aos poucos, estamos a caminhar para uma fusão entre o nomadismo e o sedentarismo primitivo. Cada vez mais o ser humano sente a necessidade de se deslocar entre locais em busca de novas experiências, vivências e oportunidades. Este movimento relaciona-se com o nomadismo, mas em vez de cavernas e cabanas, surgem as casas móveis e as autocaravanas. O mesmo espaço habitável, mas em diferentes circunstâncias.

Desapego

A cidade histórica situava-se no cimo dos montes, em lugares militarmente estratégicos, perto de rios e do mar, e cercado por uma muralha. Campo e cidade eram conceitos complementares e faziam parte de um todo. Mais tarde, com a revolução industrial e a invenção da máquina a vapor, a área urbana começou a expandir-se e atingiu dimensões exponenciais, quer a nível territorial, quer a nível demográfico. Assim, foi surgindo uma nova sociedade e com ela novos pensamentos e ideais que levaram a um progresso civilizacional, que dominou o território e começou a destruir as paisagens.

Segundo Ribeiro Telles, o crescimento da cidade pode ser dividido em quatro fases. Numa

12 GLIKSON, Artur; in *The Ecological Basis of Planning;* Springer Netherlands, 2012; pg. 11

13 GREGOTTI, Vittorio; in *Il progetto del passato: memoria, conservazione, restauro, architettura;* Bruno Mondadori, 1997, pg. 77



Fig. 6 Central Park. Contraste entre Natureza e Cidade

primeira fase surge o subúrbio. As zonas suburbanas começaram a expandir-se, sem ter em conta a qualidade do solo, a circulação da água ou a necessidade da criação de espaços verdes. Assim, as terras mais próximas que permitiriam a plantação de alimentos foram sendo destruídas dando lugar a construções urbanas. Ao longo das estradas, começam a surgir casas urbanas, moradias e pequenos prédios que nada têm a ver com a paisagem em que se inserem ou com a função agrícola que poderiam ter. Numa segunda fase surge a cidade que vive da exploração dos recursos do campo; vendendo os seus materiais de modo a manter o crescimento populacional e da produção; destruindo a sua paisagem e as suas características biológicas, devido à excessiva utilização de adubos e pesticidas que acaba por comprometer a agricultura. Na terceira fase observamos a destruição gradual das zonas rurais por parte de uma cidade com constantes necessidades. O desinteresse pelas zonas rurais e pelas suas características deixa-a à mercê dos objetivos e transformações que a cidade pretende realizar. Começa-se a denegrir a imagem do meio rural, categorizando-o como um sítio sem progresso, onde apenas vivem as pessoas idosas e onde não há futuro. Em vez de se motivar a sua ocupação através da criação de equipamentos socais e de infraestruturas básicas, tenta-se alcançar a sua desertificação de forma a poderem lucrar com a produção que irão fazer nestes terrenos. A quarta e última fase mostra a destruição das culturas, consequência da destruição gradual do campo.[14]

*

A cidade tem vindo a tornar-se um lugar inóspito para o ser humano e por isso, este tem procurado uma escapatória nas zonas rurais. O problema que enfrentamos, segundo Mcharg, é que o ser humano vê a natureza como um pano de fundo decorativo, quando, na verdade, a devia ver como uma "fonte de vida, um meio social, uma professora, um santuário, um desafio".[15] As zonas rurais são vistas como um cinturão verde, ou aquilo que Mcharg chama de "cinturão da ganância". São zonas que conseguiram persistir em torno da metrópole, não devido aos nossos esforços para a manter como tal, mas sim por serem grandes áreas que conseguiram persistir à ganância humana. A natureza consegue regenerar-se mais rápido nestas zonas rurais, do que na cidade onde as ações humanas estão mais presentes e são mais difíceis de reverter. Desta forma, as nossas cidades vão crescendo e unificam-se entre elas, fazendo surgir "grandes tecidos cinzentos mortos"[16].

Segundo o autor, o problema persiste no facto de não haver uma mudança de pensamento e de continuarmos com a ideia de há três séculos de que a cidade é a única residência possível

14 TELLES, Gonçalo Ribeiro; in *Gonçalo Ribeiro Telles: textos escolhidos* ; Lisboa: Argumentum, 2016; pg. 163-165
15 MCHARG, Ian Lennox; in *Design with Nature;* Turtleback, 1995, pg. 19
16 Ibidem, pg. 23

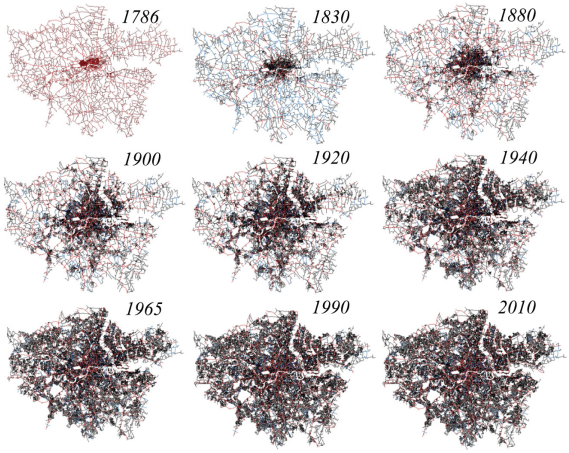


Fig. 7 Expansão de Londres

para a população urbana, civilizada e educada. Atualmente, o Homem é um ser antropomórfico e antropocêntrico, que não procura criar uma união com a natureza, mas sim conquistá-la e controlá-la.

Esta noção de paisagem enquanto lugar a intervir pela arquitetura e não apenas como "jardim", surgiu no século XVI e foi utilizada como elemento estruturante para a construção da cidade barroca. Para Vittorio Gregotti, o objetivo passou a ser o reconhecimento do "espírito do lugar", e é este conceito que se tenta inserir na expansão da cidade histórica no tempo da era industrial. Nessa altura havia uma grande escassez de espaços e áreas verdes e para resolver essa situação, a natureza foi convertida em parques públicos para que a cidade se pudesse imergir e regenerar na própria natureza, surgindo, assim, a ideia de cidade-jardim.[17]

O arquiteto paisagista, Gonçalo Ribeiro Telles, apresenta uma solução para estes problemas emergentes que a cidade está a causar. O primeiro passo é recuperar a cidade. Tem de se recuperar a escala da casa, quer seja através de novas construções ou através da sua reabilitação e deve-se promover a criação de espaços verdes na cidade. Segundo o autor, para haver uma recuperação do homem urbano, é necessário dar-lhe a possibilidade de fazer parte de uma estrutura verde, de poder ter a hipótese de fazer exercício físico e de ter contacto com a natureza no seu dia-a-dia.[18] Deve ser criada uma zonagem ecológica; uma compartimentação dos campos; deve ser feita a retenção e a drenagem da água de forma correta.

É necessário criar um ponto de equilíbrio entre o Homem e a Natureza. Para tal ser possível, Ribeiro Telles diz ser necessário defender as culturas e as paisagens que acabarão por desaparecer se a população continuar a menosprezá-la como fez até agora.

17 GREGOTTI, Vittorio; in *Il progetto del passato: memoria, conservazione, restauro, architettura;* Bruno Mondadori, 1997, pg. 79, 80

18 TELLES, Gonçalo Ribeiro; in *Gonçalo Ribeiro Telles: textos escolhidos;* Lisboa: Argumentum, 2016; pg. 166



Fig. 8 Pavilhão em Saya Park. Floresta

Habitar o Lugar

Christian Norberg-Schulz[19] é um arquiteto norueguês muito ligado à fenomenologia[20] da arquitetura, isto é, à capacidade de dar significado ao ambiente em que nos encontramos, através da criação de lugares específicos. Segundo o autor, o nosso dia-a-dia consiste em fenómenos concretos, composto por "pessoas, animais, flores, árvores e florestas, pedra, terra, madeira e água, cidades, ruas e casas, portas, janelas e mobília. E consiste no sol, na lua e nas estrelas, na passagem das nuvens, na noite e no dia, e na mudança das estações"[21]. A paisagem é por si só um fenómeno que abarca inúmeros aspetos que formam um ambiente, "a floresta compõe-se de árvores e a cidade é feita de casas"[22], e que compreende, também, fenómenos como os sentimentos. Quando pensamos num lugar, associamos-lhe um material, uma forma, uma textura e uma cor e são estes os aspetos que, segundo o autor, determinam uma qualidade ambiental, conferindo uma essência ao lugar.

Schulz conclui que a estrutura do lugar deve ser analisada segundo duas categorias: espaço e caráter. Por espaço entende-se a organização tridimensional dos elementos que compõem um lugar e o caráter indica a atmosfera do lugar em si. O conceito de espaço pode ter vários significados. No ramo da literatura podemos falar de espaço como geometria tridimensional ou espaço como campo percetual, contudo ambas as definições implicam ideias abstratas. Vários teóricos da arquitetura tentaram definir o espaço em termos qualitativos concretos: Giedion[23] utiliza a ideia de interior e exterior; Kevin Lynch[24] introduz os conceitos de "via", "limite", "bairro", "cruzamento" e "pontos marcantes", que considera serem as bases para a orientação no espaço; e Paolo Portughesi define o espaço como um sistema de lugares. Para Schulz, o espaço organiza-se segundo um centro, um ritmo e várias direções, nomeadamente

19 Christian Norberg-Schulz (23 Maio 1926 – 28 Março 2000) foi um arquiteto, autor, educador e teórico de arquitetura norueguês. Os seus livros mais conhecidos são: Genius Loci, Towards a Phenomenology of architecture, Concept of Dwelling, Architecture: Presence, Language and Place.

20 Edmund Husser (matemático e filósofo alemão) é da opinião que a fenomenologia é a investigação sistemática da consciência e dos objetos da consciência. Para Christian Norberg-Schulz, a fenomenologia é um método que exige um "retorno às coisas".

21 SCHULZ, Christian Norberg; *O Fenómeno do Lugar* in *Uma Nova Agenda Para a Arquitetura;* São Paulo: Cosac Naify, 2006, pg. 444

22 Ibidem; pg. 444

23 Sigfried Giedion (14 Abril 1888 – 10 Abril 1968) foi um historiador e critico de arquitetura suíço. Frequentou a Bauhaus, onde conheceu Walter Gropius. Das suas obras literárias podemos destacar *Espaço, Tempo e Arquitetura* e *Mechanization takes command* .

24 Kevin Andrew Lynch (7 Janeiro 1918 - 25 Abril 1984) foi um urbanista americano e teve um papel importante no planeamento urbano, estudando a forma como os indivíduos observam, percebem e transitam na paisagem urbana. O seu livro mais conhecido é *Imagem da cidade* e teve uma grande influência na arquitetura e na psicologia ambiental.

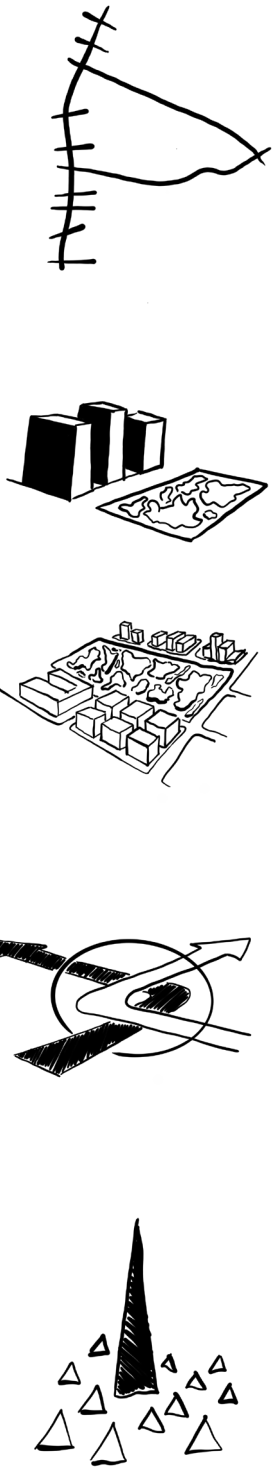


Fig. 9 A Imagem da Cidade e os Seus Elementos de Kevin Lynch. Os cinco elementos. Vias, Limites, Bairros, Cruzamentos e Pontos Marcantes

a horizontal e a vertical. "Todo o espaço cercado é definido por uma fronteira" [25], e para Schulz, estas fronteiras são o chão, a parede e o teto. Da mesma forma a paisagem também tem fronteiras e são elas o solo, o horizonte e o céu. O conceito de caráter, por outro lado, é simultaneamente geral e concreto. "Por um lado, indica uma atmosfera geral e abrangente, e por outro, a forma e a substância concreta dos elementos que definem o espaço".[26] Para determinados lugares são necessários determinados ambientes, ou seja, "um habitat tem de ser "protetor"; um escritório tem de ser "prático"; um salão tem de ser "festivo"; e uma igreja tem de ser "solene"."[27] "Todos os lugares possuem um caráter" [28] e é importante perceber que esse caráter varia em função do tempo, muda de acordo com as estações do ano, com o passar do dia e até mesmo com a situação meteorológica.

Com uma opinião não contrária, mas que complementa a de Christian Norberg-Schulz temos as de Álvaro Siza[29] e Tadao Ando[30]. Segundo uma entrevista a Álvaro Siza, realizada por Carlos Dantas[31], o conceito de lugar é muito variável. Podemos estar perante diferentes ambientes quando nos referimos a um lugar, podemos intervir no deserto do Saara ou no espaço entre dois edifícios numa cidade. Se construir no deserto, o que define esse lugar é a "horizontalidade, é o espaço a perder de vista, a não delimitação material"[32], se estivermos a falar de um espaço entre dois edifícios, o que caracteriza o lugar é a sua "essência, o ritmo das aberturas, os materiais, a decoração".[33] Para Álvaro Siza, o projeto arquitetónico tem de ter início numa pesquisa sobre o "lugar", que tem como objetivo identificar questões sobre o contexto, de forma a se poder intervir arquitetonicamente de forma consciente. Nos projetos que realiza, Siza, tem em atenção a geografia do lugar, o seu valor histórico e a dinâmica da cidade; "para Álvaro Siza, a prática arquitetónica deve fazer a mediação entre o território, o terreno, os contextos culturais do "lugar" e o que é parte influente das transformações do

---

25 SCHULZ, Christian Norberg; *O Fenómeno do Lugar* in *Uma Nova Agenda Para a Arquitetura;* São Paulo: Cosac Naify, 2006, pg. 450

26 SCHULZ, Christian Norberg; *O Fenómeno do Lugar* in *Uma Nova Agenda Para a Arquitetura;* São Paulo: Cosac Naify, 2006, pg. 451

27 Ibidem; pg. 451

28 Ibidem; pg. 451

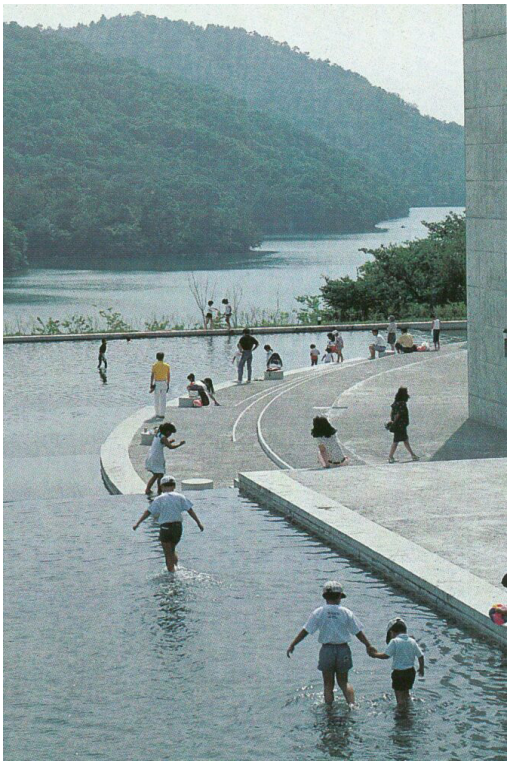
29 Álvaro Siza (25 Junho 1993) formou-se em Arquitetura na Escola Superior de Belas Artes no Porto, mais tarde começou a trabalhar como assistente do arquiteto Fernando Távora. Foi professor na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, na Universidade de Harvard, na Escola Politécnica de Lausanne. Em 1992 ganhou um prémio Pritzkler.

30 Tadao Ando (13 Setembro 1941) é um arquiteto japonês e professor na Universidade de Tóquio. Em 1995 ganhou um Prémio Pritzker. Não tirou nenhuma formação em arquitetura, tendo apenas trabalhado como camionista e lutador de boxe. O tema das suas obras recai muito na preocupação com a Natureza e as questões sustentáveis.

31 Carlos Felipe Albuquerque Dantas formou-se em Arquitetura e Urbanismo, atuando, principalmente, nos temas da habitação, museus e do património. Realizou a tese de Mestrado com o título *A "transformação do lugar" na Arquitetura Contemporânea.*

32 DANTAS, Carlos Felipe Albuquerque; in *Álvaro Siza & Rem Koolhaas: a transformação do lugar na arquitetura contemporânea;* São Paulo: Annablume, 2011, pg. 121

33 Ibidem; pg. 121



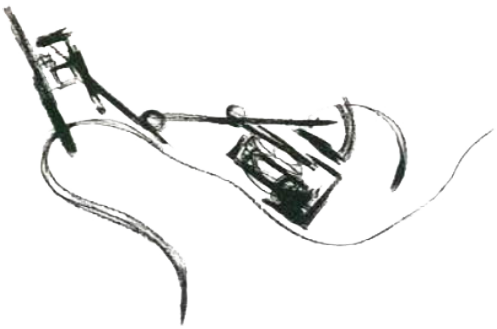


Fig. 10 Museu das Crianças em Hyogo do Arquiteto Japonês Tadao Ando
Fig. 11 Esquiço da planta do Museu das Crianças

tempo na sociedade"[34].

Paralelamente, Tadao Ando considera que a obra arquitetónica acaba sempre por criar uma nova paisagem. As suas obras, como o Museu para Crianças (Hyogo), o Museu da Floresta de Túmulos (Kumamoto), o edifício central da Raika, entre outros, espelham o objetivo do arquiteto de criar uma paisagem balanceada com as características do lugar. Para Tadao Ando, o objetivo do arquiteto é encontrar uma lógica que esteja unida ao lugar. Ao fazer-se arquitetura, deve-se ter em atenção "as características formais de um sítio, ao lado das suas tradições culturais, clima e aspetos naturais e ambientais, a estrutura da cidade que lhe constitui o seu pano de fundo, e os padrões de vida e costumes ancestrais"[35]

"O propósito existencial do construir (arquitetura) é fazer um sítio tornar-se um lugar".[36] Países, regiões, paisagens, assentamentos, construções, estas palavras fazem parte de uma escala de níveis ambientais. É aqui que surge um tema importante: a relação entre os lugares ditos naturais e os lugares criados pelo Homem. Segundo Norberg-Schulz os lugares criados pelo Homem relacionam-se com os lugares naturais através de três aspetos básicos. O primeiro é Visualizar. O Homem quer entender a natureza, tornar a sua estrutura mais exata, sentindo a necessidade e o desejo de a conquistar e de nela construir. "Onde a natureza insinua um espaço delimitado, constrói uma área fechada; onde a natureza se mostra centralizada ele ergue um mal [marco]; onde a natureza indica uma direção, ele faz caminho".[37] De seguida surge a necessidade de Simbolizar. O ser humano precisa de simbolizar o seu modo de entender a natureza, ou seja, quer "traduzir para outro meio um significado experimentado".[38] O terceiro aspeto é Reunir. O Homem precisa de agregar os significados apreendidos através da sua experiência de forma a criar um microcosmo. Visualizar, Simbolizar e Reunir são aspetos pelos quais o ser humano passa a fixar-se num lugar e habitar esse lugar depende destas três funções.

"Usamos a palavra habitar para nos referirmos às relações entre o Homem e o Lugar".[39] Segundo Norberg-Schulz, quando o homem habita um espaço, está simultaneamente a viver o espaço e a sentir o seu caráter ambiental. Quando o Homem está num lugar, tem de conseguir orientar-se e ao mesmo tempo identificar-se com o ambiente que o rodeia. Segundo Kevin Lynch "ter uma boa imagem ambiental confere ao indivíduo uma importante sensação

---

34 Ibidem, pg. 37

35 ANDO, Tadao; *Por Novos Horizontes na Arquitetura* in *Uma Nova Agenda Para a Arquitetura;* São Paulo: Cosac Naify, 2006, pg. 76

36 SCHULZ, Christian Norberg; *O Fenómeno do Lugar* in *Uma Nova Agenda Para a Arquitetura;*São Paulo: Cosac Naify, 2006, pg. 454

37 Ibidem; pg. 453

38 Ibidem; pg. 453

39 Ibidem, pg. 455

de segurança emocional"[40], por esta razão várias culturas criaram os seus próprios sistemas de orientação e a sua imagem ambiental.

Com identificação, o autor refere-se a uma relação de afinidade com um determinado ambiente. As características de um determinado espaço servem para identificar um certo lugar ou ambiente e têm uma relação muito própria com cada indivíduo, relação esta que foi sendo desenvolvida na infância. As crianças brincam em espaços verdes, na areia, com pedras, com coisas duras e macias, ouvem o som do vento, têm frio e calor. É assim que uma criança passa a ter o conhecimento do ambiente que a rodeia, algo que no futuro irá ter impacto nas suas experiências. Por isso, muitas vezes, ao longo da nossa vida, nos encontramos num local e dizemos "sinto-me em casa". Isto acontece através do cheiro, do som ou das características da paisagem. "A identidade humana pressupõe a identidade do lugar".[41] Identificação e orientação são a base do dia-a-dia do ser humano. Christian Norberg-Schulz conclui que o fundamento da arquitetura é compreender a essência do lugar. O Homem faz parte do ambiente e apenas contribui para a sua alienação e rutura quando se esquece disso.

> "A identificação é a base do sentimento de pertencer, a orientação é a função que o torna capaz de ser aquele homem peregrino"[42].

*

Relacionado com este assunto da essência do lugar surge o conceito romano Genius Loci. Na Roma antiga acreditava-se que todos os seres tinham um genius, ou seja, um espírito guardião que dava vida às pessoas e aos lugares e que determinava o seu caráter e a sua essência. Schulz, tal como Vittorio Gregotti [43], introduz este conceito, como sendo "a ideia do espírito de um determinado lugar (que estabelece um elo com o sagrado), que cria um "outro" ou um oposto com o qual a humanidade se deve defrontar a fim de habitar". [44] Para o autor, habitar é estar em paz num lugar protegido e é esta paz que tem vindo a ser destruída com a invasão turística a que se tem assistido nos últimos tempos e que teve consequências negativas para os lugares e para a sua essência.

Daniela Silva[45], a autora do artigo How Tourism is shaping the urban realities, fala um pouco

---

40 Ibidem; pg. 445

41 Ibidem; pg. 457

42 Ibidem; pg. 457

43 Segundo Vittorio Gregotti, Genius Loci é um lugar singular e característico, pitoresco e típico.

44 SCHULZ, Christian Norberg; O Fenómeno do Lugar in Uma Nova Agenda Para a Arquitetura; São Paulo: Cosac Naify, 2006, pg. 443

45 Daniela Silva (1987, Lisboa) licenciou-se em 2008 pela ULHT – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – e em 2011 concluiu o Mestrado em Arquitetura. Foi colaboradora no Atelier Wonk Architectes em França e também no Japão, no Atelier Sou Fujimoto Architects. Escreveu vários livros e artigos dos quais podemos destacar How tourism is Shaping the Urban Realities e How Machines are changing the way we work and think.

sobre este tema do turismo e os impactos positivos e negativos nas cidades e nas suas paisagens. A perda da indústria manufatureira nos anos 70 e 80, fez com que o turismo ganhasse uma grande importância na regeneração urbana, ao trazer inúmeros benefícios económicos para as comunidades. Isto tem vindo a causar várias transformações no modo como se vive na cidade, que se faz notar no fluxo de turistas que têm assoberbado e invadido as cidades. Apesar de ter aspetos negativos, o turismo também tem um impacto positivo na evolução das cidades, pois este processo de globalização tem vindo a criar relações sociais, culturais e económicas, e acabou por impulsionar a revitalização e a reabilitação das zonas urbanas que até à data tinham sido deixadas ao abandono.

Tal como aconteceu no meio urbano, também no meio rural começou a surgir pressão face ao turismo, que se tornou de tal forma intensa que acabou por destruir estes lugares que antes eram considerados refúgios à cidade, e que agora passaram a ter tanto movimento como as cidades populosas. Com a dinâmica da vida urbana sentida nas grandes cidades, o ser humano começa a sentir a necessidade de fugir ao stress citadino e regressar às suas origens naturais e históricas. O desejo de um regresso "à paisagem rural, à aldeia, à pequena cidade ignorada pelo desenvolvimento moderno".[46] Esta procura realizada pelo indivíduo de se recriar enquanto ser, mostra a crescente perda da nossa integridade ambiental.

Nos dias de hoje, assistimos a uma sucessiva perda da essência dos lugares nos ambientes urbanos, principalmente devido ao turismo e à criação de ambientes irreais para usufruto de indivíduos que vivem o espaço por um curto período de tempo e que acaba por destruir a imagem original do ambiente que os moradores permanentes tinham. Isto leva a que a população comece a abandonar as cidades e procure esta essência e esta ligação perdida noutros locais, nomeadamente nos locais mais "naturais" onde esta essência permaneceu, maioritariamente, inalterada. Onde ainda existe uma relação próxima e visível entre o Homem e o Lugar.

46 GLIKSON, Artur; in *The Ecological Basis of Planning;* Springer Netherlands, 2012; pg. 18

DA PAISAGEM DA ARQUITETURA

Definição de Conceitos

As definições de paisagem variam de disciplina para disciplina e, muitas vezes, até dentro de autores da mesma área de estudo. Neste capítulo, serão expostos os conceitos de natureza, paisagem e arquitetura por diferentes indivíduos de diferentes especialidades.

Segundo Álvaro Domingues[47], a partir do momento em que começaram a surgir teses ambientalistas, com o intuito de salientar a importância do desenvolvimento ecológico do território, surge, também, uma retoma e uma atualização do conceito de paisagem. Com tantos campos disciplinares, surge a necessidade de voltar a dar atenção aos valores patrimoniais e ambientais, concedendo à paisagem uma grande visibilidade social. Começaram, então, a surgir novas construções, normalmente de caráter turístico, que têm como objetivo sensibilizar a população para a importância de salvaguardar o meio ambiente e os ecossistemas que o compõem. Para o autor, fora do campo disciplinar da geografia, o conceito de paisagem adquire diferentes valores, por vezes, surgindo num sentido mais "naturalista" e noutras com um sentido mais "culturalista", retomando ideias bucólicas e nostálgicas do que outrora tinha sido a paisagem nos seus tempos de glória.[48]

Para Gonçalo Ribeiro Telles, arquiteto paisagista, a palavra paisagem surgiu da pintura, isto porque a Natureza era interpretada através da pintura que dela se fazia. Contudo, perante os tempos modernos, é necessário abrirem-se os horizontes e criar um novo conceito para a palavra paisagem, um conceito que não se deve basear apenas naquilo que a vista humana alcança. Segundo o autor, a contemplação da paisagem deve ser interpretativa e condicionar-se ao ser humano, isto porque esta é "um valor que se não pode separar do conjunto de valores que serve o interesse humano".[49]

Já para a arquiteta paisagista, Anne Spirn[50], a paisagem é a nossa linguagem nativa. Foi a primeira casa do ser humano. O Homem evoluiu entre os animais, as plantas, em contacto com o céu, a terra e a água. O Homem tocou, viu, ouviu, cheirou, saboreou, viveu e modelou

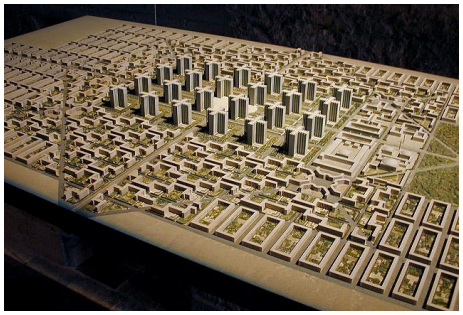
---

47 Álvaro Domingues (1959, Melgaço) é um geógrafo, doutorado em Geografia Humana pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. é investigador no Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo na FAUP, onde se centra nos temas da Geografia Humana, Paisagem, Urbanismo e nas Políticas Urbanas. Os seus principais livros e artigos são *A Paisagem Revisitada, Paisagens Transgénicas* e *A Rua da Estrada.*

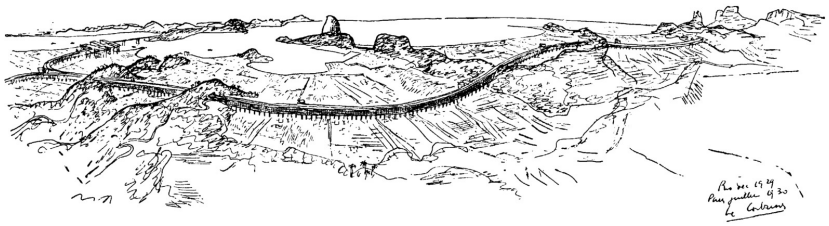
48 DOMINGUES, Álvaro; Finisterra in *A paisagem revisitada;* 2001, pg. 60 e 61

49 TELLES, Gonçalo Ribeiro; in *Gonçalo Ribeiro Telles: textos escolhidos;* Lisboa: Argumentum, 2016, pg. 19

50 Anne Whiston Spirn é uma autora premiada, arquiteta paisagista, fotógrafa, professora e académica. O seu trabalho dedica-se à promoção de comunidades que sustentem a vida e ajudem as pessoas a entender e sentir a relação entre o mundo natural e o construído. Os seus principais livros são *The Language of Landscape* e *The Eye is a Door: Landscape, Photography and the Art of Discovery.*







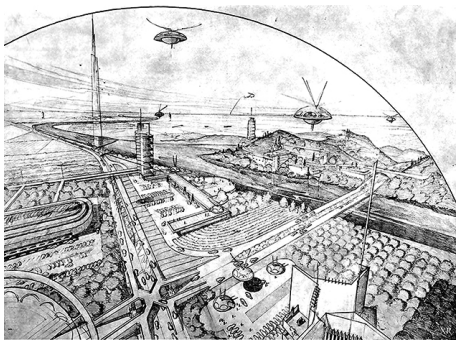


Fig. 12 Proposta de Le Corbusier da Ville Radieuse, 1924
Fig. 13 Plano de Le Corbusier para S. Paulo
Fig. 14 Proposta de Le Corbusier para o Rio de Janeiro, 1929
Fig. 15 Desenho da Broadacre City de Frank Lloyd Wright

a paisagem antes mesmo de existir uma linguagem própria que a descrevesse. A paisagem, tal como a linguagem, contém o equivalente a palavras – padrões de forma, estrutura, material, formação e função. Spirn dá o exemplo das palavras que se inserem numa frase, que se inserem num parágrafo, que por sua vez fazem parte de um capítulo. Da mesma forma, a folha faz parte de um ramo que compõe uma árvore, que se insere numa floresta.[51] Tal como foi referido por Gonçalo Telles, Anne Spirn também considera que a paisagem é mais do que uma superfície, é mais do que uma composição estática ou um pano de fundo passivo numa peça de teatro. Contudo, atualmente, permanece a ideia errada do que é a paisagem; muitas vezes associando-lhe o mesmo significado que ambiente e lugar, quando, na verdade, "A linguagem da paisagem recupera a ligação dinâmica entre o lugar e aqueles que nele habitam".[52] Anne Spirn é da opinião que a literatura paisagística, para ser totalmente sentida e conhecida, tem de ser sentida e experienciada in situ. Palavras, desenhos, pinturas ou fotografias não podem substituir a vivência do lugar.[53] Temos de sentir a paisagem, vê-la, cheirá-la, saboreá-la, ouvi-la. [54]

Para Vittorio Gregotti há três modos de interpretar a paisagem. O primeiro é através da ideia de mito, isto porque de cada vez que um grupo elege um espaço e lhe dá uma simbologia, esse espaço passa a ter um valor diferente do que aquele que a natureza lhe deu (Ex: monumento, bosque sagrado, lugar proibido). O segundo modo é através do testemunho, ou seja, a paisagem como qualidade, evidência e quantidade. O modo como nos é dada a conhecer e como damos a conhecer uma paisagem, que normalmente é através de instrumentos de representação como a pintura, a fotografia e o cinema.[55] O terceiro modo tem a ver com a forma urbana, mais precisamente quanto aos problemas e experiências da estruturação formal da arquitetura em grande escala. A cidade é a transformação mais radical que o ser humano realizou, uma vez que foi capaz de transformar um ambiente natural num ambiente cultural, onde se criaram microclimas próprios para tornar possível a sobrevivência do ser humano ao longo de todo o ano.[56]

Gregotti apresenta uma solução para o problema da estruturação formal do ambiente antropogeográfico[57], que passa por rever o conceito de Natureza como valor. O autor expõe

---

51 SPIRN, Anne Whiston; in *The language of landscape;* New Haven: Yale University Press, 1998, pg. 15

52 Ibidem, pg. 17

53 Ibidem, pg. 21

54 Ibidem, pg. 22

55 GREGOTTI, Vittorio; in *Il progetto del passato: memoria, conservazione, restauro, architettura;* Bruno Mondadori, 1997, pg. 65 e 66

56 Ibidem, pg. 68

57 Antropogeografia é a parte da geografia comparada que trata da distribuição do Homem pela Terra. "antropogeografia", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, https://dicionario.priberam.org/antropogeografia [consultado em 22-09-2021].









Fig. 16 A paisagem estática
Fig. 17 Montanha
Fig. 18 Estrada Rural
Fig. 19 Cidade

duas opiniões quanto a este assunto. Primeiro, Le Corbusier, que defende a ideia de natureza que penetra na cidade através da arquitetura, como aquela que apresentou no Plan Voisin e nos esquemas das cidades do Rio de Janeiro e de S. Paulo. E a de Frank Lloyd Wright, que defende a ideia de cidade e campo como dois fatores indistintos que são submetidos às leis da criatividade da natureza orgânica, como apresentado no Broadacre City.

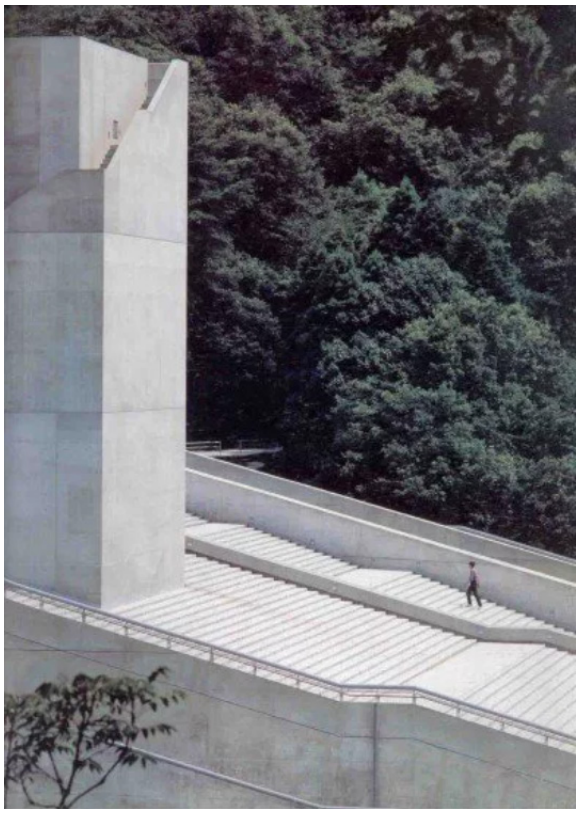
É importante perceber que paisagem e natureza são conceitos diferentes. Muitas vezes associa-se paisagem a montanha, prado e a estrada rural, acabando por esquecer que rodovia e cidade também são componentes da paisagem[58]. Existe na sociedade atual a ideia de que paisagem é campo e que cidade não é paisagem. Segundo Anne Spirn, esse pensamento encara a paisagem como um mero cenário, priorizando a aparência em relação à habitabilidade, o que leva a uma banalização da paisagem enquanto decoração. Ao categorizarmos as paisagens como naturais, artificiais ou culturais estamos a associar-lhes um significado não verdadeiro, isto porque uma paisagem nunca é inteiramente uma coisa ou outra. Devemos aprender a ver e conhecer a natureza como um conjunto de ideias e não como um lugar específico e a paisagem como uma expressão de ideias e ações de um local e não como uma abstração. [59]

> "A natureza pode ser considerada como um processo interativo, que responde a leis, que constitui um sistema de valores e que oferece intrinsecamente, oportunidades e limitações ao uso humano." [60]

Ian Mcharg no seu livro Design with nature questiona-se sobre qual é o lugar da natureza no ambiente humano. Do ponto de vista da economia, a natureza é vista de uma forma uniforme e é avaliada segundo distâncias de tempo, custo de terra, etc. Mas a natureza não é uniforme; varia de acordo com a história, a geologia, o clima, a fisiografia, o solo, as plantas, os animais, etc. Os lagos, rios, oceanos e montanhas não se encontram onde o economista quer que estejam. "A Natureza é intrinsecamente variável".[61] Já do ponto de vista do planeador geométrico, a cidade estaria rodeada por um anel verde, onde atividades como a agricultura seriam preservadas. A conclusão a que Mcharg chega é que a natureza é um sistema único interativo e qualquer mudança que se faça alterará o seu funcionamento como um todo.

---

58 SPIRN, Anne Whiston; in *The language of landscape;* New Haven: Yale University Press, 1998, pg. 24
59 Ibidem, pg. 24
60 MCHARG, Ian Lennox; in *Design with Nature;* Turtleback, 1995, pg. 55
61 Ibidem; pg. 56



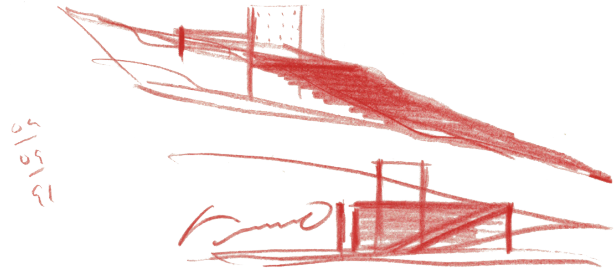


Fig. 20 Museu de História Chikatsu Asuka do Arquiteto Japonês Tadao Ando
Fig. 21 Esquiço do Museu de História do Arquiteto Japonês Tadao Ando

O papel da Arquitetura na Paisagem

Para Ribeiro Telles, a arquitetura deve ordenar o caos que se formou ao longo de quase 200 anos, de forma a tornar o planeta num espaço equilibrado e sustentável. A nova organização territorial, que se vai criar para o futuro deve ser pensada de acordo com modelos teóricos, baseados numa rede urbana hierarquizada e numa rede urbana que a sirva. "É pois o papel da arquitetura do futuro propor modelos para a reconstrução de um território humanizado".[62]

A opinião de Tadao Ando, exposta no seu texto Toward New Horizons in Architecture, é a de que o caminho mais promissor para a arquitetura contemporânea passa por "substituir os métodos mecânicos, letárgicos e medíocres", característicos do modernismo, por uma arquitetura meditativa e abstrata, tal como era nos tempos primórdios. O arquiteto só consegue manifestar o caráter das origens da sua obra, depois de contemplar a origem e a essência dos requisitos funcionais do projeto e compreender os seus problemas essenciais. Ao conceder o projeto do museu histórico Chikatsu-Asuka (Osaka), num local importante para a história antiga do Japão, começou a perceber a importância de se fazer uma arquitetura que não desfigure a paisagem. Por isso, optou por fazer uma obra que tinha como objetivo acolher a paisagem envolvente. O arquiteto procura introduzir a natureza nas suas obras através do contacto com os elementos naturais – água, vento, luz e céu.

A tradição japonesa tem um olhar diferente perante a natureza em comparação com a ocidental. O ser humano não se tenta opor à natureza, nem tenta controlá-la; em vez disso, procura associar-se a esta, de forma íntima, com o intuito de a ela se unir. Esta sensibilidade para com o meio que os rodeia deu origem a uma cultura que não cria uma fronteira física entre a arquitetura (habitação) e a natureza, mas sim um limiar espiritual. "Não há uma demarcação clara entre interior e exterior, mas uma permeabilidade recíproca".[63] Infelizmente, a cultura oriental parece estar cada vez mais longe da compreensão da natureza e, por isso, o seu papel deve ser o de proporcionar às pessoas um lugar onde sintam a presença da mesma.

> "Quando a presença da arquitetura transforma um lugar, dando-lhe uma nova intensidade, é possível descobrir uma nova relação com a natureza." [64]

62 TELLES, Gonçalo Ribeiro; in *Gonçalo Ribeiro Telles: textos escolhidos;* Lisboa: Argumentum, 2016, pg. 185

63 ANDO, Tadao; *Por Novos Horizontes na Arquitetura* in *Uma Nova Agenda Para a Arquitetura;* São Paulo: Cosac Naify, 2006, pg. 76

64 Ibidem; pg. 76

Na maioria dos países, os valores tradicionais foram sendo destruídos ao longo dos séculos e, atualmente, as poucas cidades que conseguem viver harmoniosamente com a natureza e a paisagem estão a transformar-se para conseguirem satisfazer os propósitos das grandes cidades. Isto acontece, porque há um grande movimento de pessoas entre os centros – onde se encontram os locais de trabalho – e as periferias – onde estão as zonas residenciais. Acabamos por regressar aos princípios da mobilidade dos nómadas, onde o ser humano se deslocava de um local para o outro, quando estes se tornavam hostis. Esta é uma boa metáfora para o que ocorre nos dias de hoje, em que as grandes cidades são os ambientes hostis e as zonas residenciais são os ambientes benignos. Por isso, a paisagem é considerada e imaginada como um ambiente bucólico "natural", ao qual estão associados sentimentos nostálgicos do que tinha sido outrora.

Segundo Álvaro Domingues, sempre que pensamos no conceito de "paisagem", atribuímos-lhe um propósito nostálgico. A paisagem é o culminar da relação entre o tempo e a ação do Homem – a sociedade em que se insere, a história da sua evolução, a sua cultura e a evolução tecnológica. "As paisagens eram património cultural, elemento imprescindível da identidade de um povo".[65] Por esta razão, o estudo da paisagem requer inúmeras atuações: "Desmontar para perceber, relacionar, encontrar as marcas do tempo, as vicissitudes da história, as estações, os campos, as formas de povoamento, as construções, os materiais".[66] É importante salientar que, antes da revolução do 25 de Abril, Portugal era visto como um país rural, tradicionalista, onde predominava a ideia de uma imagem bucólica e romântica do território, da sua população e dos seus costumes. Desta forma, a paisagem portuguesa passou a ter uma dupla posição: uma condição mais ligada à realidade e outra à nostalgia.

Artur Glikson afirma que os fragmentos da paisagem tradicional fazem parte da herança cultural e são identidade dos povos, mas, sem a humanização da paisagem e a harmonia com a natureza, não há lugar para o progresso. Para Álvaro Domingues, esta maneira de ver a paisagem como uma memória e a relação entre o Homem e o meio que o rodeia, tem ainda inúmeros problemas por resolver. Em termos sociais, existe a procura de uma "paisagem", de um "lugar" e de um "património"; tem-se a vontade de reconstruir uma identidade que se foi perdendo ao longo do tempo e surge a necessidade de se defender os valores naturais e ecológicos.[67]

65 DOMINGUES, Álvaro; Finisterra in *A paisagem revisitada;* 2001, pg. 56
66 Ibidem; pg. 56
67 Ibidem, pg. 62



Fig. 22 Inquérito da Arquitetura Popular em Portugal. O quotidiano

Antes do efeito da urbanização em Portugal, havia uma estabilidade nas paisagens devido aos modos de vida rurais e tradicionais que existiam em certas regiões, onde predominava, principalmente, a prática da agricultura, o que contribuía exponencialmente para a "construção da paisagem". Esta estabilidade perdeu-se com a modernização de certas regiões do país, que deixaram a agricultura e passaram a focar-se noutras atividades, o que acabou por levar à "crise" da paisagem. Para Álvaro Domingues, a crise da paisagem é definida por um património ameaçado, uma identidade perdida e até um empobrecimento cultural. Apesar da paisagem ter um conceito geral e abrangente, começa-se a correr o risco de se reduzir a palavra aos seus elementos naturais e à sua dinâmica ecológica.[68]

Para além deste problema, causado pela evolução do ser humano, surge também a questão de como é vista a paisagem nos tempos de hoje. Segundo Gonçalo Ribeiro Telles, a paisagem está a "morrer", isto porque prevalece a ideia de que o mundo rural está ligado ao atraso e ao subdesenvolvimento, e por ser visto como o local onde vive uma população estagnada e idosa que nega o processo. Para além deste pensamento levar à decadência do mundo rural, temos também presente uma política de desenvolvimento cujo objetivo é maximizar as produções, não tendo em conta as consequências que isso pode trazer a nível social e de degradação dos territórios. O incentivo às criações de monoculturas, a agroquímica, a destruição das zonagens da paisagem e a expansão da construção de urbanizações, leva à erosão do solo, às alterações climáticas e microclimáticas, à desertificação e despovoamento das zonas menos favorecidas do interior do país, à marginalização social das cidades e a uma pobreza generalizada.[69]

Para Artur Glikson, a origem destes problemas do uso recreativo do solo revela-se muitas vezes nas várias fases que os países desenvolvidos sofreram ao longo dos últimos séculos. Numa primeira instância, houve um grande número de pessoas que vivia no meio rural e que abandonou as suas terras, deslocando-se para a cidade em busca de emprego e de uma vida melhor. Com estas migrações, rapidamente as zonas urbanas mais pequenas, ou até mesmo rurais, cresceram a um ritmo acelerado, o que fez com que a paisagem – o meio ambiente que circunda o ser humano – ficasse submersa e fosse consumida pela urbanização que foi ocorrendo. Com esta migração populacional e a consequente expansão dos poderes políticos e económicos, começaram a surgir novos métodos de produção e de comércio. Isto levou a uma elevada taxa de utilização dos recursos naturais da Terra que, consequentemente, levou à degradação progressiva da paisagem dita rural, devido "à deflorestação, à mecanização da agricultura, ao parcelamento, à introdução de monoculturas, aos métodos de cultivo defei-

68 DOMINGUES, Álvaro; Finisterra in *A paisagem revisitada;* 2001, pg. 60
69 Ibidem, pg. 56

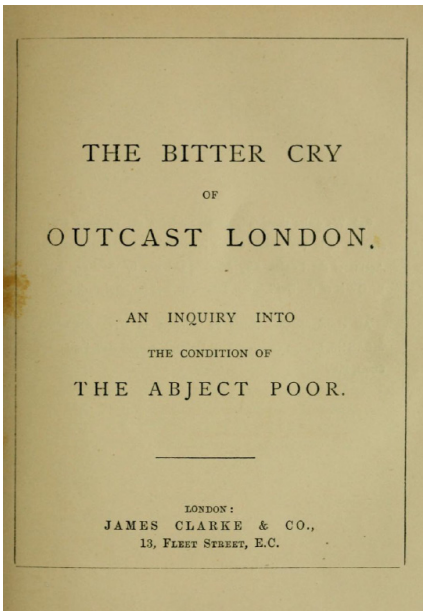

THE BITTER CRY
OF
OUTCAST LONDON.
AN INQUIRY INTO
THE CONDITION OF
THE ABJECT POOR.
LONDON:
JAMES CLARKE & CO.,
13, FLEET STREET, E.C.

Fig. 23 The Bitter Cry of Outcast London. Andrew Mearns

tuosos, à mineração e à construção de centrais industriais e elétricas".[70]

Numa segunda fase, a população urbana, que tinha ido para as zonas industrializadas à procura de uma vida melhor, continuava a crescer, mas vivia compactada em bairros insalubres e sem quaisquer condições higiénicas, começando a surgir um sentimento de nostalgia rural face ao que tinham perdido e deixado para trás. Com o passar do tempo, este problema das más condições em que vivia a classe operária, foi reconhecido pelos políticos e pelas classes mais elevadas, com o aparecimento de inúmeros artigos e livros que começaram a surgir com as descrições das vidas deste nível hierárquico da população. Para além destas questões socias, durante a rápida expansão urbana causada pela industrialização, a paisagem sofreu inúmeras transformações e mutações, e apenas pequenas zonas isoladas, normalmente pontos ou locais em declínio económico, é que conseguiram manter o seu caráter rural original.

Segundo Artur Glikson, para conseguir responder aos novos ritmos da sociedade atual, as regiões devem conseguir englobar espaços de trabalho, zonas residenciais, transportes e contactos sociais.

> "O ordenamento do território deve espelhar uma tentativa de equilibrar uma medida de pertença ambiental com uma medida livre de mobilidade (···) uma relação significativa e valiosa entre o homem e a sua paisagem".[71]

70 GLIKSON, Artur; in *The Ecological Basis of Planning;* Springer Netherlands, 2012, pg. 17
71 Ibidem; pg. 43

Paisagem como um sistema de valores

A necessidade do Homem aumenta ao mesmo tempo que a paisagem recreativa se vai deteriorando. Segundo Ian Mcharg, existem três fases para o desenvolvimento ambiental. Primeiro, o Homem urbano deve entender que, ao conquistar o campo e criar cidades, vai perdendo os seus valores. Segundo, que na reconstrução da paisagem, a cooperação entre a cidade e o campo e entre as pessoas, que fazem parte de cada um destes espaços pode culminar num ambiente fértil e habitável. "Esta seria a maior mudança ambiental desde o tempo neolítico".[72] E por último, com estes propósitos em mente, o homem redescobriria a Terra como um recurso inesgotável para a recriação humana.

O juízo proposto por Ian Mcharg é que qualquer zona é a soma dos seus processos históricos, físicos e biológicos e que estes são dinâmicos e constituem valores sociais, ou seja, cada zona territorial tem uma aptidão para determinados usos do solo e há algumas áreas que têm mais do que uma aptidão. Nunca nos podemos esquecer que a ocupação humana modifica os processos naturais. De acordo com os estudos realizados por Mcharg, é importante reconhecer o dinamismo dos processos naturais, físicos e biológicos, e entender como estes afetam o Homem e como são afetados pelo Homem.[73] Os recursos terrestres, atmosféricos e hídricos são indispensáveis à vida e, como tal, constituem valores socais.[74]

Para Anne Spirn é importante percebermos que a sobrevivência do Homem enquanto espécie depende da capacidade de nos adaptarmos, nós mesmos e as nossas paisagens – edifícios, rios, campos, florestas, etc. -, a novas formas de viver, sustentáveis, moldando-nos ao ar, à terra, à água e à vida.[75] Temos que criar paisagens que sejam funcionais, sustentáveis, significativas e artísticas. Gonçalo Ribeiro Telles complementa esta visão, acrescentado que, para que haja um desenvolvimento na sociedade humana, é necessário prestar atenção à qualidade da água e do ar; deve haver um melhor aproveitamento da luz, e deve haver uma grande diversidade de vida, tanto fauna como flora. A industrialização criou as grandes cidades e com elas trouxe os grandes dormitórios periféricos, levou a uma maior taxa de poluição da água e do ar, levou à marginalidade e isolamento social e levou ao abandono das zonas rurais (principalmente situadas no interior do país). É necessário evitar a tragédia para a qual o desenvolvimento atual nos está a conduzir. É necessário planear uma nova ideia de paisagem e evitar a divisão que se fez entre espaço rural e espaço urbano. A expansão urbana e o

72 GLIKSON, Artur; in *The Ecological Basis of Planning;* Springer Netherlands, 2012, pg. 33

73 MCHARG, Ian Lennox; in *Design with Nature;* Turtleback, 1995, pg. 104

74 Valores sociais são critérios que orientam o modo de ser, estar e agir num determinado grupo social e cujo objetivo é a convivência pacífica e conciliadora entre os membros de uma comunidade.

75 SPIRN, Anne Whiston; in *The language of landscape;* New Haven: Yale University Press, 1998, pg. 26

crescimento demográfico têm levado à imposição de uma área restrita para a Natureza se desenvolver. Por esta razão, a cidade deve expandir-se para o mundo rural sem destruir a sua essência. O Homem e a Natureza precisam de viver em harmonia.[76]

Álvaro Domingues, no seu texto A paisagem revisitada, conclui que é necessário estabelecer novas bases para a definição do conceito de paisagem. Primeiro, no âmbito da ecologia da paisagem, enfatizando-se a defesa dos valores ambientais naturais e incorporando novas disciplinas ligadas às ciências naturais, como a biologia e a botânica. Isto ajudaria na criação de um desenvolvimento "sustentável", onde seriam aplicados conceitos de biodiversidade, redes ecológicas, etc. A segunda base está mais ligada à arquitetura paisagística, onde o foco está na paisagem cultural. O valor patrimonial das paisagens é muitas vezes confundido e sobrevalorizado pela ideia bucólica dos elementos pitorescos tradicionais. Por esta razão, a UNESCO definiu três critérios de classificação para as paisagens culturais: as paisagens intencionalmente criadas pelo Homem, normalmente ligadas a edifícios de caráter religioso; as paisagens cuja evolução ocorreu organicamente, sem a intervenção do ser humano, mas que teve uma origem social, económica, administrativa ou religiosa; e por fim, as paisagens com interesse religioso, artístico ou cultural.

O desafio dos dias de hoje é o da valorização, recuperação e proteção das paisagens e, por isso, deve-se ter em conta a conciliação entre os valores tradicionais e as mudanças das condições da sociedade atual.

"Mudam-se os tempos, mudam-se as sociedades, e com elas, as paisagens"[77]

76 TELLES, Gonçalo Ribeiro; in *Gonçalo Ribeiro Telles: textos escolhidos;* Lisboa: Argumentum, 2016; pg. 102
77 DOMINGUES, Álvaro; Finisterra in *A paisagem revisitada;* 2001, pg. 65

DO PATRIMÓNIO DA ARQUITETURA

O QUE PRESERVAR?

Após a análise da definição do conceito de paisagem, por parte dos diferentes autores abordados, e a constatação dos problemas e perigos que ela corre, devemos debater sobre como agir na sua preservação. Segundo Alexandre D'Orey Cancela D'Abreu[78], as paisagens alteradas pelo ser humano estão sempre em constante alteração e espelham as complexas interações que ocorrem entre o Homem e a natureza[79]. A autora do artigo "De Paisagem a Património", Natália Fauvrelle[80], partilha da mesma opinião no que toca à paisagem enquanto património. Esta considera-a um artefacto vivo e em constante transformação. Como exemplo desta constante transformação, temos a paisagem do Alto Douro Vinhateiro, que, no início, tinha características montanhosas e que sofreu alterações por parte do ser humano de forma a ser possível o cultivo da vinha.

Segundo Manuel Mendes, no artigo "Da Intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho", o conceito de património é um conceito cultural, que, devido aos fatores do tempo, está sujeito a várias mutações. Isto porque, tal como irá ser visto no texto de Natália Fauvrelle, o conceito de património e o que ele inclui foi sofrendo alterações e evoluções ao longo do tempo; passou de uma visão monumentalista e patriótica, para uma visão mais globalizante, deixando de se considerar apenas os monumentos isoladamente e passando a dar importância ao espaço urbano e rural, à paisagem e aos objetos do quotidiano. Manuel Mendes é da opinião de que o património é um testemunho da história de um povo e tem um carácter museológico e não apenas um conjunto de materiais de valor estético e arquitetónico. Um elemento patrimonial só adquire o seu verdadeiro significado quando se relaciona com a sua envolvente física e cultural.[81] Da mesma forma, um ambiente também só adquire sentido, quando se relaciona com o elemento patrimonial. Ou seja, só quando há união por ambas as partes é que há lugar para um significado que isoladamente nenhum teria.

---

78 Alexandre D'Orey Cancela D'Abreu é um professor associado da Universidade de Évora, no Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico. é licenciado em Arquitetura Paisagista e em Engenharia Agronómica pela Universidade Técnica de Lisboa e doutorado em Artes e Técnicas da Paisagem pela Universidade de Évora. Tem vindo a desenvolver importantes investigações na área do ordenamento do território.

79 D'ABREU, Alexandre Cancela; *Paisagem enquanto património.* Pedra & Cal. Vol. nº 34. Abril | Maio | Junho. 2007, pg. 4

80 Natália Fauvrelle tirou o mestrado em História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade do Porto no âmbito do património e do restauro, tendo a sua tese como tema as quintas vinícolas do Douro. Tirou também o Doutoramento na FLUP em Museologia. é membro do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar "Cultura, Espaço e Memória" e fez parte do Concelho Português na ICOMOS entre 2015 e 2021.

81 MENDES, Manuel; in *Da intervenção na cidade histórica - longa duração e desenho;* Porto: Encontros AAP - habitação, 1998, pg. 4

Restauração e Reabilitação

Segundo Vittorio Gregotti, quando nos referimos a algo novo, podemos nos estar a referir a um passado recente ou distante. Por isso, devemos ter a consciência do valor do passado, pois isso é essencial para a construção de um projeto de arquitetura. "O passado não é nem amigo nem inimigo: é a condição do novo" [82]. Desta forma, ao iniciar-se um projeto, a folha nunca está em branco, está sempre cheia.

Manuel Mendes afirma que, ao tentarmos conservar o existente, encontramos o problema do "valor de evolução", do "valor histórico", do "valor artístico" e do "valor de antiguidade". É assim que surge o problema da Musealização e da Patrimonialização. Segundo Natália Fauvrelle, estes termos são muito próximos, pois ambos se referem "a um processo de valorização cultural e institucionalização de diferentes criações humanas" [83]. O termo patrimonialização, no início, era usado para nos referirmos aos objetos, contudo, com a evolução dos tempos e do próprio conceito de património, o termo passou a abranger locais como as cidades e as paisagens. O termo musealização é uma espécie de sinónimo do termo patrimonialização, contudo a raíz da palavra está associada aos museus. O termo patrimonialização é um processo teórico da passagem de um objeto, espaço ou ideia a património, enquanto a musealização está associada à interpretação desse objeto, espaço ou ideia. "A patrimonialização/musealização é um fenómeno paradoxal da sociedade contemporânea" [84], que surgiu face à rápida evolução e inovação dos tempos que correm e que levou a uma necessidade urgente de conservação do passado.

Manuel Mendes discute, também, estes conceitos. Para o autor, temos tendência a ver a cidade como um bem patrimonial, caminhando para um sentido de musealização da cidade – experiência ligada ao respeito cultural pelos testemunhos históricos da cidade – que é seguida pela ideia de museificação da cidade – experiência ligada a uma grande devoção e orientada para o consumo. Para este autor, a questão que se levanta é a de "reabitar os centros históricos", defendendo a ideia de requalificação urbana e não apenas a sua conser-

82 GREGOTTI, Vittorio; in *Il progetto del passato: memoria, conservazione, restauro, architettura;* Bruno Mondadori, 1997, pg. 18

83 FAUVRELLE, Natália; *Processos de musealização: um seminário de investigação internacional: atas do seminário:* an international research seminar: conference proceedings. in De paisagem a património - a classificação como processo de musealização da paisagem; Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2015, pg. 159

84 Ibidem; pg. 160





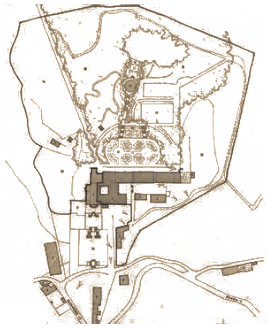


Fig. 24 Vista da Pousada e do Convento de Santa Marinha da Costa
Fig. 25 Vista das trazeiras da Pousada do Convento
Fig. 26 Planta de Cobertura da Pousada e do Convento

vação, de modo que exista uma extensão da cidade histórica em vez da criação de um centro histórico fechado sobre si mesmo. Manuel Mendes conclui que, nos dias atuais, já não existe um centro histórico, existem inúmeras estruturas históricas. Contudo, isso não quer dizer que devemos desvalorizar o passado, mas sim que "é preciso considerar o passado como presente histórico ".[85]

A cidade histórica é o resultado de vários acontecimentos históricos, um todo que não é homogéneo e que sofreu vários processos históricos. Infelizmente, prevalece a ideia de que o "centro antigo" é uma zona estática da cidade, esquecendo-nos de que a cidade é um lugar. Um lugar que surgiu a partir do assentamento de uma grande quantidade de pessoas e coisas nesse território e que acabou por se transformar na cidade que é hoje.

Para Manuel Mendes, estudar um problema implica compreendê-lo a partir da criação de hipóteses. O mesmo acontece na arquitetura, pois, para ser possível projetar, é necessário haver uma investigação sobre a arquitetura. Desta forma, o autor reconhece que, para o problema de "re-habitar os centros antigos", é necessária uma reprojetação que tem de ter em conta as diferentes escalas e finalizações. É aqui que surge o dilema da preservação do património.

Para expor este problema, Manuel Mendes dá como exemplo o projeto da pousada instalada no Convento de Santa Marinha da Costa, realizado por Fernando Távora. O objetivo deste projeto, segundo o arquiteto, era criar um diálogo entre o novo e o antigo, dando força às suas semelhanças e à sua continuidade, em vez de salientar as suas diferenças e a sua rutura. De acordo com a análise feita por Manuel Mendes, Fernando Távora criou um diálogo com duas vertentes: uma mais ligada ao conhecimento rigoroso, aliado à arqueologia e à história; e outra ligada à conceção criativa, associada ao processo de transformação.

Para o autor, o problema de se intervir em arquiteturas do passado é, principalmente, um problema da arquitetura do presente e não da interpretação ou da experiência histórica. Devemos, por isso, projetar sobre a arquitetura do passado com um pensamento de modificação, com o intuito de transformar e não de imitar, conservar ou inovar. Quando intervimos na cidade através da arquitetura, deparamo-nos sempre com o mesmo problema: conservar ou substituir? Antigo ou novo? Nunca esquecendo que "o respeito pela identidade arquitetónica é o que garante a conservação".[86] De acordo com Manuel Mendes, para se fazer uma arquitetura útil, ao intervir num bem patrimonial, é necessário ter capacidade de interpretação. Atualmente já não existe o problema dos "centros históricos", mas sim dos fragmentos da

85 MENDES, Manuel; in *Da intervenção na cidade histórica - longa duração e desenho;* Porto: Encontros AAP - habitação, 1998, pg. 10

86 Ibidem; pg. 20

cidade histórica, que são parte integrante da nova cidade.

Vittorio Gregotti aborda, também, o problema da conservação e do restauro. Para o autor, a restauração é um diálogo conflitual diverso, pois reflete sobre os valores e os pormenores do mundo histórico. "Cada projeto de arquitetura é uma forma interpretativa da restauração, pois modifica a relação entre o existente e o antigo". [87] A conservação, por outro lado, é um ato de clareza face ao passado, faz uma reconstrução das suas condições e acontecimentos passados. Segundo o autor, nos últimos anos, as nossas preocupações com o passado têm sido alimentadas pelas incertezas do presente. O problema da conservação abre portas a novas questões, como, por exemplo, o que destruir a fim de construir. "Temos de dar lugar ao novo e, ao mesmo tempo, tentar corrigir os nossos erros passados, que são muitos"[88].

Há ainda um terceiro autor que faz a comparação entre dois conceitos: restauração e reabilitação. Fernando Sandino começa no seu texto – Reabilitação e cidade histórica, construir sobre o passado – por distinguir estes dois conceitos que são muitas vezes confundidos. O autor refere três principais diferenças:

> - Na restauração está implícito o valor arquitetónico do monumento, ao contrário do que acontece na reabilitação, onde essa condição é dispensável;
> - Na restauração é importante restituir as características existentes e/ou primitivas do edifício, enquanto na reabilitação isso não é um fator determinante;
> - A restauração é a simples conservação do monumento, enquanto a reabilitação é um instrumento ao serviço do desenvolvimento urbano.[89]

Tal como Manuel Mendes, Fernando Sandino acredita que o problema dos centros históricos não se resolve com a estagnação do existente, mas sim olhando para esse centro como um organismo vivo, onde existe a arquitetura que já está fixada e a outra à qual ela tem de se adaptar. Desta forma, a reabilitação não garante o equilíbrio entre os monumentos e o tecido urbano.

Ao intervirmos na cidade partir da arquitetura, deparamo-nos sempre com o mesmo dilema: reabilitar ou restaurar, conservar ou substituir. O que nos causa atração ao passado é a importância da memória no seu sentido estético e o mito dos antepassados. "A ruína é testemunho do velho, a concretização do esplendor passado".[90]

---

87 GREGOTTI, Vittorio; in *Il progetto del passato: memoria, conservazione, restauro, architettura;* Bruno Mondadori, 1997, pg. 19

88 Ibidem; pg. 12

89 SANDINO, Fernando Villanueva; *Rehabilitación y ciudad histórica: I curso de rehabilitación del C.O.A.A.O in Construir sobre el passado;* Colegio Oficial de Arquitectos de Andalucía Occidental, 1988, pg. 13

90 Ibidem; pg. 16

"A mudança, a evolução contínua, mantendo-se a estrutura formal e os princípios em que se baseia, o respeito pela identidade arquitetónica é o que garante a conservação".[91] Para Fernando Sandino, é imperativo que se perceba que o projeto arquitetónico faz parte de um processo, não é o início nem o fim. É mais uma etapa do edifício.

Conservação de uma identidade

Estas questões surgem também ligadas ao tema da paisagem. A paisagem é aquela que nos mostra as sucessivas gerações que foram humanizando a Terra. Gonçalo Ribeiro Telles afirma que cada país tem a sua paisagem tradicional, que carrega um significado muito importante para a história da cultura de um povo, e é isto que leva o ser humano a querer conservá-la. As paisagens são património de uma identidade e de uma cultura própria e a sua conservação é importante para que haja uma melhor gestão dos recursos naturais. O arquiteto paisagista Alexandre D'Abreu partilha da mesma opinião, afirmando que as paisagens humanizadas dos dias de hoje são o resultado das ações dos seus diferentes construtores – do passado e do presente – e, por isso, representam uma importante marca da identidade de um local. Contudo, defende que esses "construtores" do passado conheciam e compreendiam o meio onde intervinham, ao contrário do que acontece atualmente. Os atuais responsáveis pela modificação da paisagem não têm o conhecimento nem a sensibilidade para intervir na mesma. Para além disso, existe uma falta de sensibilidade e envolvimento da maioria dos cidadãos neste tema.[92]

Segundo Alexandre D'Abreu, a lei portuguesa apenas reconhece indiretamente a dimensão patrimonial da paisagem e apenas começou a proceder à sua classificação como paisagens culturais após Sintra, o Alto Douro Vinhateiro e a Cultura da Vinha da Ilha do Pico terem sido aceites como património mundial. Mas estas não são as únicas paisagens com valor cultural relevante. As restantes devem, também, ser protegidas e valorizadas, pelo menos a nível nacional, pois estão em constante ameaça no que toca ao seu valor cultural, ecológico, estético e socioeconómico, devido às alterações dos sistemas agrícolas e florestais, da construção de infraestruturas, da expansão das atividades turísticas, da exploração de inertes, da expansão urbana e industrial, etc. Mas com isto o autor não quer dizer que as paisagens devem permanecer inalteradas e estagnadas. Ele propõe que haja uma identificação e caracterização das mesmas, de forma a compreender a complexidade entre a natureza e a cultura

---

91 SANDINO, Fernando Villanueva; *Rehabilitación y ciudad histórica: I curso de rehabilitación del C.O.A.A.O in Construir sobre el passado;* Colegio Oficial de Arquitectos de Andalucía Occidental, 1988, pg. 21

92 D'ABREU, Alexandre Cancela; *Paisagem enquanto património.* Pedra & Cal. Vol. nº 34. Abril | Maio | Junho. 2007, pg. 4

ao longo dos tempos. Só assim será possível a criação de propostas de ordenamento e de gestão que ajudem na preservação dos seus valores, da sua sustentabilidade socioeconómica, ecológica e cultural.

Cartas e Convenções

Natália Fauvrelle, no seu artigo De paisagem a património – a classificação como processo de musealização da paisagem, refere algumas das normativas internacionais presentes nas principais cartas, convenções e recomendações produzidas pela UNESCO[93], pela ICOMOS[94] e pelo Conselho da Europa[95]. As primeiras normativas surgiram após a destruição causada pelas grandes guerras do século XX. A primeira a surgir foi a Carta de Atenas (1931) onde se fala sobre os monumentos históricos e os monumentos de interesse histórico, artístico ou científico, incluindo a preservação das envolventes desses locais. A mesma ideia surge na convenção de Haia (1954), um documento criado para a proteção dos bens culturais em caso de Guerra. Aqui foram definidas as noções de bem cultural e de sítios arqueológicos (onde se incluem os museus). No mesmo ano, ocorre a Convenção de Paris, onde a temática é a "salvaguarda e a promoção dos ideais e princípios europeus".[96] Contudo, em nenhum destes três documentos é referida a paisagem.

Em 1964 é realizada a Carta de Veneza que apresenta uma visão mais alargada daquilo que se entende por monumento, mas não referindo, ainda, a paisagem, apesar de em 1962 (dois anos antes), a UNESCO ter aprovado a Recomendação sobre a salvaguarda da beleza e do caráter das paisagens e dos sítios, sendo este o documento pioneiro na proteção dos sítios naturais e/ou criados pelo Homem. O objetivo desta recomendação era preservar o caráter estético e pitoresco dos lugares. A ideia surgiu pela necessidade de preservação da paisagem e da natureza, do ordenamento do território e do desenvolvimento turístico. A vida social e económica são fatores de degradação do património e, por isso, continuam a surgir documentos sobre este tema, que vão progressivamente alterando o conceito do mesmo. É assim que, em 1972, a UNESCO cria a Convenção do património mundial (Paris), onde se dividem os bens culturais por "monumentos", "conjuntos" e "sítios", passando, assim, a incluir obras conjuntas do Homem e da natureza no património cultural.

---

93 The United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

94 International Council on monuments and sites

95 Principal organização de defesa dos direitos humanos

96 FAUVRELLE, Natália; *Processos de musealização: um seminário de investigação internacional: atas do seminário:* an international research seminar: conference proceedings. in De paisagem a património - a classificação como processo de musealização da paisagem; Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2015, pg. 162

Em 1975, o Conselho da Europa publica a Carta Europeia do Património Arquitetónico. Em 1976 a ICOMOS publica a Carta do Turismo Cultural; a UNESCO realiza a Recomendação para a salvaguarda dos conjuntos históricos ou tradicionais e o seu papel na vida contemporânea; e o Conselho da Europa realiza o Apelo de Granada sobre a Arquitetura Rural e o ordenamento do território. Todas refletem as preocupações com a evolução da vida contemporânea que está a uniformizar e a despersonalizar o que a rodeia. A Carta Europeia do Património Arquitetónico (1975) admite que até ao momento apenas se tinha olhado para o monumento de forma isolada, ignorando o seu enquadramento, o que, consequentemente, levou à perda do seu caráter. Nesta carta dá-se importância à manutenção do património, enquanto na recomendação da UNESCO (1976), referida acima, ocorre o alargamento do conceito de património natural. Contudo, o foco continua a ser as construções urbanísticas e a sua unidade. Até no Apelo de Granada, as maiores preocupações são as ameaças às construções rurais, sendo a paisagem um mero enquadramento da arquitetura em si.

No início dos anos 80, surge a necessidade de incluir a paisagem como património mundial da UNESCO e não apenas como envolvente, o que obriga à revisão dos critérios da lista do que compõe o património mundial. Por isso, a partir de 1992, a paisagem cultural passa a fazer parte dessa lista e é dividida em três categorias: a paisagem intencionalmente concebida e criada pelo Homem (jardins e parques); a paisagem essencialmente evolutiva, subdividida nas categorias de viva ou fóssil; e a paisagem cultural associativa. Atualmente, existem 85 bens listados pela UNESCO como património mundial na categoria de paisagem cultural.[97]

97 FAUVRELLE, Natália; *Processos de musealização: um seminário de investigação internacional: atas do seminário:* an international research seminar: conference proceedings. in De paisagem a património - a classificação como processo de musealização da paisagem; Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2015, pg. 166

CAPÍTULO II

DA EXPERIÊNCIA

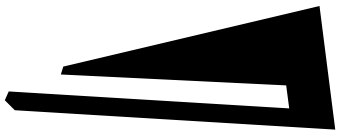
A escolha das três obras, que irão ser abordadas como casos de estudo, teve como base três conceitos importantes para o desenvolvimento da intervenção que será abordada no Capítulo III – o **Programa**, o **Lugar** e o **Percurso**.

O primeiro caso de estudo é o Museu de Foz Côa, dos Arquitetos Camilo Rebelo e Tiago Pimentel. Este projeto surge devido a uma ameaça ao património cultural e ambiental da região – a construção da Barragem do Côa. Foi esta situação que catapultou a criação de um museu e de toda a dinâmica que lhe está inerente. O edifício é um ponto central, onde se localiza o espaço para as exposições dos achados arqueológicos e de onde depois se parte para os vários sítios arqueológicos ao ar livre. O edifício é o ponto de partida, é o início da história, onde recebemos a informação necessária para entendermos o que vamos depois visitar *in situ*.

O segundo caso de estudo é o Museu da Mineração de Peter Zumthor, que tem como objetivo a criação de várias instalações que criam um percurso até às antigas minas abandonadas de zinco. Foi a necessidade de preservação de um património cultural e histórico, que despoletou a criação deste projeto. O que me suscitou o interesse nesta intervenção, foi a criação de uma correlação harmoniosa entre estas instalações com diferentes programas. Apesar de haver uma forte ligação entre os volumes, não foi desenhado um percurso linear e delimitado, mas sim, um caminho que se realiza de forma natural sem ter um impacto negativo ou destrutivo no ambiente do lugar. Estes diferentes fragmentos, que se dispõem ao longo do caminho, dão sentido a um todo, unindo-se na forma de um percurso pedonal, que se apropria da envolvente existente, sem a corromper.

O terceiro caso de estudo são as Termas Geométricas do Arquiteto Germán del Sol, que têm como finalidade o lazer turístico. Este é um projeto interessante, onde se cria um claro contraste entre o que é natural e o que é construído pelo Homem através da cor vermelha utilizada nos passadiços. A cor vermelha, apesar de ser impactante na paisagem, não invalida nem impede uma possível relação de harmonia entre o construído e o natural.

É importante salientar que todos os projetos utilizados como casos de estudo, surgiram devido a uma ameaça ao património natural, cultural ou arquitetónico. Assim, estas ameaças ajudaram a impulsionar uma dinâmica de proteção, conservação e de educação face à paisagem.



Museu de Foz Côa

MUSEU DE FOZ CÔA

O Museu de Foz Côa situa-se no Vale do Côa, onde está localizada a Arte Pré-Histórica do Vale do Côa, nomeada património mundial desde 1998 pela UNESCO. Ao ser-lhe atribuído este título, foi possível salvaguardar as gravuras do Vale do Côa, que seriam submersas com a barragem, que o governo da altura queria construir. Isto só foi possível, porque o lugar respondia a dois dos critérios impostos no documento da UNESCO:

> Critério (i): As gravuras rupestres, representam um exemplo único das primeiras manifestações de criação simbólica humana e do seu desenvolvimento cultural, que constitui uma fonte inigualável para a compreensão da arte paleolítica;
>
> Critério (iii): A arte rupestre do Foz Côa é de Siega Verde, em conjunto, ajudam-nos a compreender mais sobre a vida social, económica e espiritual dos nossos antepassados.[98]

No final de 1994, começou a ser revelada a Arte do Côa, que surgiu, desde logo, envolvida numa polémica, pois as principais zonas com recentes descobertas de pinturas e gravuras rupestres seriam submersas pela barragem que se estava a construir perto do local de escavações. Foi a partir deste momento crucial, que começaram a surgir associações e leis que visavam proteger o local, juntamente com a sua cultura e história. Nesta polémica havia dois lados: os que defendiam a salvação das gravuras e os que defendiam a continuação da construção da barragem.[99]

Após as eleições, em Outubro de 1995, o governo concedeu um prazo aos arqueólogos para realizarem um estudo sobre a Arte do Côa, prazo este que acabou por ser alargado e acabou por levar ao abandono da construção da barragem e à criação do Parque Arqueológico.[100] Isto levou à necessidade de se construir o Museu do Côa.[101]

Em 2004, foi aberto um concurso público para a construção do Museu que contou com várias candidaturas. Em terceiro lugar, ficou o projeto de Walter Rossa; em segundo, o de Diogo Burnay; e em primeiro lugar, o projeto de Camilo Rebelo e Tiago Pimentel, cujas obras tiveram início em 2007 e foram concluídas em 2010.[102]

---

98 http://whc.unesco.org/en/list/866/

99 BAPTISTA, António Martinho; *Cuadernos de Arte Rupestre* in *O Vale do Côa - Estudo e gestão de um complexo de sítios de arte rupestre Património Mundial;* 2014; Disponível em WWW:<URL: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23307/1/Baptista2014b.pdf>, pg. 114

100 Ibidem; pg. 117

101 Ibidem; pg. 118

102 https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23263/1/Seabra%20%28coord.%29%202004%20-%20Concurso-Museu.pdf

Para a construção do Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa, os arquitetos cruzaram três fatores: a topografia, a acessibilidade e o programa. De acordo com a memória descritiva escrita pelos arquitetos, o conceito do projeto era "conceber um museu enquanto instalação na paisagem" que promovesse um diálogo entre o artificial e o natural. A implantação do edifício é feita através da criação de uma plataforma panorâmica que dá vista para a paisagem dos montes e vales do Douro. Este é o ponto de chegada do museu e ajuda a que o edifício não seja um obstáculo entre o espetador e o cenário que lhe é proporcionado. [103]

"O Côa é um terraço que vê a paisagem e faz dessa mesma paisagem a estrutura e a composição do próprio terraço"[104]

A forma do corpo é triangular, de modo a adaptar-se à topografia do terreno, isto porque o ponto mais alto do terreno está entre dois vales – o Vale de José Esteves e o Vale do Forno – e estende-se para a terceira frente em direção ao Rio Douro e ao Côa. O elemento que estrutura o corpo é a rampa que perfura o edifício de forma contínua. Esta é uma fenda descendente que conduz o espetador para dentro do edifício. De forma metafórica, é como se passássemos, de forma gradual, de um ambiente luminoso com a presença da paisagem, para o interior escuro de uma gruta, algo que nos remete para o tempo primitivo.[105] É neste "debaixo" que encontramos o auditório, o restaurante e o espaço comum. Quando começaram a projetar o terraço, os arquitetos queriam manter a ideia de lugar de abrigo, a toca, o lugar de proteção. Tal como uma pedra o é para os animais.[106]

No que toca a plasticidade da matéria do projeto, há três temas: a massa, a textura e a cor. Assim, o projeto resulta numa "massa híbrida" de betão com textura e pigmentos de xisto. O tema do Côa é a pedra, a ideia de grande monólito de forma a iconizar a pedra. Queriam atribuir à pedra um novo significado, um significado habitável.[107]

---

103 http://www.oasrn.org/construirem/uploads/areareservada/areareservada6/03.4de4_museu_coa_ficha_tecnica.pdf

104 PICTURES, Building; NUNES, Sara; *Camilo Rebelo - Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa* in No país dos Arquitectos

105 http://www.oasrn.org/construirem/uploads/areareservada/areareservada6/03.4de4_museu_coa_ficha_tecnica.pdf

106 PICTURES, Building; NUNES, Sara; *Camilo Rebelo - Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa* in No país dos Arquitectos

107 http://www.oasrn.org/construirem/uploads/areareservada/areareservada6/03.4de4_museu_coa_ficha_tecnica.pdf

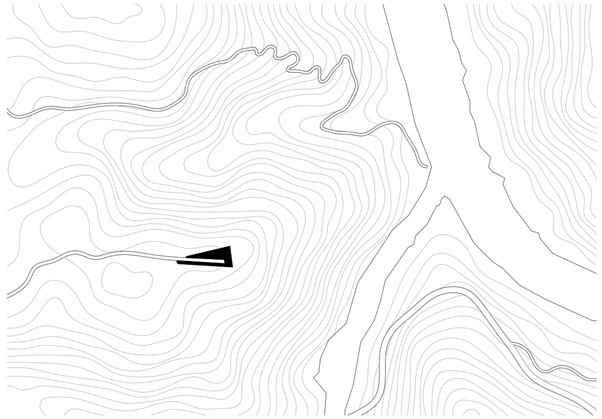






Fig. 27 Implantação do Museu de Foz Côa

Fig. 28 Vista da Cobertura do Museu

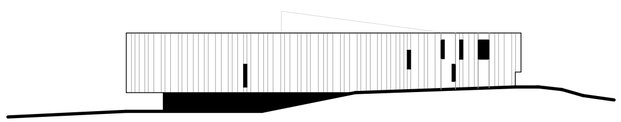
Fig. 29 Perfil do Museu de Foz Côa

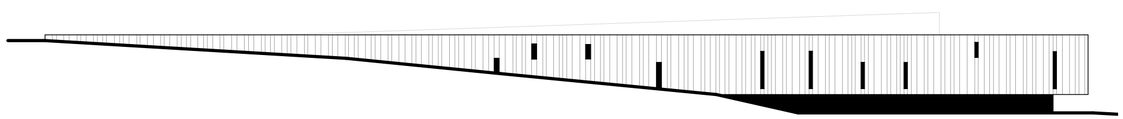












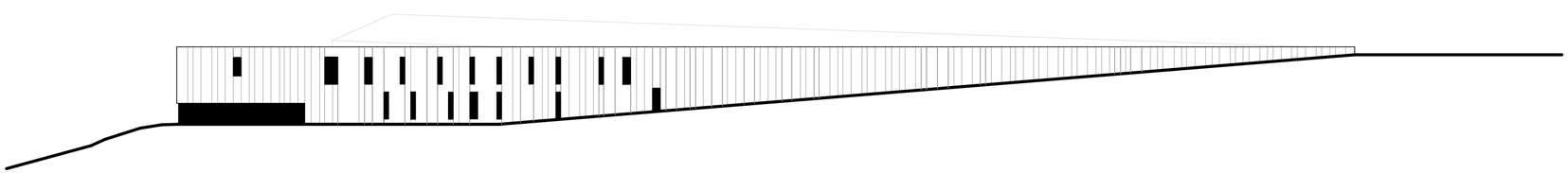


Fig. 30 Registo Fotográfico do percurso de entrada no edifício do Museu de Foz Côa

Fig. 31 Fachada Este do Museu de Foz Côa

Fig. 32 Fachada Sul do Museu de Foz Côa

Fig. 33 Fachada Norte do Museu de Foz Côa



Fig. 34 Pormenor Fotográfico da Fachada do Museu de Foz Côa



Museu da Mineração Allmannajuvet

MUSEU DA MINERAÇÃO ALLMANNAJUVET

O Museu da Mineração de Peter Zumthor está localizado na Rota de Ryfylke, na Noruega, sendo nesta rota que se localizam as abandonadas minas de zinco que irão dar origem à criação do Museu. A viagem realizada por esta rota é feita de altos contrastes: podemos encontrar montanhas estéreis, encostas verdes, encostas íngremes e fiordes profundos. Durante a rota há, também, a oportunidade de se fazerem pausas e visitar as aldeias costeiras e de se conhecer melhor a história industrial de Sauda.[108] As minas de Sauda estiveram em funcionamento entre 1881 e 1899 e tiveram um papel importante na comunidade local, contribuindo para a empregabilidade de 168 funcionários. Durante este período foram extraídas 12.000 toneladas de minério de zinco. Estas operações foram muito importantes para o desenvolvimento posterior da energia hidroelétrica e para o estabelecimento de indústrias manufatureiras em Sauda.[109]

De modo a garantir a conservação dos bens naturais e culturais da paisagem norueguesa, a Administração de Estradas Públicas da Noruega (NPRA) criou dezoito rotas rodoviárias, onde está incluída a Rota de Ryfylke e onde se situam as minas de zinco. Assim, surgiu a necessidade de criação de uma instalação que promovesse a conservação e preservação da cultura deste local histórico.

Em 2002 encomendou-se a obra a Peter Zumthor, que iniciou o processo projetual para a construção do Museu de Mineração Allmannajuvet, que está inserido num local com importância natural e cultural, arcando consigo uma forte presença da história mineira da região. De modo a garantir que estes equipamentos, deixados ao abandono, mantenham as suas características naturais e culturais e a sua experiência enquanto comunidade mineira, o arquiteto optou por uma forma de expressão silenciosa, ou seja, os edifícios são simples, não causando um forte impacto na paisagem; estão incorporados no desfiladeiro e foram projetados com um estilo de construção industrial, de modo a espelhar, simbolicamente, a história das minas. O projeto inclui três edifícios: um museu onde se comunica a história das minas, um café e um edifício de serviços perto da estrada principal.[110]

As estruturas são pré-fabricadas em Saudasjoen e, posteriormente, montadas em Allmannajuvet. O sistema de apoio exterior é de madeira laminada, impregnada de creosoto.[111] As

108 https://www.nasjonaleturistveger.no/siteassets/publikasjoner/nt-brosjyre-web.pdf

109 https://www.nasjonaleturistveger.no/en/routes/ryfylke/allmannajuvet/

110 https://www.nasjonaleturistveger.no/en/architects-and-artist/zumthor--partner-atelier-peter-zumthor--partner/

111 Creosoto é um composto químico derivado do destilado de alquitranos procedentes da combustão de carbonos graxos. A principal propriedade é sua qualidade biocida para os agentes causadores da deterioração da madeira.

paredes exteriores do edifício em si são compostas por placas de madeira de 18 mm e de fibra vegetal; já no interior, as paredes foram pintadas com uma cor escura.[112]

Este projeto demorou catorze anos a ser construído, tendo sido concluído em 2016, não só por o local onde se implanta ser desafiador, mas também devido aos métodos de projeto do próprio arquiteto.

O projeto é um misto entre uma instalação de arte, um local histórico e um local de descanso. Os visitantes percorrem a estrada pela montanha até chegarem ao ponto inicial, uma pequena área de estacionamento. Aí podemos, também, encontrar um conjunto de três instalações sanitárias que dão apoio ao projeto.

De seguida, os visitantes sobem umas escadas de pedra e um caminho de cascalho até à segunda estrutura – o café. À volta deste equipamento podemos encontrar as fundações de um antigo escritório mineiro e um pequeno miradouro. No interior do café, temos acesso a uma vista panorâmica dos penhascos, picos e do rio através das janelas.

Ao subirmos um pouco mais a colina, surge o edifício da galeria, que é a estrutura mais fina e dramática das três estruturas e atua como um observador de todo o local. O interior é escuro e, ao entrarmos, deparamo-nos com vitrinas iluminadas que mostram peças mineiras recuperadas – estacas de metal, pás, sapatos de madeira, livros, documentos, mapas e esboços de Zumthor.[113]

112 https://www.archdaily.com.br/br/796507/museu-da-mineracao-allmannajuvet-peter-zumthor

113 https://www.architecturalrecord.com/articles/11899-peter-zumthors-gravity-defying-structures-in-norway-commemorateand-evokethe-perils-of-mining



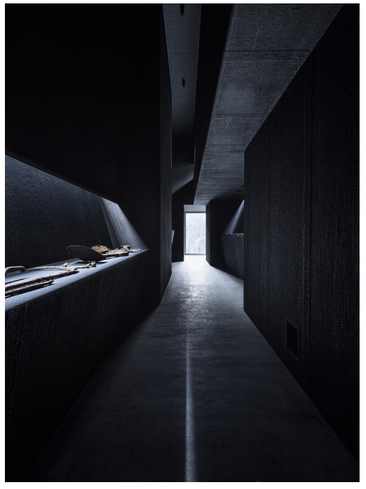
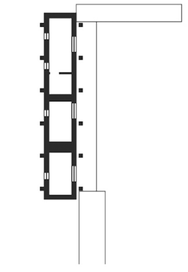




Fig. 35 Planta da Implantação do Percurso do Museu de Mineração Allmannajuvet. Projeto do Arquiteto Peter Zumthor
Fig. 36 Interior do Edifício da Galeria das Minas Fig. 37 Interior do Edifício do Café





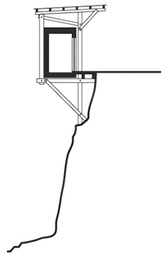
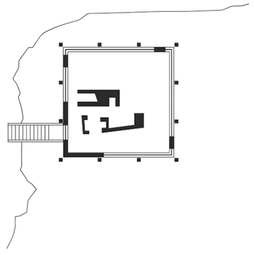


Fig. 38 Foto, Planta e Corte do Edifício das Instalações Sanitárias e Parque de Estacionamento. Primeiro edifício do percurso de Peter Zumthor





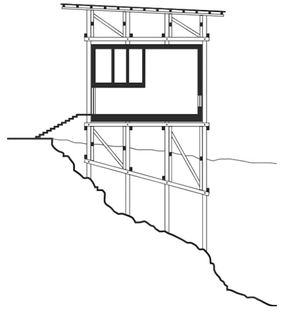
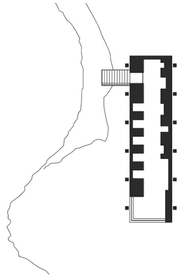


Fig. 39 Foto, Planta e Corte do Edifício do Café. Segundo edifício do percurso de Peter Zumthor





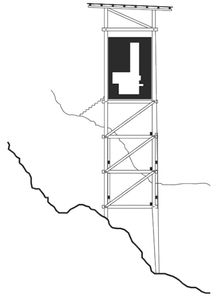
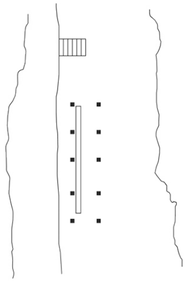


Fig. 40 Foto, Planta e Corte do Edifício da Galeria das Minas. Terceiro edifício do percurso de Peter Zumthor





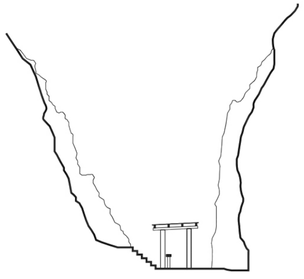
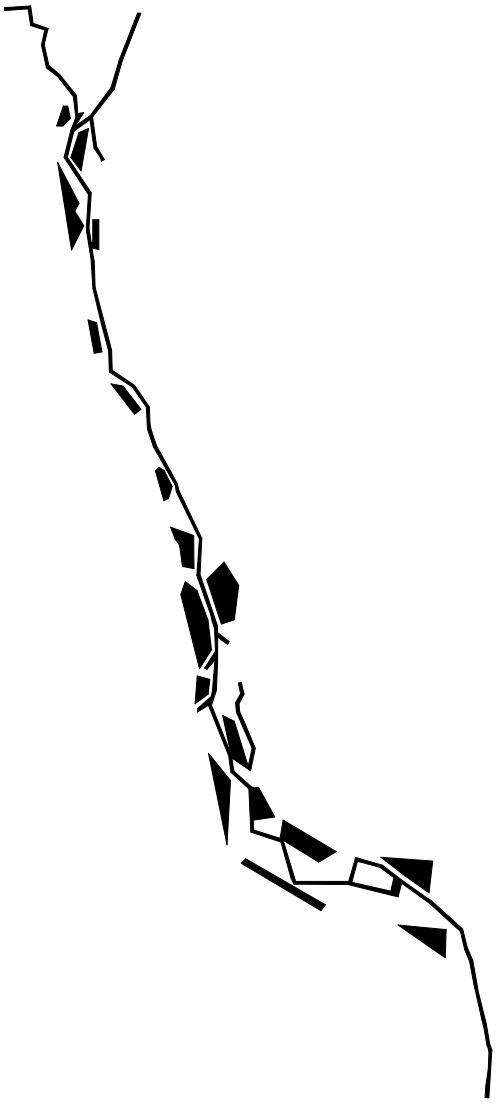


Fig. 41 Foto, Planta e Corte do Edifício do Miradouro. Quarto edifício do percurso de Peter Zumthor



Termas Geométricas

TERMAS GEOMÉTRICAS

As Termas Geométricas localizam-se no Parque Nacional de Villarrica, uma reserva natural com aproximadamente 273 000 hectares. Até ao momento, o que mais tem afetado a conservação do parque natural são os incêndios florestais e as concessões madeireiras, que exploraram os bosques do parque até 1969. Infelizmente, hoje ainda ocorre a extração ilegal de madeira na área protegida. Apesar de todos os esforços para a conservação, o parque continua a sofrer pressão por parte das empresas que querem implementar turísticas na área.

Por esta razão, tornou-se clara a necessidade de criar leis, regras e unidades capazes de gerir e conservar a diversidade biológica e a integridade ecológica do Parque. Para tal foram criados cinco programas:

- Programa de Operações: o objetivo é garantir a preservação dos ecossistemas e dos seus componentes ambientais, através de uma gestão administrativa e operacional;
- Programa de Gestão de Recursos: o objetivo é implementar ações de conservação dos recursos em risco;
- Programa de Uso Público: o objetivo é garantir o desenvolvimento de oportunidades ligadas à atividade recreativa, pesquisa científica, educação e interpretação ambiental;
- Programa de Extensão Comunitária: o objetivo é garantir a conformidade de atividades relacionadas com a participação da comunidade;
- Programa de Recursos Humanos: o objetivo é garantir o bem-estar dos guardas florestais e das suas famílias.[114]

Assim, surge o projeto das Termas Geométricas, do Arquiteto Germán del Sol, com o objetivo de tirar proveito de um espaço deixado ao abandono, para atividades recreativas e para o lazer dos seus visitantes.

Estas fontes termais estendem-se ao longo de um percurso de 450 metros e foram escavadas 20 piscinas ao longo do curso do rio, que podem ser acedidas através de um passadiço feito de madeira de coigüe pintada de vermelho.[115]

No fim do percurso, após o banho, encontra-se uma churrasqueira. Este é um espaço coberto e aconchegante, com uma fogueira no centro, que convida à troca de impressões e à conversa

114 https://www.conaf.cl/wp-content/files_mf/1397071666PlandeManejoPNVV20131.pdf
115 https://www.germandelsol.cl/memtg.htm

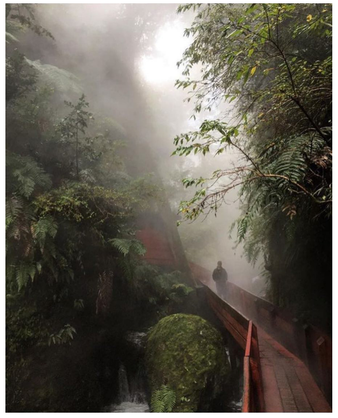
entre os viajantes que ali se encontram. Neste projeto, não há instalações elétricas, sendo que todos os processos são puramente naturais, como por exemplo o caminho que, à noite, é iluminado pela luz de 300 velas.

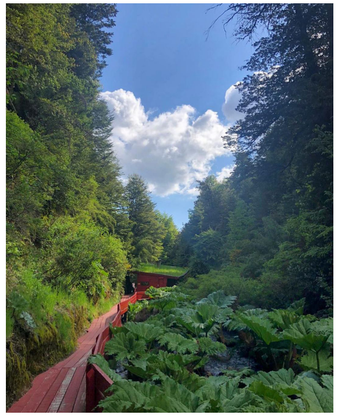
O arquiteto, Gérman del Sol, descreve o lugar como um espaço criado para se desfrutar da natureza, com um percurso de lazer, onde se vai de piscina em piscina. Este é um lugar de escape à vida quotidiana, onde nos podemos encontrar a nós mesmos, e onde nos conectamos com o lugar e com a paisagem.

Na obra, há um claro contraste entre o que é natural e o que é construído. A cor vermelha faz sobressair o projeto da natureza envolvente. Isto acontece, porque o vermelho e o verde são cores complementares e criam uma "tensão cromática". Para o arquiteto, na natureza, a geometria é o sinal da intervenção humana. [116]

116 https://circarq.wordpress.com/2014/10/15/termas-geometricas-german-del-sol-guzman/













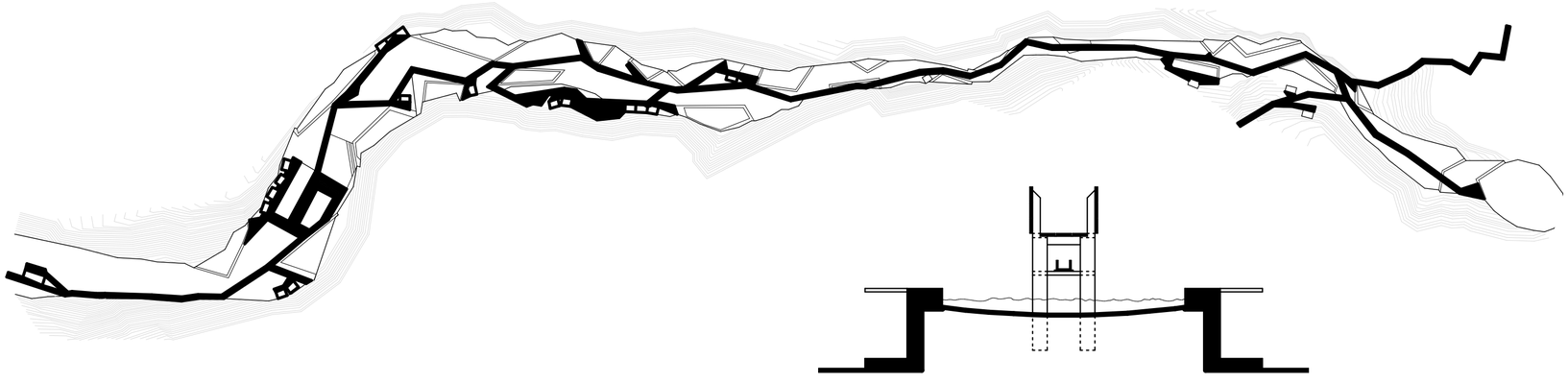


Fig. 42 Implantação do Complexo das Termas Geométricas

Fig. 43 Fotografia aérea da Implantação das Termas geométricas na Paisagem

Fig. 44 Percurso pelas Termas Geométricas

Fig. 48 Planta dos Passadiços das Termas Geométricas

Fig. 45 Contraste entre o construído e o natural

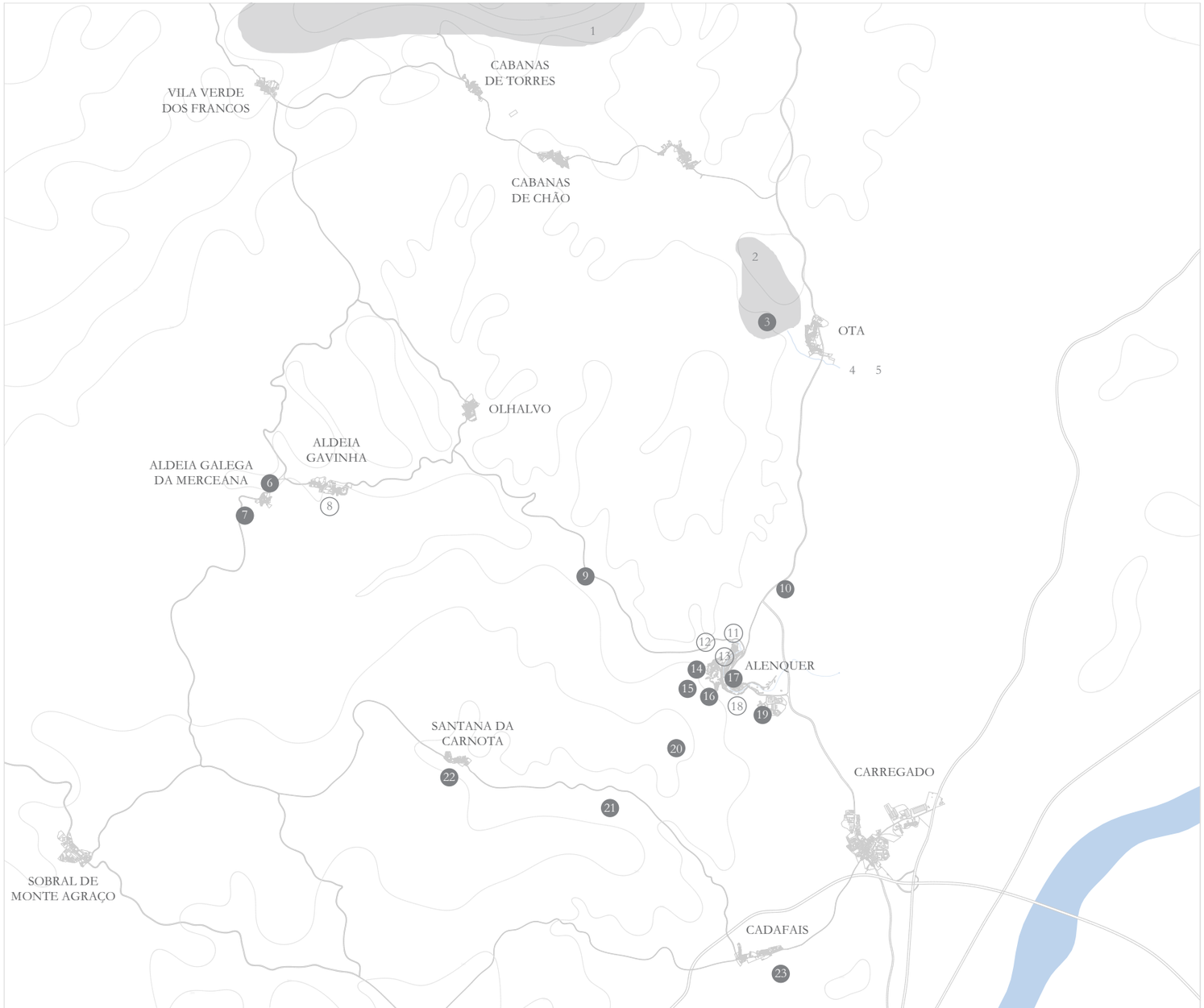
Fig. 46 Vista Exterior da Churrasqueira

Fig. 47 Interior da Churrasqueira

Fig. 49 Corte dos passadiços das Termas Geométricas

CAPÍTULO III

DA INTERVENÇÃO NO PATRIMÓNIO NATURAL DA OTA



1. Serra de Montejunto



2. Canhão Cársico. Serra da Ota.



3. Castro da Ota. Serra da Ota



4. Campo de tiro. Ota



5. Sociedade Agrícola das Salgadas.
Centro Hípico



6. Igreja da Nossa Senhora da Piedade



7. Igreja da Nossa Senhora dos Prazeres



8. Casa Museu Palmira Bastos



9. Igreja de Santa Quitéria



10. Quinta Pedagógica Alão Radical



11. Museu do Vinho.
Antigo Celeiro Real



12. Museu de Damião de Góis e
das vítimas da Inquisição



13. Museu Municipal Hipólito Cabaço



14. Porta da Conceição. Castelo de Alenquer



15. Igreja do Espírito Santo e Arcada
do Paço da Rainha Santa Isabel



16. Igreja de S. Pedro. Túmulo de Damião
de Góis



17. Convento de S. Francisco.
Igreja e Claustros



18. Museu João Mário



19. Palácio Municipal de Alenquer.
Atual Câmara Municipal



20. Castro de Pedra D'Ouro



21. Castro da Curvaceira. Amaral



22. Calçada Romana. Santana da Carnota



23. Adro da Igreja dos Cadafais



- Edificado e Principais Vias de Comunicação
- Curvas de Nível
- Rio de Alenquer
- Linha de água
- Património Natural
- Património Arquitetónico
- Património Cultural
- Atividades Educacionais e de Lazer

Fig. 50 Rede do Património no Concelho de Alenquer

Circunstância do projeto

Contexto Urbano

A Freguesia da Ota localiza-se na zona centro do país, no distrito de Lisboa, no concelho de Alenquer. Tem uma relação próxima com a Serra do Montejunto, uma das áreas naturais protegidas da região. A Ota localiza-se a 7,6 quilómetros de Alenquer, a uma altitude de 32 metros; conta com uma área de 46,32 km2 e soma um total de 1195 habitantes. A Vila da Ota tem três limites, dois naturais e um humanizado: a este, encontra-se a N1- principal via de comunicação norte-sul -, a sul, o Rio da Ota e, a Nordeste, o Canhão Cársico da Ota.

Os símbolos que mais se destacam no Concelho de Alenquer são o património natural, o arquitetónico e o cultural. No património natural, destaca-se a Serra do Montejunto e a Serra da Ota. Quanto ao património Arquitetónico, pode-se destacar o Castro da Ota, o Castelo de Alenquer, o Palácio Municipal e as várias igrejas que se espalham pelo território. Quanto ao Património Cultural, destaca-se os vários Museus, espalhados pela freguesia, ligados à pintura, à viticultura e à arqueologia.

Procedeu-se a uma análise sociodemográfica, onde se constatou que a população da freguesia da Ota tem vindo a decrescer ao longo dos anos. A maioria da população encontra-se na faixa etária entre os 25 e os 64 anos (50,63%), seguida pela faixa etária dos 65 ou mais anos (24,52%). Chegou-se à conclusão que a Ota é a segunda freguesia do concelho de Alenquer com menos população.

Nesta localidade, estabeleceram-se várias indústrias e estabelecimentos de comércio, o que levou a uma maior dinâmica de mobilidade da população face à empregabilidade destes equipamentos. Por isso, procurou-se fazer uma análise da oferta de meios de transporte que serve a freguesia da Ota, concluindo-se que o principal meio de transporte entre as freguesias é o automóvel. Apesar de existir um serviço de autocarros, este tem um horário e uma rede muito reduzidos, podendo contar apenas com uma linha que passa pela Ota, que faz o percurso Alenquer – Labrugeira, e que conecta as freguesias em seu redor. Há, portanto, uma clara falta de transportes urbanos e a coordenação dos mesmos.

Como já foi referido, a Ota localiza-se junto à N1 e tem uma rua principal, a Rua 10 de Junho. A hierarquia das vias dentro da Vila é pouco notória, o que acaba por gerar um sentimento de confusão, como se se tratasse de um espaço labiríntico. A maioria das ruas não tem passeios, não sendo, por isso, apropriadas a percursos pedonais seguros.

Após uma análise territorial, constatou-se que, para além das fronteiras físicas criadas pelo

Rio da Ota

Ribeira dos Moinhos

Afluentes

Fig. 51 Rede dos Cursos de Água no Concelho de Alenquer

Homem, como a N1, a Ota é também desenhada por linhas naturais – rios e ribeiras – e pela topografia. A sul, encontra-se o Rio da Ota e a Ribeira dos Moinhos, que passa ao longo do Largo Dr. Mário Madeira, e a Noroeste a Serra da Ota, que possui uma topografia acentuada. Estas ribeiras têm pouca expressão no território e acabam por se perder na malha urbana. Atualmente, o Rio da Ota encontra-se bastante poluído e as ribeiras não têm água, devido a uma decisão decretada pelas águas de Alenquer de fechar o acesso da água a essas zonas. Essas linhas são bastante relevantes como motores de desenvolvimento do espaço público, uma vez que estão associadas a zonas com potencial a transformarem-se em espaços públicos de lazer para a comunidade. A limpeza destas linhas de água e a abertura das águas de algumas das ribeiras seria uma forma de acrescentar valor ecológico à freguesia e ao concelho, aumentando o espaço público acessível à população, que, atualmente, é quase nulo, promovendo o encontro, o recreio e os hábitos de vida saudável.

No momento, há apenas dois espaços verdes na freguesia: um pequeno jardim escondido na rede urbana e o parque de merendas que se encontra no cimo da Serra de Ota, local de difícil acesso por meios pedonais, sendo acedido, muitas vezes, por automóvel. É, por isso, importante promover as qualidades da paisagem urbana e natural da Ota, através da criação de percursos pedonais e de BTT, devidamente sinalizados e com exposição de informação ao longo do Canhão Cársico da Ota, que apresenta ser um símbolo importante da vila, mas que ainda é um tema que não está muito exposto. Devemos requalificar e dar a conhecer a riqueza desta paisagem, de forma a contribuir para uma paisagem urbana mais atrativa e organizada, através da criação de atividades culturais e sociais e do aproveitamento dos vazios urbanos existentes ao longo da malha urbana.

No que diz respeito aos equipamentos de educação, parece existirem de uma forma equilibrada perante as necessidades do concelho. Existe um jardim de infância e escola primária, que serve a freguesia da Ota; os estudantes que frequentam o 2º e 3º ciclo têm de se deslocar até Alenquer ou até à Aldeia Galega da Merceana; e os que estão no ensino secundário têm uma escola em Alenquer. Desta forma, a rede de escolas parece estar bem organizada ao analisar as faixas etárias presentes em cada freguesia.

Por outro lado, há uma clara falta de equipamentos de ação social, principalmente de apoio à população idosa, cuja percentagem é maior do que a de população jovem e a tendência de envelhecimento é um fator patente na freguesia. Os únicos lares de idosos, que existem no concelho, são o Lar da Santa Casa da Misericórdia, em Alenquer e uma casa de repouso no Carregado, o que é insuficiente para um concelho que alberga 8989 pessoas com 65 ou mais anos, número que tem vindo a aumentar ao longo dos últimos tempos.

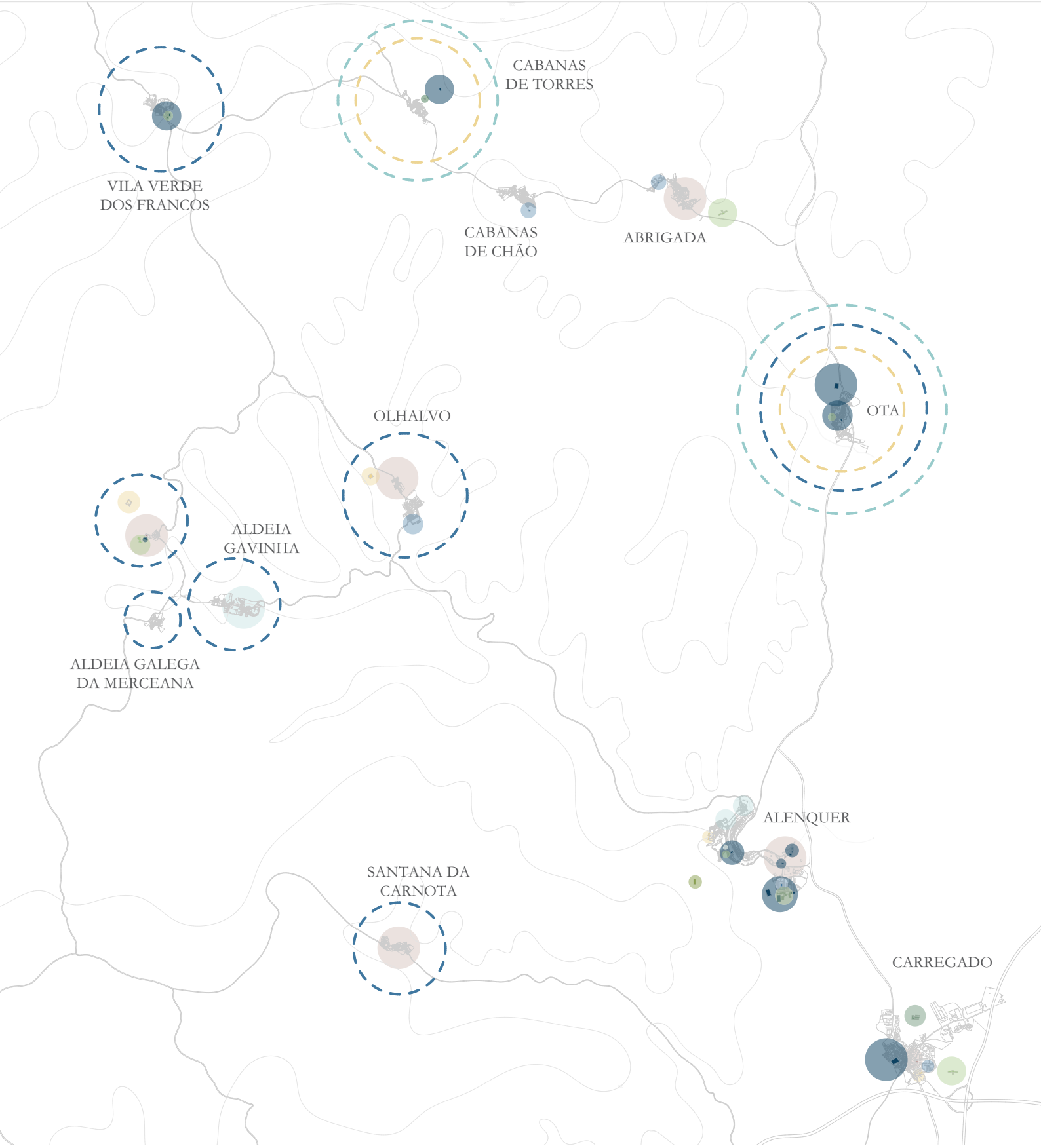


Fig. 52 Rede de Equipamentos no Concelho de Alenquer

Existem na Ota alguns equipamentos desportivos, nomeadamente o campo de futebol do Clube da Ota e os campos associados ao Centro Social Recreativo e Desportivo da Ota. Contudo, ambos os espaços são privados, sendo necessária a criação de espaços desportivos de acesso público, que permitam a prática de vários tipos de desportos e atividades.

Em relação aos equipamentos de saúde, existem vários estabelecimentos espalhados pelo concelho, parecendo estarem bem organizados pelo território, com distâncias razoáveis entre eles.

Ao longo da malha urbana, podemos observar dois ou três cafés e restaurantes, contudo há uma carência no que trata os serviços básicos, como cadeias de supermercados, não havendo nenhum tipo de supermercado ou até minimercado que sirva a população.

Analisando a rede de equipamentos culturais esta aparenta ser insuficiente para oferecer à freguesia este tipo de atividades. Não existe uma biblioteca ou um espaço de estudo para as camadas mais jovens da população, nem estabelecimentos dedicados à vida noturna, sendo, necessária a criação de tais espaços para que exista uma maior dinâmica dentro da comunidade. Também não existe nenhum equipamento que informe sobre o património desta região, sendo imperativa a construção de um museu que dê a conhecer as riquezas naturais da Ota, assim como a sua história e tradições.





Fig. 53 Miradouro no Canhão Cársico da Ota junto à pedreira
Fig. 54 Vista do Miradouro para o lado contrário ao da pedreira

Contexto natural

A zona de Alenquer e da Ota tem um importante valor, a nível do Património Natural. É uma região calcária com um grande interesse estratigráfico, sedimentológico, paleontológico e geomorfológico, do qual apenas se conhece parte, principalmente do período Jurássico Superior.[117]

A paisagem desta zona é fortemente marcada pela presença de vinhas e pelas estradas que se desenvolvem ao longo dos vales. Há medida que nos vamos aproximando da Serra do Montejunto é mais frequente ver as matas de eucaliptos, características desta zona. Os aglomerados urbanos nestas áreas, encontram-se, maioritariamente, dispersos e organizam-se ao longo das principais vias de comunicação, como por exemplo Castanheira do Ribatejo e Alenquer. É, também, muito comum vermos nestas áreas instalações industriais, a maioria ligadas à produção de vinho.[118]

A Serra do Montejunto é um maciço calcário com 660 metros de altitude de onde se consegue ver o oceano e manter uma relação visual com a Serra de Candeeiros. O seu clima é marcado pelas massas atmosféricas oceânicas, o que ajuda a que exista uma grande diversidade de ecossistemas, desde matos e formações herbáceas secas, a matos e terrenos cultivados, e ainda podemos encontrar uma forte presença florestal nas zonas mais baixas das encostas, que ajudam a fazer a transição com as áreas agrícolas envolventes. Devido a ser um clima propício a atingir baixas temperaturas nos pontos mais altos, durante o século XVIII e XIX foi edificada uma fábrica de gelo que funcionava durante os meses mais frios.[119]

É entre Alenquer e a Serra do Montejunto que nos deparamos com a Serra da Ota, a 152 metros de altitude. A paisagem desta zona é caracterizada pela presença de eucaliptos e de alguns pinheiros bravos, podendo surgir, pontualmente, vinhas, olivais e pinhais mansos. Infelizmente, a paisagem conta com a presença de alguns fatores que a tornam desordenada, como as vias que a atravessam – IC2, A15/IP6 e A1/IP1 -, os aglomerados urbanos - edifícios de habitação, indústrias, armazéns e comércio – e as pedreiras, que se fazem notar cada vez mais, destruindo os espaços naturais, os seus ecossistemas e a sua biodiversidade.[120]

Das descobertas já realizadas na zona, pode-se destacar o Canhão Cársico do vale do rio

---

117 MORAIS, José Carlos; *Caracterização e Plano de Ação do Canhão Cársico de Ota in Relatório síntese intercalar da caracterização - Componentes de Arqueologia, Geologia, Flora e Vegetação e Fauna Terrestre;* 2015, pg. 5

118 D'ABREU, Alexandre Cancela, CORREIA, Teresa Pinto e OLIVEIRA, Rosário; in *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental;* Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, 2002, pg. 51 e 52

119 Ibidem; pg. 31 e 32

120 Ibidem; pg. 27

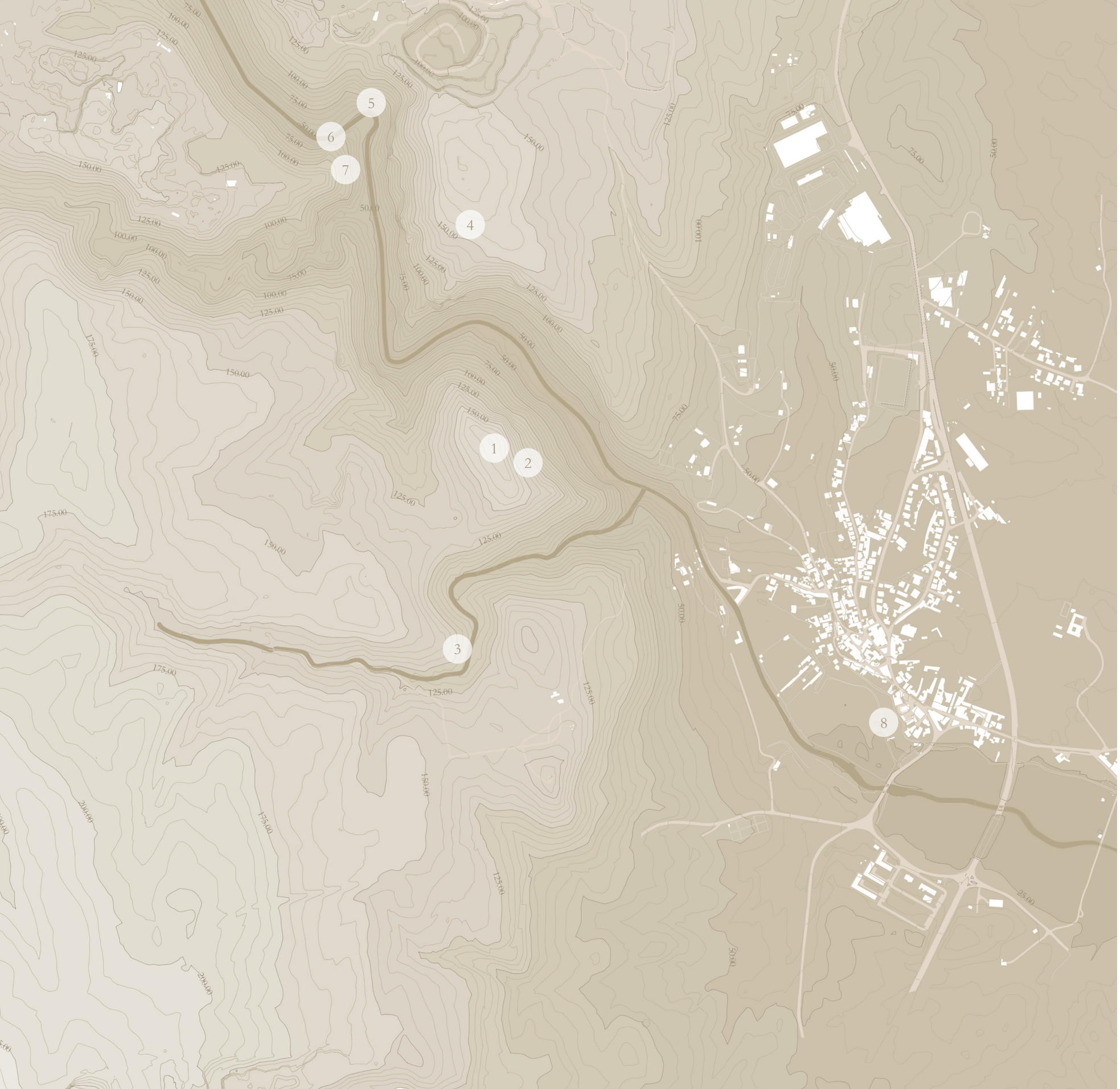


Fig. 55 Mapa topográfico da Ota com a localização dos lugares arqueológicos

da Ota que, apesar de fazer parte do Património Natural, Histórico e Cultural, se encontra em constante ameaça face ao avanço das pedreiras da zona. Na zona, estão documentados vestígios arqueológicos indicadores de ocupação humana desde a era do Paleolítico até ao Período Islâmico.[121] A área descrita como Canhão Cársico de Ota é definida pelo vale escarpado do Rio da Ota e pelas suas ribeiras adjacentes, assim como pelo local do povoado arqueológico, mais conhecido como Castro de Ota. Esta zona é um importante campo de descobertas arqueológicas. O arqueólogo Hipólito Cabaço foi quem descobriu o Castro de Ota, que despoletou inúmeras explorações na zona, contribuindo para a descoberta de vários artefactos. Este local apresenta indícios de ocupação do período Neolítico/Calcolítico e estende-se até ao período Romano, atingindo o seu auge no Período Calcolítico/Idade do Bronze. Foram aqui encontrados vários materiais arqueológicos, nomeadamente fósseis, que apresentam características de ocupação humana que cronologicamente pertencem aos períodos Neolítico/Calcolítico, Romano Republicano e Romano Imperial. Para além disso foram descobertas algumas estruturas circulares e retangulares, que poderão ser identificadas como cabanas, e uma estrutura negativa circular, que terá sido utilizada no âmbito funerário.[122]

Para além da zona do Castro de Ota, foram identificados mais três locais com vestígios arqueológicos. O primeiro, denominado Outeiro do Seio 1, onde foi encontrado um alinhamento de pedras que parece indicar uma muralha associada com estruturas não identificadas, uma cavidade de formação natural usada pelo Homem como abrigo e onde foram encontradas gravações parietais. [123]Apesar deste local ser referenciado como possível localização de um povoado fortificado Pré-Histórico, não houve, ainda, descobertas suficientes para se tirar uma conclusão concreta. O segundo, denominado Outeiro do Seio 2, que é referenciado como um abrigo Pré-Histórico, por apresentar gravuras, contudo é uma descoberta pouco fundamentada, uma vez que a gravura poderá ter sido feita recentemente. Por fim, foi também descoberta uma Via Romana secundária, onde se encontrou um vasto conjunto de materiais que pertenciam aos períodos do Neolítico/Calcolítico e ao período Romano.[124]

Há uma longa história de ocupação humana nesta zona, desde o período dos caçadores/recoletores - no período paleolítico, 75 mil anos a.C. - até ao início das primeiras sociedades com ideologias e técnicas de produção e construção - no período Neolítico e Calcolítico, entre

121 MORAIS, José Carlos; *Caracterização e Plano de Ação do Canhão Cársico de Ota* in *Relatório síntese intercalar da caracterização - Componentes de Arqueologia, Geologia, Flora e Vegetação e Fauna Terrestre;* 2015, pg. 5

122 Ibidem, pg.16

123 Os desenhos rupestres são classificados em pinturas e gravuras. Há ainda a chamada arte parietal, que são as manifestações encontradas exclusivamente em grutas e cavernas.

124 MORAIS, José Carlos; *Caracterização e Plano de Ação do Canhão Cársico de Ota* in *Relatório síntese intercalar da caracterização - Componentes de Arqueologia, Geologia, Flora e Vegetação e Fauna Terrestre;* 2015, pg. 14





Fig. 56 Descobertas Arqueológicas no Castro da Ota
Fig. 57 Gravura Pré-Histórica no Canhão Cársico da Ota

4 mil e 2 mil a.C.[125] É nesta última fase que se encontra datada a primeira ocupação humana na zona do Castro da Ota, de um homem já sedentário que constrói as suas próprias habitações e as suas estruturas defensivas, o que demonstra um pensamento avançado de "sentido de pertença e proteção de um espaço".[126] Numa fase a seguir, destaca-se a "habilidade e domínio da tecnologia metalúrgica"[127] que está ligada à ideia de poder e à capacidade de realizar trocas de bens. Mais tarde, a zona volta a ganhar importância nas primeiras fases da conquista e consolidação do império romano na Península Ibérica, podendo ter sido local de um acampamento militar Romano que apoiava o General Decimus Junius Brutus.

Em termos Geológicos, o Canhão Cársico é uma vertente escarpada constituída por formações calcárias do período Jurássico Superior, de idades entre os 157 e os 152 milhões de anos, onde se descobrem inúmeros fósseis, nomeadamente gastrópodes, oóides, corais e bivalves.

A zona do Canhão Cársico da Ota tem um bioclima mediterrânico oceânico, tal como a maioria do território nacional. Nesta área podemos encontrar principalmente dois tipos de vegetação[128]: bosques e a vegetação casmofítica[129] e saxícola[130], que têm conseguido permanecer conservados devido à ausência de incêndios na zona. No que trata a vegetação dominante da zona, pode-se destacar uma grande quantidade de Quercus Coccifera[131], nas zonas de vertentes, e de Pinus Halepensis[132] e Pinus Pinea[133], no sub coberto dos pinhais. Nas áreas mais elevadas e aplanadas da serra, encontram-se Quercus x Airensis[134], Quercus Coccifera e a rara Quercus Rotundifolia[135]. Nas vertentes mais frescas, podemos encontrar a Quercus Rivasmartinezii[136] e o Acer Monspessulanum.[137] Nos vales mais abertos, podemos encontrar as Quercus Broteroi[138] e ainda a Quercus Suber[139]. Junto à Ribeira da Ota, podemos encontrar a Tamarix Africana[140].

---

125 Ibidem; pg. 20

126 Ibidem; pg. 20

127 Ibidem; pg. 20

128 MORAIS, José Carlos; *Caracterização e Plano de Ação do Canhão Cársico de Ota* in *Relatório síntese intercalar da caracterização - Componentes de Arqueologia, Geologia, Flora e Vegetação e Fauna Terrestre;* 2015, pg. 38

129 Vegetação casmofítica - tipo de planta que vive em paredes ou paredes verticais.

130 Vegetação saxícola - plantas que crescem diretamente sobre rochas, ou em locais onde existe um mínimo de matéria orgânica e umidade.

131 Quercus Coccifera – arbusto, mais conhecido como carrasco.

132 Pinus Halepensis - conhecido como Pinheiro-do-Alepo.

133 Pinus Pinea - conhecido por Pinheiro Manso.

134 Quercus x Airensis – arbusto conhecido como Carvalhinho da Serra de Aire.

135 Quercus Rotundifolia - conhecida como Azinheira.

136 Quercus Rivasmartinezii - é uma subespécie do carrasco (Quercus Coccifera).

137 Acer Monspessulanum - conhecida por Zelha.

138 Quercus Broteroi - conhecido como Carvalho-Português.

139 Quercus Suber - conhecido como Sobreiro.

140 Tamarix Africana - conhecida como tamariz é uma árvore ou arbusto nativo do Norte de África e do Sudoeste da Europa.



Fig. 58 Cartaxo-Comum. Canhão Cársico da Ota

Até ao momento foram detetadas sessenta e uma espécies de aves, sendo as mais comuns: melro-preto, tentilhão, pintassilgo, milheirinha, chapim-carvoeiro, carriça, toutinegra-de-barrete, tutinegra-dos-valados, pisco-de-peito-ruivo, verdilhão e trepadeira-comum. Cerca de oito espécies de mamíferos foram também identificadas na zona: javali, raposa, geneta, saca-rabos, texugo, esquilo vermelho, coelho-bravo, morcego-de-ferradura-mediterrânico e o morcego-de-ferradura-pequeno. Foi também encontrada uma espécie de anfíbios e seis espécies de répteis.[141]

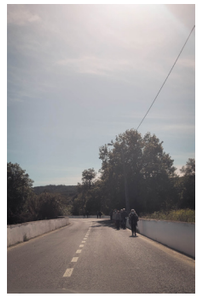
A Câmara Municipal de Alenquer e a Junta de Freguesia da Ota identificaram várias ameaças à conservação do património natural e arqueológico do Canhão Cársico e, para tal, foram definidas medidas propostas para as combater. Destaca-se a ameaça dos desportos de natureza, onde se pretende agir com uma regulamentação das áreas e épocas de visitação condicionada, a criação de um centro de interpretação com a função de divulgar, sensibilizar e dar apoio a essa visitação, a marcação e delimitação de trilhos e estações de visitação, com a elaboração de uma carta de desporto de natureza. Quanto à destruição do património arqueológico, pretende-se realizar a musealização do mesmo, com a possível inclusão desta componente no centro de interpretação e a organização de uma base de dados digital e de modelos virtuais ou de escala reduzida dos sítios arqueológicos e presença histórica e pré-histórica.[142]

141 MORAIS, José Carlos; *Caracterização e Plano de Ação do Canhão Cársico de Ota* in *Relatório síntese intercalar da caracterização - Componentes de Arqueologia, Geologia, Flora e Vegetação e Fauna Terrestre;* 2015, pg. 69

142 Ibidem; pg. 76 e 77



1. Rua 10 de Junho. Ponte do Rio da Ota



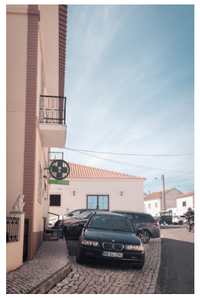
2. Rua 10 de Junho. Ponte da Ribeira dos Moinhos



3. Parque de Estacionamento de Camiões. Entrada na Ota



4. Rua 10 de Junho. Estacionamento da Farmácia



5. Rua 10 de Junho. Estacionamento do Café



6. Largo Dr. Mário Madeira. Estacionamento da Igreja e Paragens de Autocarros



7. Estacionamento da Junta de Freguesia



8. Rua Cel. Pinheiro Correia. Linha de água da Ribeira dos Moinhos adjacente a um terreno sem utilidade



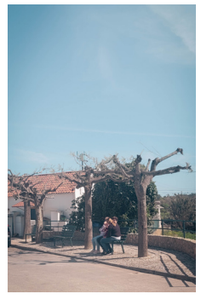
9. Rua Cel. Pinheiro Correia. Linha de água da Ribeira dos Moinhos



10. Rua dos Olhos de água. Linha de água



11. Rua dos Olhos de água. Porta para o CCO



12. Rua 10 de Junho. Descontinuidade dos passeios ao longo da estrada principal



13. Rua 10 de Junho. Descontinuidade e falta de passeios ao longo da estrada principal



14. Rua João de Deus. Postes de Alta Tensão junto a habitações e terrenos abandonados



Fig. 59 Análise Territorial. Identificação de Problemas

Interpretação do Território

A freguesia da Ota levanta algumas questões pertinentes, no que toca a nível natural, arquitetónico e urbanístico. Para compreender melhor as repercussões que isso pode ter a nível territorial, procedeu-se a uma análise que levanta vários problemas para o desenvolvimento da freguesia. Há três aspetos fundamentais a ter em conta, quando se analisa a Ota: a rede viária, a rede de espaços públicos e a rede de equipamentos culturais e sociais.

Como já foi visto, há graves problemas no que trata a circulação no interior da freguesia, tendo estes sido identificados, principalmente na sua via principal, a Rua 10 de Junho. É necessária a sua retificação e a hierarquização das ruas que lhe são adjacentes, de forma a criar uma rede viária homogénea. Para se entender melhor as questões levantadas, foi elaborado um mapa composto por um levantamento fotográfico dos vários problemas existentes. Destes problemas, podemos destacar as constantes quebras ao longo dos passeios, que ajudam a criar uma imagem fragmentada do espaço, rompendo uma leitura contínua dos mesmos.

Outro dos problemas que se destaca na malha urbana, é a quantidade de terrenos deixados ao abandono e sem qualquer tipo de uso, nomeadamente na entrada principal da Vila, onde se localiza um estacionamento para camiões, que raramente é utilizado com esse ou qualquer tipo de propósito.

Realizou-se também uma análise ao longo da N1, chegando-se à conclusão de que esta via não apresenta graves problemas para as comunidades à volta, sendo vista, na maioria das vezes, como uma oportunidade de negócio, onde se instalaram algumas indústrias e pequenos comércios. Ao longo da estrada nacional, podemos encontrar terrenos agrícolas e terrenos privados que utilizam a arborização junto ao limite da N1, como uma barreira natural para o barulho e para a poluição. Existe, portanto, uma clara separação entre o que é a zona habitacional e o sistema rodoviário, não afetando a dinâmica diária da comunidade da Ota.

Apesar das suas potencialidades, a Ota apresenta ser um local de passagem ou de paragem temporária. Para que isto mude, e se consiga aproveitar ao máximo as suas capacidades territoriais, é necessário que a comunidade se envolva mais no espaço em que se insere e que o município crie formas de incentivar a economia e as potencialidades turísticas da região.

Sente-se, também, uma a carência de espaços públicos e de lazer. Ao longo da malha urbana podemos observar vários vazios urbanos que têm potencial para serem reabilitados e requalificados para futuro usufruto da comunidade da Ota. Isto ajudaria a promover a vida ao ar livre, algo bastante importante, principalmente nos tempos que correm, devido ao grande período de isolamento que se viveu com o COVID.

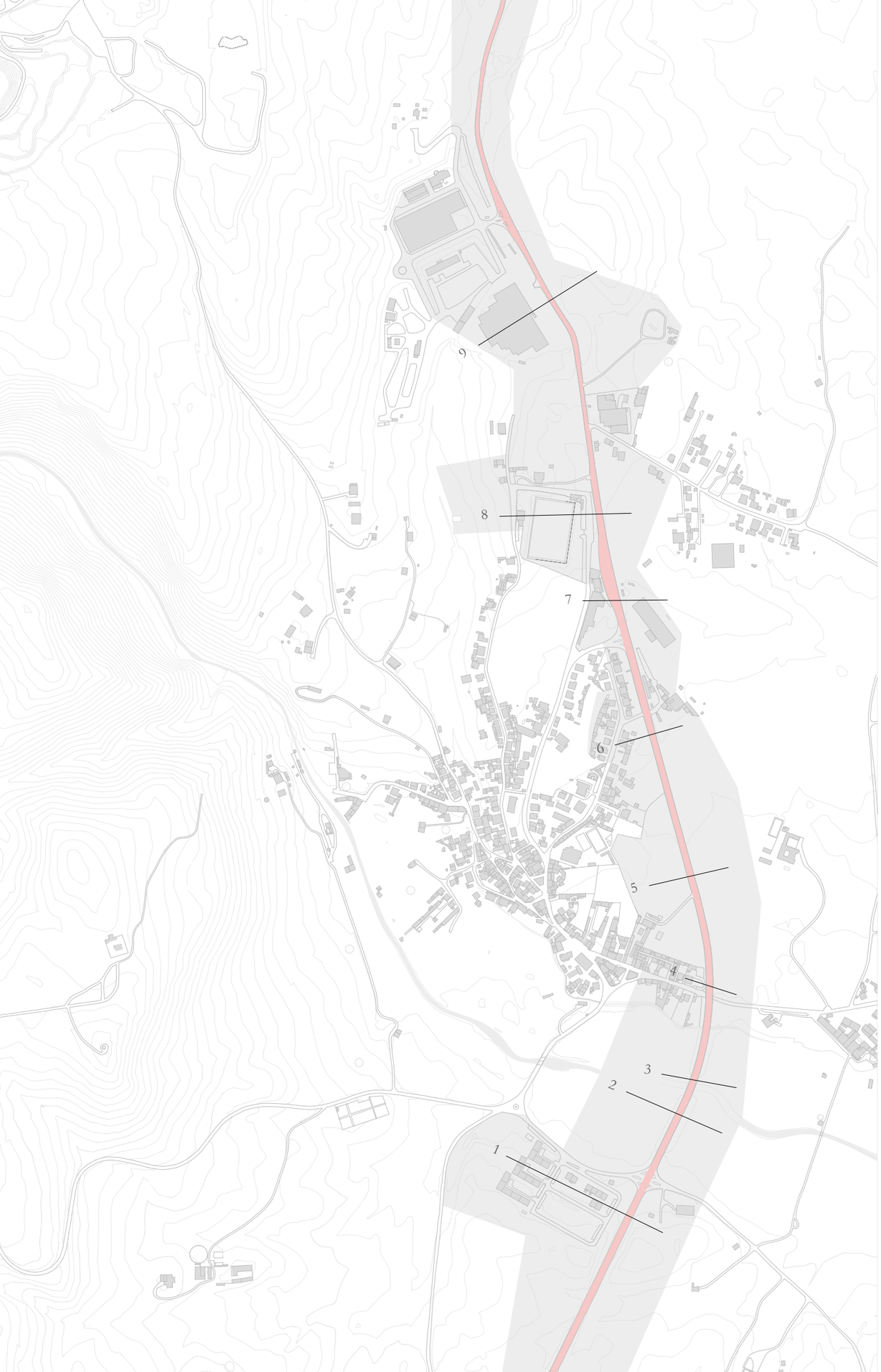




Fig. 60 Análise da N1. Cortes

É necessária a requalificação das margens do Rio da Ota e das suas ribeiras, através da criação de espaços interligados com estes cursos de água, que tenham interesse público e que promovam a importância dos recursos naturais e culturais da região. Tem-se, como principal objetivo, fomentar o pensamento ecológico e incentivar a prática de exercício físico e, ao mesmo tempo, ajudar a desenvolver o setor económico e social, estimulando o setor turístico.[143]

Para que tudo isto seja possível, propõe-se delinear um circuito pela Serra da Ota com painéis informativos, conjugados com uma explicação do território natural e do que o compõe. O objetivo é fazer uma intervenção na paisagem que não tenha um forte impacto na sua imagem; para tal é importante criarem-se pontos importantes ao longo do percurso, como miradouros, um observatório de aves e um observatório de estrelas, ao invés da delineação concreta de um percurso, como se faz nos Passadiços do Paiva ou no Trilho da Barca d'Amieira. Este percurso será explicado e descrito, ao visitante, no Centro de Interpretação, localizado no Largo Dr. Mário Madeira, onde se realizará uma explicação sobre o Canhão Cársico da Ota e tudo o que nele pode ser visto e foi encontrado arqueologicamente.

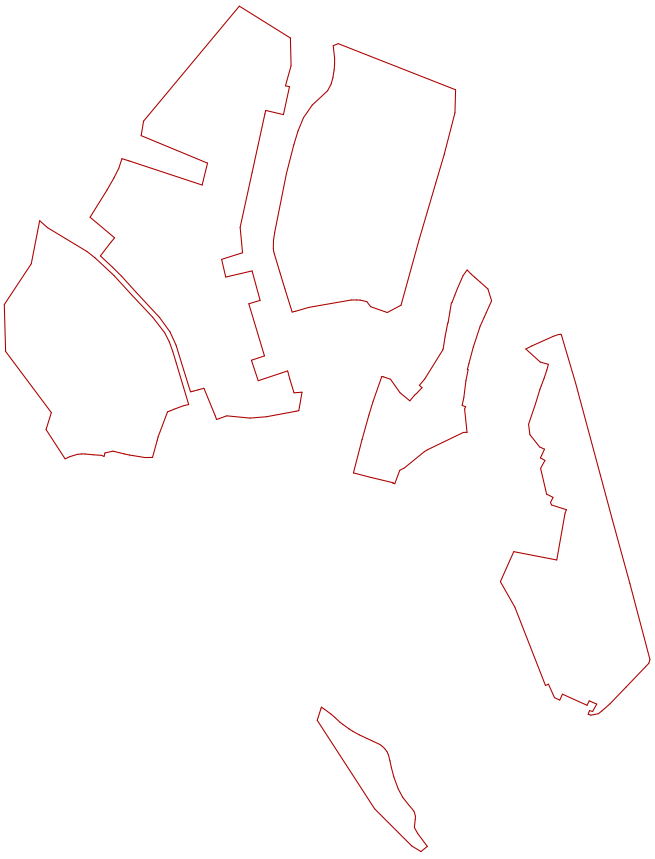
O último tema a ser abordado será o da falta de equipamentos culturais e sociais. Após uma análise aos equipamentos destinados à comunidade idosa, no Concelho de Alenquer, foi possível verificar que existe um défice em equipamentos relacionados com a ação social na freguesia da Ota. É, por isso, importante que sejam criadas unidades de apoio à população mais idosa e que estes equipamentos sejam incluídos em unidades de ATL ou Centros Lúdicos para crianças e jovens, de forma a dinamizar e aumentar o seu contacto com o mundo exterior e com as crianças, evitando que se sintam isoladas.

Face a esta carência de espaços culturais, propõem-se a criação de um Centro de Interpretação no Largo Dr. Mário Madeira que ajude a dinamizar a economia e o turismo da região, assim como educar as camadas mais jovens da população para a proteção, valorização e preservação dos espaços naturais dos locais onde vivem.

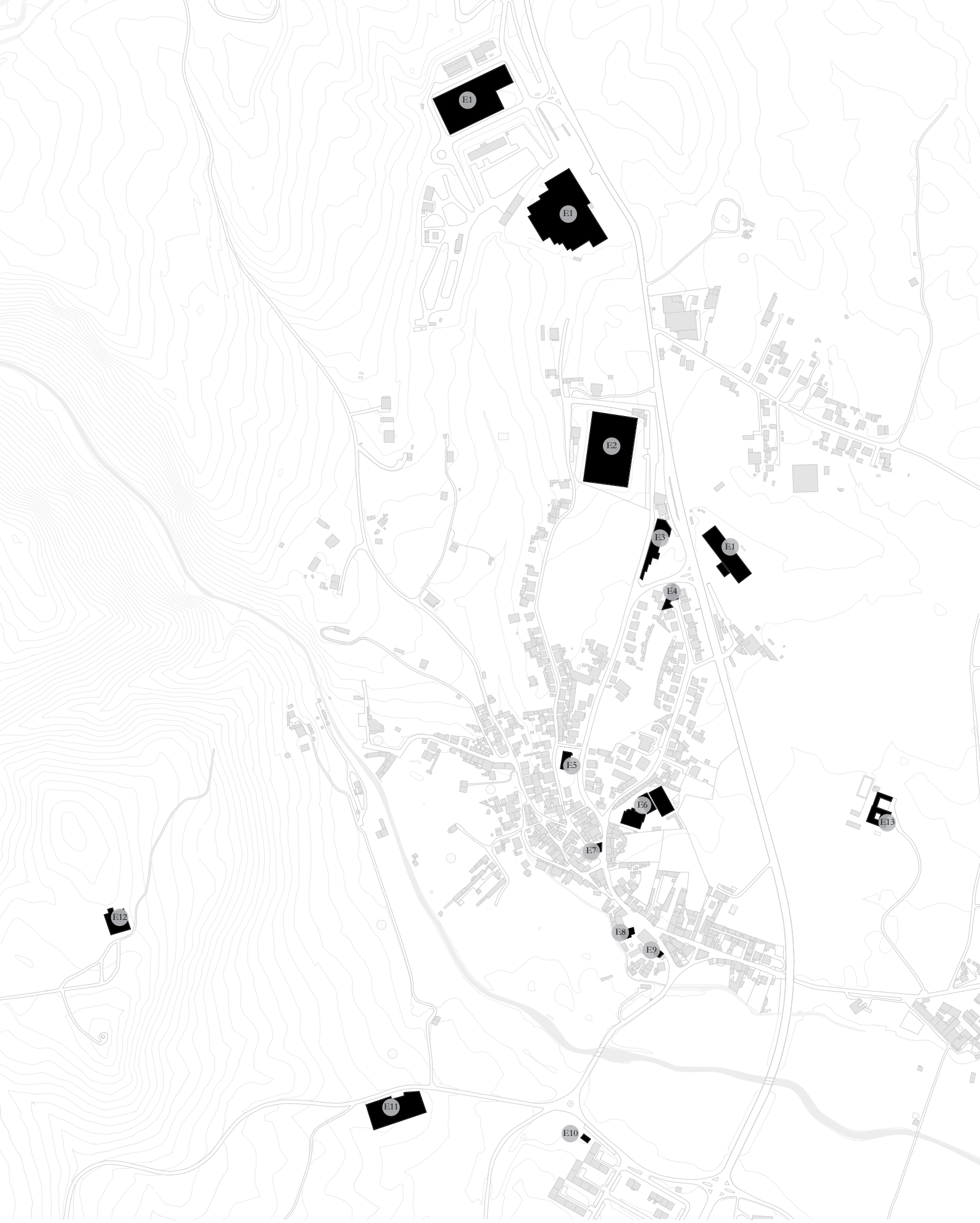
Com a criação desta dinâmica irá surgir a necessidade de criar locais de estadia para os visitantes, uma vez que este conjunto de medidas urbanas irá impulsionar uma maior afluência de pessoas à freguesia e ao concelho.

Segundo esta análise, realizada no território da Ota, é possível listar um conjunto de parâmetros que irão ajudar numa melhor compreensão do lugar. Ao abordarmos a questão da rede viária, neste caso de estudo, é possível verificar algumas forças territoriais, como a potencialidade de criação de diversas dinâmicas de empregabilidade potencializadas pela N1 e

143 Ver Apêndice II – Carta do Plano Diretor Municipal de Alenquer



— Potencialidades Urbanas

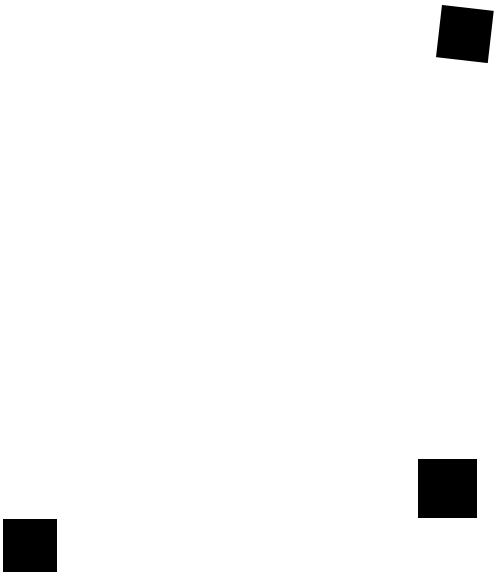


Equipamentos. E1. Grandes Indústrias; E2. Futebol Clube da Ota; E3. Comércio de automóveis; E4. Jardim; E5. Escola EB1/JI da Ota; E6. Centro Social Recreativo e Desportivo da Ota; E7. Junta de Freguesia da Ota e CTT; E8. Igreja Matriz da Ota; E9. Farmácia; E10. Parque Infantil; E11. Cemitério; E12. Parque de Merendas; E13. Quinta dos Arcos

Rede Urbana Curvas de Nível Ribeira dos Moinhos Edificado Rio da Ota

Fig. 61 Rede de Equipamentos na Freguesia da Ota

algumas das suas fraquezas, no que toca a hierarquização das ruas que impede uma leitura coesa da malha urbana e gera um problema na sua gestão. Quanto à rede de espaços públicos existentes, existe uma capacidade de criação de novos espaços desta categoria, que seriam assegurados pelo Rio da Ota e pelos seus inúmeros ribeiros que se espalham ao longo do território. Infelizmente, até ao momento, são poucos os espaços de caráter público nesta região, o que promove o abandono de muitos dos terrenos. Acerca da rede de equipamentos culturais, são claras as capacidades económicas e turísticas deste lugar, proporcionadas pelo património natural da região, o Canhão Cársico da Ota. Contudo, a falta de equipamentos culturais que poderiam ajudar numa melhor educação ambiental, criam um problema para a sua gestão e proteção.



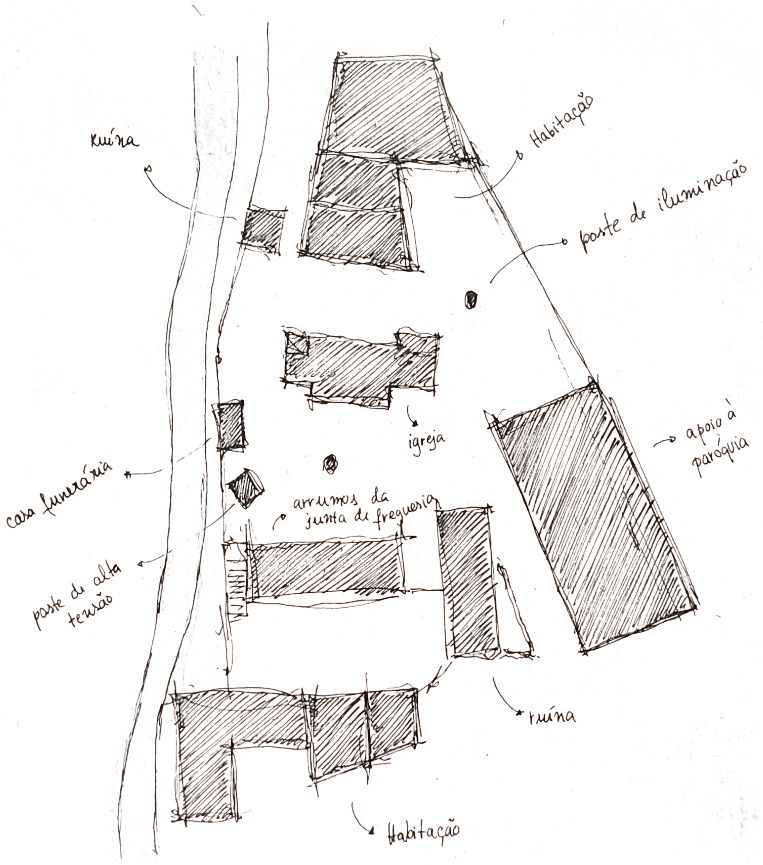


Fig. 62 Desenho de Memória do Largo Dr. Mário Madeira

UM PROJETO

Após a análise realizada e os problemas apresentados, é clara a necessidade da reorganização viária e dos espaços que lhe são associados. É também necessária a criação de um espaço público que beneficie das potencialidades dos cursos de água da região, assim como a criação de um equipamento que permita a educação da população face ao património natural que tem em mãos.

Posto isto, surgiu a intenção de restauração e restruturação do Largo Dr. Mário Madeira, lugar de entrada na vila, que dispõe de todas as qualidades e potencialidades para responder aos três problemas acima assinalados.

Ao observarmos este largo, podemos destacar um elemento imponente que contribui para o seu desenho e definição: a Igreja Matriz. Com um olhar mais atento a este espaço, verificou-se que o largo se encontra estrangulado pelas inúmeras construções que lhe foram sendo adicionadas ao longo dos anos. É possível destacar a forte presença de um poste de iluminação no meio do largo, na zona a norte da Igreja Matriz, que tem um forte impacto no desenho urbano do largo. Ainda a norte da Igreja, é possível observar algumas estruturas em ruínas, que contribuem para uma leitura degradada do espaço. Do lado sul da Igreja, verificamos a presença de um robusto poste de alta tensão que tem um impacto negativo, não só no largo em si, mas também na paisagem. Aqui existem também algumas ruínas com um aspeto bastante danificado e um edifício onde estão os antigos tanques para a lavagem da roupa, que foi mais tarde transformado numa construção habitacional e que, atualmente, é utilizado para arrumação da Junta de Freguesia.

Numa primeira fase do projeto, tentou realizar-se um acordo com a Câmara Municipal para a possível reabilitação de um dos edifícios constituintes do largo. Depois de várias reuniões com o Vereador da Câmara Municipal, o Presidente da Junta de Freguesia, e todos os membros ativos da equipa de proteção do património, chegou-se à conclusão de que era urgente a criação de um espaço que informasse a população e os turistas sobre a Ota. Para além disso, foi requerido um espaço onde se pudessem realizar as reuniões desta equipa de trabalho.

O edifício dos lavadouros foi o escolhido, numa primeira fase do projeto, para ser reabilitado e transformado num Centro de Interpretação Ambiental. Contudo, o espaço era muito pequeno para os objetivos que tinham de ser cumpridos e o projeto acabou por ser abandonado.

Existe uma clara partição do espaço que contribui para a falta de caráter do mesmo, enquan-

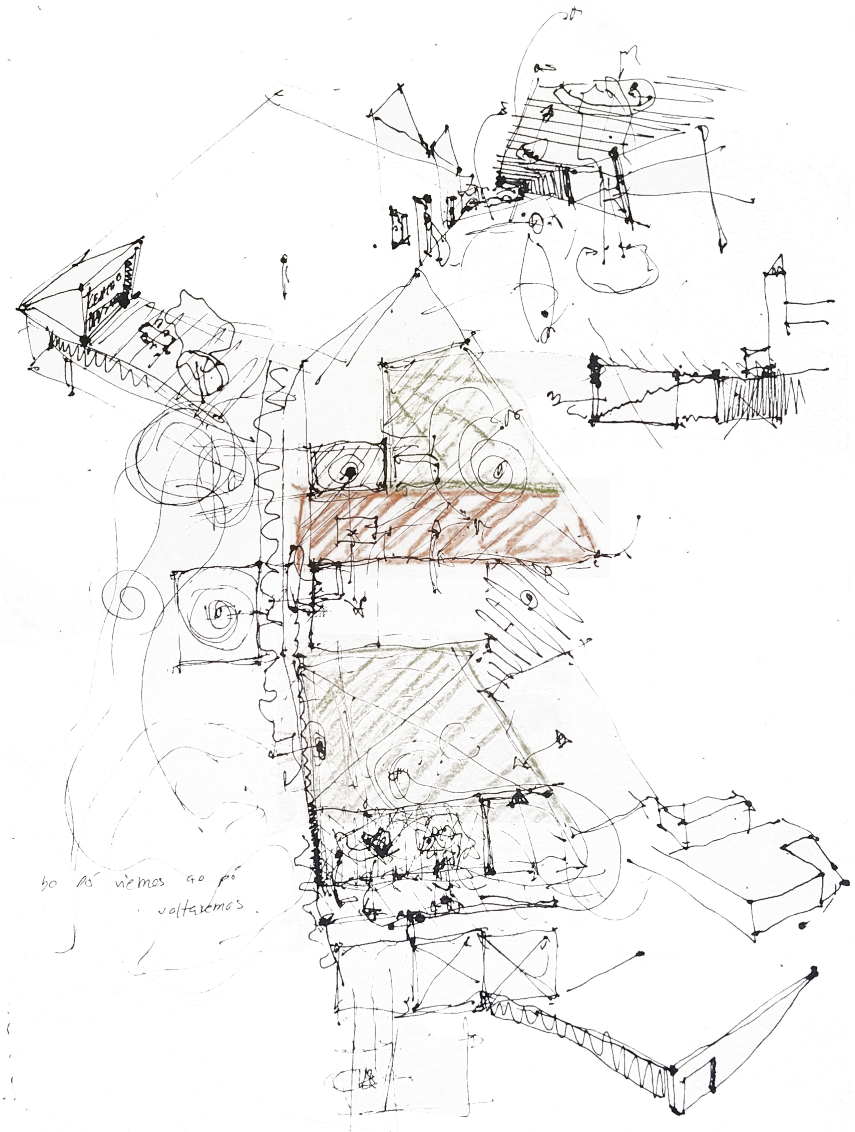


Fig. 63 Esquiços de uma discussão de projeto com o meu amigo Ruben Vasques

to largo, e que potencializa uma leitura ambígua da sua localização, que surge da dualidade existente entre a zona a norte da Igreja e a zona a sul. Era necessário arranjar soluções para estes problemas referidos, e para tal, procedeu-se à demolição de algumas construções mais degradadas, que não possuíam potencialidades para serem restauradas e que não possuíam qualquer tipo de função, e de outras que, apesar de possuírem uma clara função, em nada beneficiavam o espaço. Com isto, pretende-se, não só fazer renascer o espaço do largo, enquanto centro urbano ativo, mas também estimular a fixação da população na vila e transformar a freguesia numa zona com potencialidades habitacionais com uma zona recreativa atrativa, aumentando, assim, as potencialidades económicas e turísticas.

Com a demolição dos edificados referidos, renasce um novo largo com uma leitura mais lógica, que potencializa um novo espaço para a feira semanal e para as festas da vila, que, até ao momento, se realizavam numa pequena porção do largo, na parte traseira da Igreja. Ainda assim, é necessário responder às necessidades do lugar, após a demolição de alguns espaços com funções relevantes, nomeadamente o da casa funerária.

Após uma conversa casual com o padre da paróquia, fizeram-se notar novas variáveis que culminaram numa nova versão do projeto. Surgem, assim, novas necessidades, apontadas por membros da população, ao invés de uma intervenção com proveito, essencialmente económico, para a câmara municipal. A versão final da proposta de intervenção, para o Largo Dr. Mário Madeira, acaba por levantar novas questões a nível urbano e projetual. Na primeira fase eram apenas requeridos quatro programas com áreas muito pequenas – uma zona de exposições com uma receção, uma sala polivalente, uma sala e reuniões e uma casa de banho de apoio. A nova versão conta com áreas maiores e inclui uma zona de receção, duas zonas de exposições, um arquivo, casas de banho de serviço, uma sala de reuniões, uma sala de pessoal e dois balneários.

Assim, surgiu um projeto com três frentes: a criação de um Centro Cívico que proporcionasse a educação populacional da importância ecológica do Canhão Cársico da Ota; a construção de um Miradouro, que permitisse observar a Serra da Ota; e a idealização de um espaço de Largo e de uma Capela que servisse de apoio à Igreja.

Surgiu, assim, um projeto que procura responder a cinco pontos chave: Programa, Organização Interior, Ambiência, Percurso e Verticalidade. Estas foram as cinco componentes projetuais obtidas, após a observação e análise de algumas obras que acabaram por influenciar os elementos constituintes do Largo.

O projeto é composto por três elementos cúbicos que dão entrada a três unidades diferentes – uma religiosa, uma cultural e outra de observação. Podemos observar como estes três

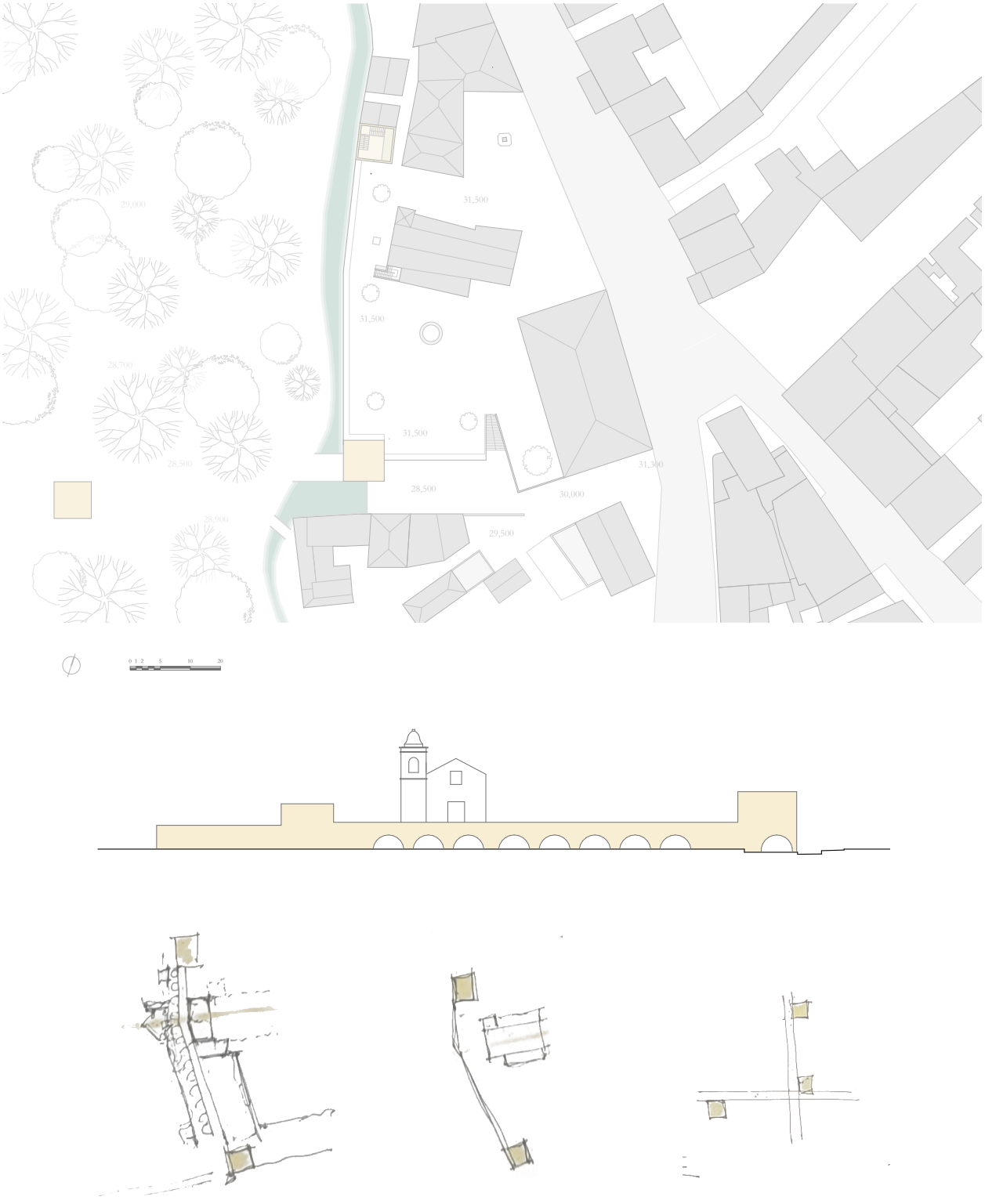


Fig. 64 Planta de Cobertura da Intervenção. Escala 1:1000.
Fig. 65 Alçado Principal
Fig. 66 Esquiços do Processo Projetual

tipos de programas funcionam em conjunto na obra de Saya Park, na Coreia do Sul, do Arquiteto Álvaro Siza. Este projeto é composto por um Centro de Arte, por uma Capela e por um Miradouro e é interessante observar como estas três unidades, com funções bastante distintas, se conseguem relacionar, sem que se sobreponham umas às outras, a nível espacial.

No projeto do Largo, o primeiro elemento cúbico, mais a norte, surge do aproveitamento de uma das ruínas do largo e abre o percurso até à capela, que se encontra subterrada à frente da Igreja. Aqui, podemos verificar influências dos projetos do Crematorium na Bélgica do Arquiteto Eduardo Souto de Moura; e do Crematorium Hofheide dos RCR Arquitectes. Ambos os projetos apresentam um percurso para o interior do crematório que transmite a sensação de um regresso às origens, o que me levou a relembrar uma frase que a minha bisavó costumava dizer – "Do pó viemos, ao pó voltaremos". Assim surgiu a ideia de criar uma capela debaixo de terra que utilizasse esta ideia de percurso, com uma conotação bastante religiosa, do corpo que faz uma viagem, desde o momento em que parte, até ao momento em que encontra a vida após a morte. Através das sensações criadas pelos jogos de luz e de sombra, da obra da Igreja da Luz, de Tadao Ando, procurei, também, criar uma certa ambiência celestial, no projeto da Capela, que estivesse ligada ao poder divino. Isto foi conseguido através da colocação de um túnel vertical de luz no centro da Capela, que capta a claridade vinda do "céu", atribuindo uma ideia de sacralidade ao espaço.

O segundo espaço cúbico, mais a sul, foi criado como um marco de entrada para o Centro Cívico e é utilizado como se fosse um abraço gigante ao visitante. O Centro Cívico é composto por três momentos, um elemento central, o da entrada onde se situa a receção; um elemento ligado à frente ribeirinha, onde se situam as áreas de exposição temporária e permanente e a sala polivalente; e, por fim, um elemento mais virado para a zona urbana, onde se situam os serviços – sala de reuniões, casas de banho de serviço, sala de arquivos, sala de pessoal e os balneários. Este espaço teve como influência o projeto do Museu de Arte Romana, do Arquiteto Rafael Moneo, onde a organização interior do espaço é feita através de um percurso fluído, composto por arcos romanos imponentes, que ajudam a marcar um caminho pela história romana ao longo do museu. O mesmo se tentou transparecer para o projeto do Centro Cívico, sendo a zona de exposições acedida através de um corredor com arcadas robustas, que se assemelham aos arcos das pontes romanas. Aqui tenta-se criar uma correlação com o curso de água que é adjacente a esse espaço, e, ao mesmo tempo, dar corpo a uma afinidade aliada às descobertas romanas, realizadas na Serra da Ota.[144] Ao fim do corredor, podemos encontrar a sala polivalente que tem uma relação muito direta com a sala de exposições e que

144 A Calçada Romana que pode ser percorrida no início do percurso, idealizado para a visita ao Canhão Cársico da Ota.

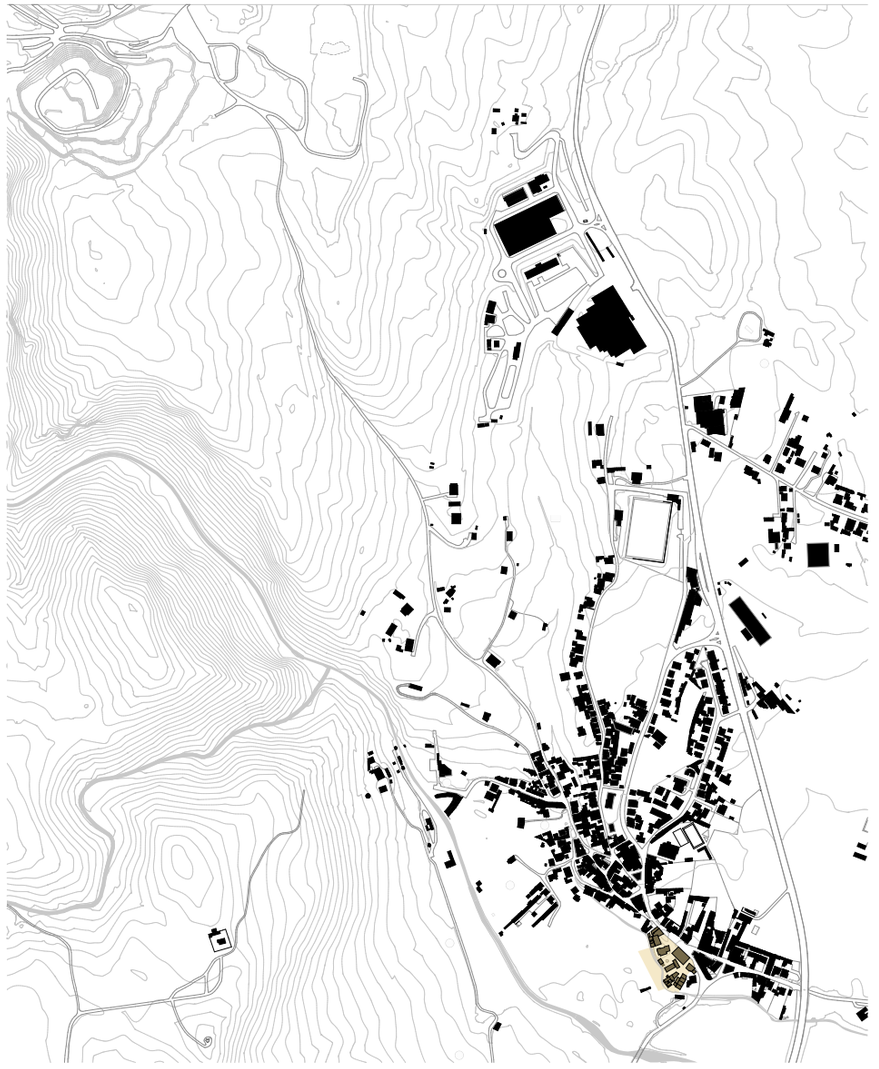


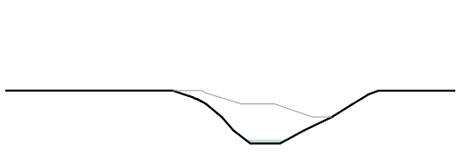


Fig. 67 Planta do Piso 0 da Intervenção. Escala 1:1000.
Fig. 68 Planta do Piso -1 da Intervenção. Escala 1:1000.

pode ser utilizada, tanto pelo Centro Cívico, como pela Igreja, para futuros eventos.

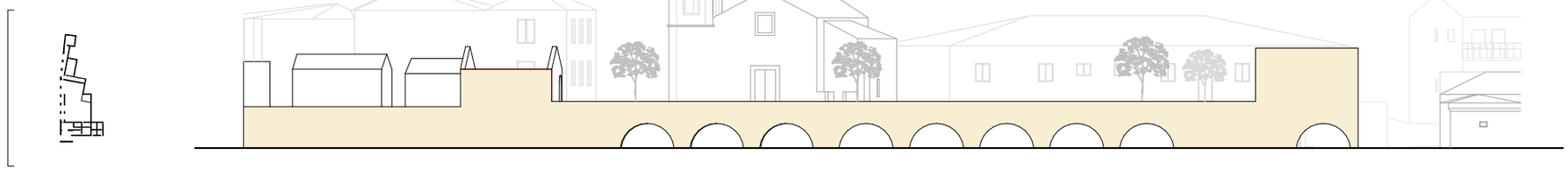
Por fim, temos o terceiro elemento cúbico, o Miradouro. Este espaço apresenta fortes influências da minha experiência pessoal no Porto Academy onde fui orientada pelo Atelier Johansen Skovsted. O Miradouro reflete alguns dos trabalhos deste atelier, nomeadamente, a criação de uma estrutura composta por uma sequência espacial lógica. Aqui, é bastante clara a influência da obra do Bird Sanctuary, realizada na Dinamarca, composta por elementos estruturais de ferro, que ajudam a dar uma ideia de transparência ao longo da verticalidade da estrutura. Neste projeto, este elemento marca o início do percurso pelo Canhão Cársico da Ota. Ao longo da sua subida vai-se, dando a conhecer um pouco mais da paisagem envolvente: no primeiro piso descobrimos o Largo de uma perspetiva diferente; o segundo piso abre-se para o monte onde se localiza o Parque de Merendas; o terceiro volta-se para a entrada na Vila da Ota; e por fim, o quarto que manifesta uma aparência mais opaca, de modo a não deixar que o espectador se abstraia do ponto principal que o levou até ali: o Canhão Cársico da Ota.





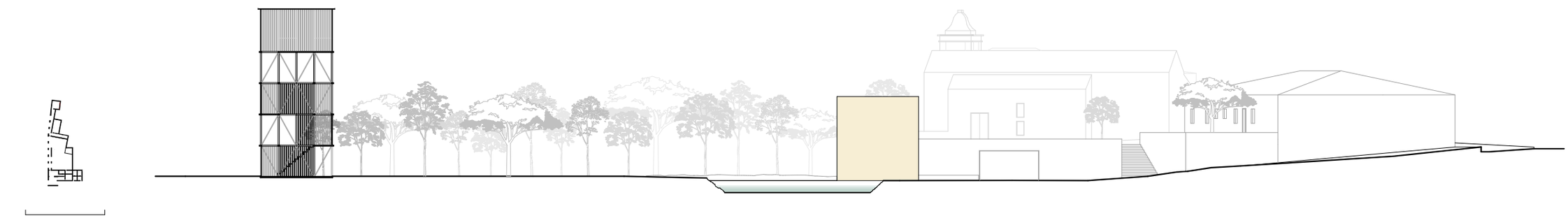






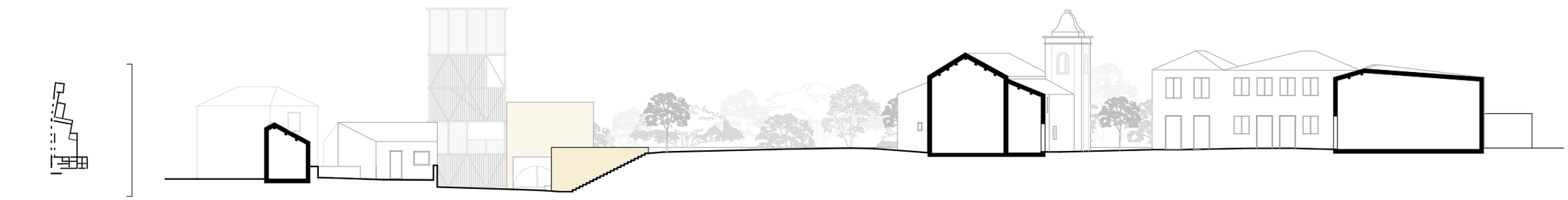
Alçado Oeste da Proposta 1:400

1.400 0 2 4 6 8 10



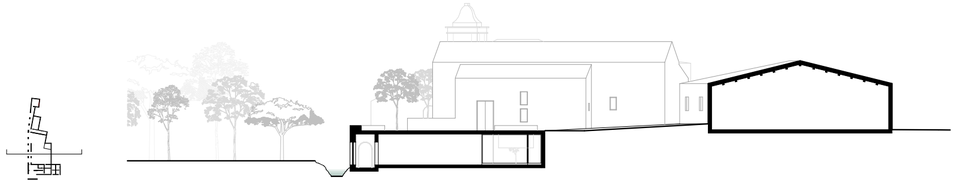
Alçado Sul da Proposta 1:400

1.400 0 2 4 6 8 10



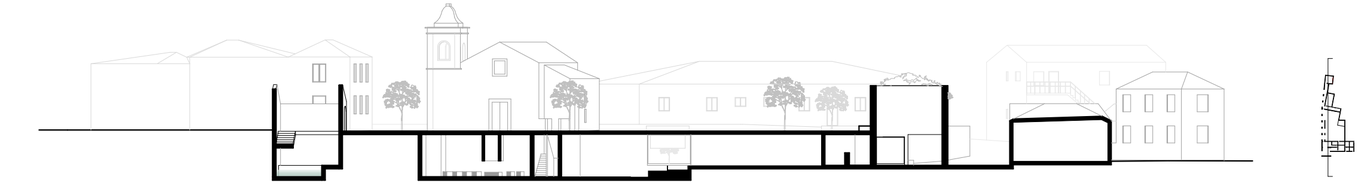
Alçado Este da Proposta 1:400

1.400 0 2 4 6 8 10



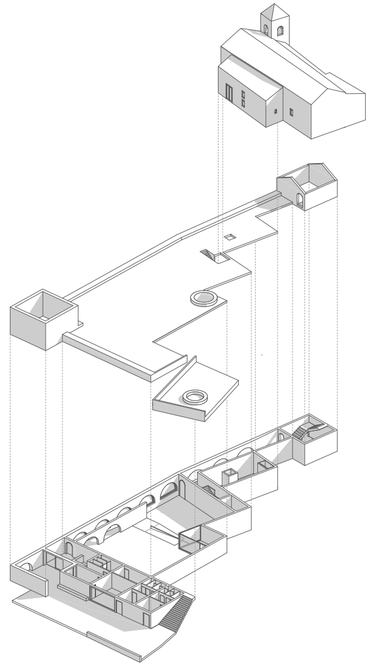
Corte Transversal da Proposta [Galeria e Sala de Exposições] 1:400

1.400 0 2 4 6 8 10

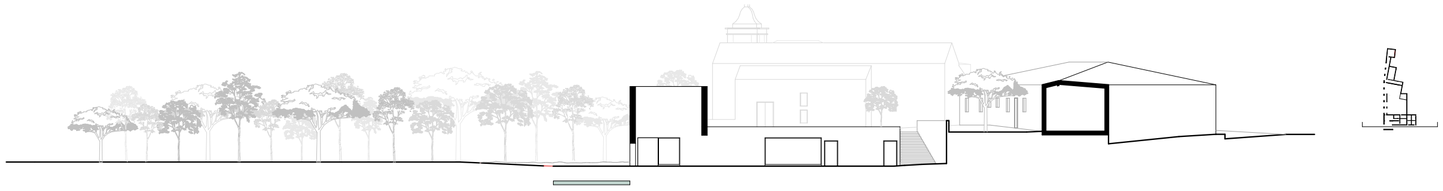


1.400 0 2 4 6 8 10

Corte Longitudinal da proposta [Capela e Galeria] 1:400

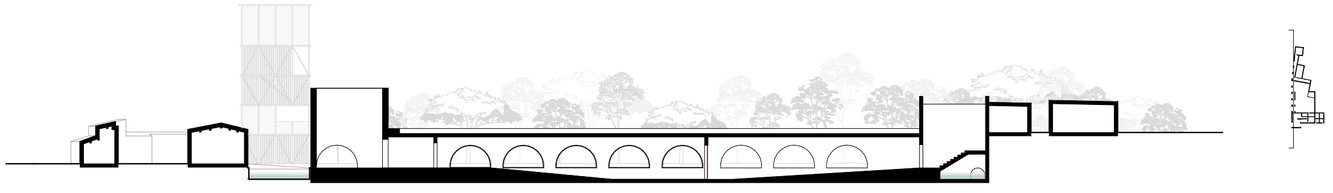


Axonometria da Proposta 1:500



1.400 0 2 4 6 8 10

Corte Transversal da Proposta [Entrada. Cubo] 1:400



1.400 0 2 4 6 8 10

Corte Logitudinal da Proposta [Galeria] 1:400

Referências para o Projeto da Capela

Percurso que remete para um regresso às origens.
"Do pó viemos, ao pó voltaremos"

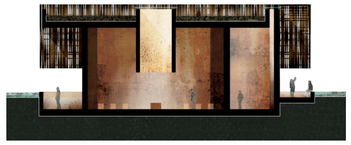


Fig. 70 Hofheide Crematorium. RCR Arquitectes. Corte

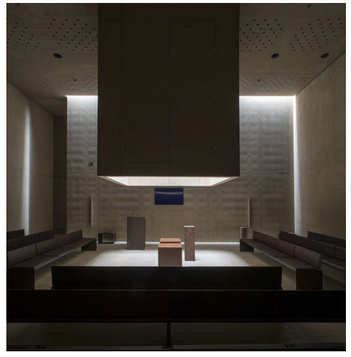


Fig. 71 Hofheide Crematorium. RCR Arquitectes



Fig. 69 Cubo de entrada na Capela



Fig. 72 Projeto da Capela

Referências para o Projeto do CIACCO

Tal como o propósito de uma ponte é unir dois pontos.
Também aqui, no projeto, o propósito é unir dois lugares distintos. Dois programas. Duas pré-existências.



Fig. 73 Ponte de Trajano. Chaves

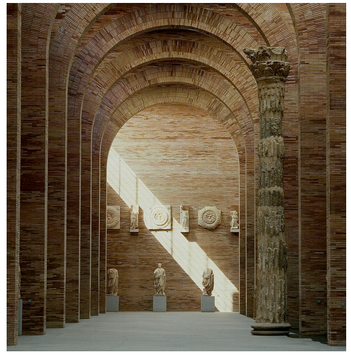


Fig. 74 Museu Nacional de Arte Romana. Rafael Moneo



Fig. 75 Projeto do CIACCO. Corredor de acesso à sala de exposições



Fig. 76 Projeto do CIACCO. Sala de exposições

Referências para o Projeto do Miradouro

Ao longo da subida vai se dando a conhecer diferentes temáticas da paisagem envolvente.
O largo. A serra. A entrada na vila. O Canhão Cársico da Ota.



Fig. 77 Miradouro do Saya Park. Álvaro Siza e Carlos Castanheira

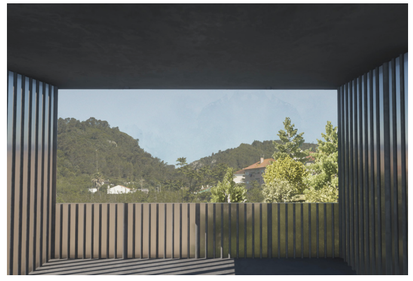


Fig. 78 Projeto do Miradouro. Observatório



Fig. 79 Tipperne Bird Sanctuary. Johansen Skovsted Arkitekter



Fig. 80 Projeto do Miradouro. Vista do CIACCO

Referências para o Projeto do Largo

Dupla função programática: Centro de Interpretação e Capela. Ambas um memorial.
Um ligado às pessoas que partiram e outro dedicado à história dos antigos povos.
Uma ligação entre o céu e a terra. O cruzamento de dois eixos, de dois lugares.



Fig. 81 Saya Park. Álvaro Siza e Carlos Castanheira



Fig. 82 Crematorium Utzicht. Eduardo Souto de Moura

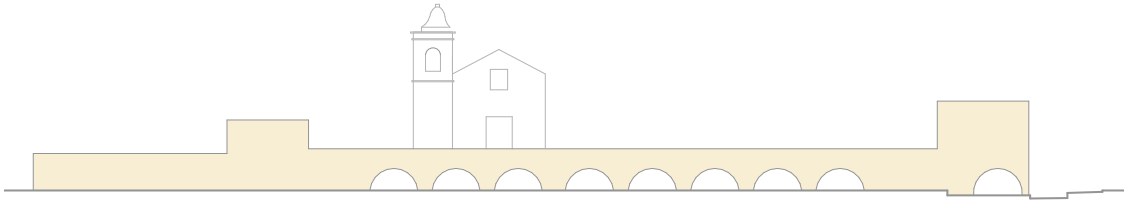


Fig. 83 Alçado do Projeto do Largo Dr. Mário Madeira

Considerações Finais

O percurso parecia diferente do de há um ano atrás. As intenções e os objetivos mudaram e o projeto não é o mesmo. Tal como a Natureza está em constante transformação, também o percurso durante a dissertação sofreu várias alterações. Nunca foi constante.

Iniciei o percurso protegida por uma intenção e um programa que visavam ser claros. A partir daí, o caminho a percorrer parecia ser fácil, em linha reta, sem curvas ou encruzilhadas. Havia um cliente, um programa e um objetivo claro que tinha de ser cumprido.

No decorrer do percurso, comecei a deparar-me com várias questões, que se foram acumulando. Começou a surgir um muro íngreme de pedras que parecia que ia sucumbir a qualquer momento. Os problemas começavam a ser maiores, mas o muro não caiu.

Agora já não me sentia protegida. Deparei-me com uma clareira e a partir daí o caminho foi feito em constante esforço, cheio de encruzilhadas: de novas decisões a serem tomadas e novas escolhas a serem ponderadas. Construir na Natureza? Ou para a Natureza? Apenas quando cheguei a este momento da caminhada é que percebi o que tinha de fazer, qual a atitude a ser tomada.

Foi a partir deste momento que começou a ser difícil ler o percurso e seguir o rumo certo. Havia caminhos claramente delineados, e outros mais escondidos. Segui o caminho que se encontrava aberto à minha frente, que parecia ser o mais fácil. Mas logo me deparei com outra encruzilhada. Nenhum dos caminhos parecia ser o mais acertado, por isso, olhei para trás, para todas as outras hipóteses possíveis. Retrocedi e prossegui pelo caminho mais difícil. O projeto sofreu uma reviravolta, o programa foi aumentado, as áreas expandiram e o propósito do projeto tornou-se mais claro.

Tinha finalmente alcançado o topo do trilho. As peças do puzzle começavam, agora, a juntar-se e tudo o que apreendi ao longo do caminho começou a fazer sentido.

Nós somos um pequeno grão de poeira, que faz parte de algo muito maior. E tal como nós, também o Centro de Interpretação Ambiental da Ota é um grão de poeira, que ajuda a fazer chover, produzindo novas dinâmicas naquele lugar.

Este trabalho surge da conjugação entre uma parte teórica – a investigação – e uma parte prática – o projeto. Procurou-se definir conceitos e explorar diferentes visões do que é a Arquitetura, a Paisagem e o Lugar, e de que forma se interrelacionam e afetam entre si. Desta forma, foi possível construir uma estrutura, que permitiu a construção de um projeto que dis-

põem de relações estáveis com a sua circunstância, quer a nível físico, quer com a comunidade onde se insere. O projeto procura ser o culminar de uma investigação com um conhecimento e uma ligação pessoal com o lugar.

Ao longo do processo projetual acabou por se abandonar a ideia original de realizar uma intervenção na Serra da Ota. Deixou de fazer sentido intervir numa paisagem considerada património natural, pois qualquer tipo de intervenção iria afetar a sua linguagem e a sua essência. Temos exemplos disso nos Passadiços do Paiva e no Trilho da Barca d'Amieira. Apesar disso, achamos pertinente, para futuras investigações, a temática de intervir num lugar considerado património natural.

Assim, propõem-se um projeto de um Centro de Interpretação, em harmonia com aquele lugar. A sua dupla função programática – Centro de Interpretação e Capela – são, ambas, um memorial; um mais ligado às pessoas que partiram e outro à história dos antigos povos. Uma ligação entre o céu e a terra. O cruzamento de dois eixos; de dois lugares. Tal como a Natureza procura ter uma ordem, também o edifício quer criar uma ordem. Quer ter um impacto na vida da população, mas não quer ser um obstáculo. Por isso, é um espaço multiusos subterrâneo, que na sua cobertura cria um espaço urbano e proporciona um novo centro para a Ota. Um centro de reunião. Um projeto para a comunidade.

> "(...) projetar, planear, desenhar, devem significar apenas encontrar a forma justa, a forma correta, a forma que realiza com eficiência e beleza a síntese entre o necessário e o possível, tendo em atenção que essa forma vai ter uma vida, vai construir circunstâncias".[145]
>
> Fernando Távora, Da Organização do Espaço

145 TÁVORA, Fernando; *Da organização do Espaço*. Porto: Faup publicações, 1996, pg. 86

Bibliografia

ANDO, Tadao - Uma Nova Agenda Para a Arquitetura. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

BAPTISTA, António Martinho - O Vale do Côa - Estudo e gestão de um complexo de sítios de arte rupestre Património Mundial.2014. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23307/1/Baptista2014b.pdf

CORREIA, Ezequiel; COSTA, Fernando - Breve notícia da recente erupção na ilha do Fogo e suas consequências. Finisterra. 30. nº 59/60 (1995) Disponível em: https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1821

D'ABREU, Alexandre Cancela - Paisagem enquanto património. Pedra & Cal. Vol. nº 34. Abril | Maio | Junho. 2007. Disponível em: http://www.gecorpa.pt/Upload/Revistas/Rev34_Artigo%2001.pdf

D'ABREU, Alexandre Cancela; CORREIA, Teresa Pinto; OLIVEIRA, Rosário - Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental. Direção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, 2002.

DANTAS, Carlos Felipe Albuquerque - Álvaro Siza & Rem Koolhaas: a transformação do lugar na arquitetura contemporânea. São Paulo: Annablume, 2011.

DOMINGUES, Álvaro - A paisagem revisitada. Finisterra. 36. nº 72 (2001) Disponível em: https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1621

FAUVRELLE, Natália - De paisagem a património - a classificação como processo de musealização da paisagem. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2015.

GLIKSON, Artur - The Ecological Basis of Planning. Springer Netherlands, 2012.

GREGOTTI, Vittorio - Il progetto del passato: memoria, conservazione, restauro, architettura. Bruno Mondadori, 1997.

LOPES, André Texugo.-.O 4º e o 3º milénio a.n.e. no sítio da Ota (Alenquer). Perscrutando por entre colecções antigas e projectos recentes. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2016.

LYNCH, Kevin - The Image of the City. MIT Press, 1964.

MCHARG, Ian Lennox - Design with Nature. Turtleback, 1995.

MENDES, Manuel - Da intervenção na cidade histórica - longa duração e desenho. Porto: Encontros AAP - habitação, 1998.

MORAIS, José Carlos - Relatório síntese intercalar da caracterização - Componentes de Arqueologia, Geologia, Flora e Vegetação e Fauna Terrestre. 2015.

MOTA, Avelino Teixeira da - Cinco séculos de cartografia das ilhas de Cabo Verde.Junta de Investigações do Ultramar: 1961. Disponível em: http://hdl.handle.net/10451/40445

SANDINO, Fernando Villanueva - Construir sobre el passado. Colegio Oficial de Arquitectos de Andalucía Occidental, 1988.

SCHULZ, Christian Norberg - Uma Nova Agenda Para a Arquitetura. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SILVA, Daniela - How Tourism is shapping the urban realities. CARTHA - On the form of form. (2019).

SPIRN, Anne Whiston - The language of landscape. New Haven: Yale University Press, 1998.

TELLES, Gonçalo Ribeiro - Gonçalo Ribeiro Telles: textos escolhidos. Lisboa: Argumentum, 2016.

WEBGRAFIA

PICTURES, Building - No país dos Arquitectos Camilo Rebelo - Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa.NUNES, Sara. Vol. 18.

SILVA, Ana Catarina - Arquitetura Entre Vistas Camilo Rebelo.SILVA, Ana Catarina. Vol. 51.

https://dicionario.priberam.org/antropogeografia

http://whc.unesco.org/en/list/866/

https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23263/1/Seabra%20%28coord.%29%202004%20-%20ConcursoMuseu.pdf

http://www.oasrn.org/construirem/uploads/areareservada/areareservada6/03.4de4_museu_coa_ficha_tecnica.pdf

https://www.nasjonaleturistveger.no/siteassets/publikasjoner/nt-brosjyre-web.pdf

https://www.nasjonaleturistveger.no/en/routes/ryfylke/allmannajuvet/

https://www.nasjonaleturistveger.no/en/architects-and-artist/zumthor--partner-atelier-peter-zumthor--partner/

https://www.archdaily.com.br/br/796507/museu-da-mineracao-allmannajuvet-peter-zumthor

https://www.architecturalrecord.com/articles/11899-peter-zumthors-gravity-defying-structures--in-norway-commemorateand-evokethe-perils-of-mining

https://www.conaf.cl/wp-content/files_mf/1397071666PlandeManejoPNVV20131.pdf

https://www.germandelsol.cl/memtg.htm

https://circarq.wordpress.com/2014/10/15/termas-geometricas-german-del-sol-guzman/

FONTE DAS IMAGENS

1 - https://www.archdaily.com.br/br/01-169735/ensaio-sobre-a-arquitetura-slash-marc-antoine-laugier
2 - Aula 03 de Urbanistica I, 1 de Outubro de 2018
3 - Aula 03 de Urbanistica I, 1 de Outubro de 2018
4 - https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/23281/9/Mestrado%20-%20Arquitetura%20Paisagista%20-%20Ana%20Isabel%20Figueiredo%20dos%20Santos%20-%20Desenhar%20a%20paisagem%20global.pdf
5 - https://www.publico.pt/2018/01/12/p3/fotogaleria/nomadismo-urbano-a-vida-a-bordo-de-uma-autocaravana-387388
6 - https://www.facebook.com/artedefotografar/posts/contraste-entre-o-central-park-e-o-resto-da-cidade-de-nova-york/2505847672833893/
7 - https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0069469. Referido na Aula 03 de Urbanistica I, 1 de Outubro de 2018
8 - https://www.archdaily.com.br/br/905656/saya-park-alvaro-siza-plus-carlos-castanheira
9 - LYNCH, Kevin - The Image of the City. MIT Press, 1964.
10 - https://www.architectural-review.com/buildings/from-the-archive-childrens-museum-hyogo-japan-by-tadao-ando
11 - ANDO, Tadao, 1983 1993. Madrid : El Croquis, 1993, pg. 249.
12 - https://www.archdaily.com.br/br/787030/classicos-da-arquitetura-ville-radieuse-le-corbusier
13 - https://www.archdaily.com.br/br/01-66735/exposicao-le-corbusier-america-do-sul-1929-sao-paulo-sp
14 - https://www.archdaily.com.br/br/776776/uma-arquitetura-para-a-cidade-a-obra-de-affonso-eduardo-reidy
15 - https://arquiscopio.com/archivo/2013/08/10/broadacre-city/?lang=pt
16 - https://www.publico.pt/2019/04/07/culturaipsilon/ensaio/aqui-nao-paisagem-1868083
17 - Fotografia da Autora.
18 - Fotografia da Autora.
19 - Fotografia da Autora.
20 - https://en.wikiarquitectura.com/building/chikatsu-asuka-historical-museum/
21 - https://www.moma.org/collection/works/426
22 - PORTUGUESES, Associação dos Arquitetos - Arquitetura Popular em Portugal. 3ª Edição. Lisboa: 1988, pg. 210
23 - Aula 03 de Urbanistica I, 1 de Outubro de 2018.
24 - https://arquivoatom.up.pt/index.php/pousada-de-santa-marinha
25 - https://arquivoatom.up.pt/index.php/pousada-de-santa-marinha
26 - https://arquivoatom.up.pt/index.php/pousada-de-santa-marinha
27 - Reprodução da Autora.
28 - Fotografia da Autora.
29 - Reprodução da Autora.
30 - Fotografias da Autora.
31 - Reprodução da Autora.
32 - Reprodução da Autora.
33 - Reprodução da Autora.
34 - Fotografia da Autora.
35 - https://www.atlasofplaces.com/architecture/allmannajuvet-zinc-mine-museum/
36 - https://www.atlasofplaces.com/architecture/allmannajuvet-zinc-mine-museum/
37 - https://www.atlasofplaces.com/architecture/allmannajuvet-zinc-mine-museum/
38 - https://www.atlasofplaces.com/architecture/allmannajuvet-zinc-mine-museum/
39 - https://www.atlasofplaces.com/architecture/allmannajuvet-zinc-mine-museum/
40 - https://www.atlasofplaces.com/architecture/allmannajuvet-zinc-mine-museum/
41 - https://www.atlasofplaces.com/architecture/allmannajuvet-zinc-mine-museum/
42 - Reprodução da Autora.
43 - https://termasgeometricas.cl/en/

44 - https://www.instagram.com/termas_geometricas/
45 - https://www.instagram.com/termas_geometricas/
46 - https://www.instagram.com/termas_geometricas/
47 - https://www.instagram.com/termas_geometricas/
48 - Reprodução da Autora.
49 - Reprodução da Autora.
50 - Reprodução da Autora.
51 - Reprodução da Autora.
52 - Reprodução da Autora.
53 - Fotografia da Autora
54 - Fotografia da Autora
55 - Reprodução da Autora.
56 - LOPES, André Texugo.-.O 4º e o 3º milénio a.n.e. no sítio da Ota (Alenquer). Perscrutando por entre colecções antigas e projectos recentes. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2016, pg. 25
57 - LOPES, André Texugo.-.O 4º e o 3º milénio a.n.e. no sítio da Ota (Alenquer). Perscrutando por entre colecções antigas e projectos recentes. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2016, pg. 27
58 - MORAIS, José Carlos - Relatório síntese intercalar da caracterização - Componentes de Arqueologia, Geologia, Flora e Vegetação e Fauna Terrestre. 2015, pg. 8
59 - Reprodução da Autora.
60 - Reprodução da Autora.
61 - Reprodução da Autora.
62 - Desenho da Autora.
63 - Desenho da Autora.
64 - Reprodução da Autora.
65 - Reprodução da Autora.
66 - Desenho da Autora.
67 - Reprodução da Autora.
68 - Reprodução da Autora.
69 - Reprodução da Autora.
70 - https://arquitecturaviva.com/works/crematorio-de-hofheide-6
71 - https://www.rcrarquitectes.es/projects/crematori-de-hofheide-belgica/
72 - Reprodução da Autora.
73 - https://nationalgeographic.pt/viagens/113-grandes-reportagens/2680-ponte-de-trajano
74 - https://www.subtilitas.site/post/27566946123/raphael-moneo-national-museum-of-roman-art
75 - Reprodução da Autora.
76 - Reprodução da Autora.
77 - https://www.archdaily.com.br/br/905656/saya-park-alvaro-siza-plus-carlos-castanheira
78 - Reprodução da Autora.
79 - https://johansenskovsted.dk/projects/TIPPERNETowerLocation-Tipperne-Ringkobing-FjordYear-of-construction
80 - Reprodução da Autora.
81 - https://www.archdaily.com.br/br/905656/saya-park-alvaro-siza-plus-carlos-castanheira
82 - https://divisare.com/projects/287565-eduardo-souto-de-moura-sumproject-luis-ferreira-alves-crematorium--uitzicht
83 - Reprodução da Autora.

ANEXOS

ANEXO I



Entrevistas de Apoio aos Casos de Estudo

Podcast - No país dos Arquitetos

EP 18 - Camilo Rebelo + Tiago Pimentel
Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa

Sara Nunes O Arquiteto Camilo Rebelo tem vindo a desenvolver vários projetos com uma forte relação com a natureza e com a paisagem. Os arquitetos têm evitado falar sobre o tema da sustentabilidade. Como é que pensa que a arquitetura pode deixar de ser um problema para o planeta e pode passar a ser uma solução?

Camilo Rebelo O tema da sustentabilidade e da eficácia energética é fundamental. Quando se pensa e se faz arquitetura pode-se fazê-lo de diferentes modos. Obra a obra, o arquiteto tem de entender as condições. Um dos pontos principais na construção da obra é a matéria-prima estar perto da obra, ou seja, *"construir com o local e no local"*.

Sara Nunes O projeto de que vamos falar hoje situa-se numa paisagem duplamente classificada - o Alto Douro Vinhateiro e o Vale do Paleolítico. Foi na paisagem que encontraram as soluções para o projeto.

Camilo Rebelo Um aluno no fim de uma conferência perguntou-me: *"Como é que se constrói a narrativa arquitetó-nica do Museu do Côa?"*. Foi uma pergunta muito interessante. A narrativa arquitetónica do Côa, construi-se da forma mais linear que há. Se tivesse de resumir o que é o Côa numa frase *"o Côa é um terraço que vê a paisagem e faz dessa mesma paisagem, a estrutura e a composição do próprio ter-raço"*. Quando estamos no terraço temos o conteúdo da paisagem por baixo, e à frente, no horizon-te, temos a paisagem propriamente dita. Temos os pés em cima do conteúdo da paisagem. Isto é a narrativa arquitetónica. Um monólito que é a síntese da paisagem.

Sara Nunes Não resisto a pedir para que conte a história do lagarto.

Camilo Rebelo A história do lagarto tem graça. Nós fizemos muitas visitas de campo e acompanhamos os arqueó-logos a ver as gravuras. Numa dessas visitas sentei-me numa pedra e do nada sai de baixo de mim um lagarto de metro e meio. Ficou daqui a ideia de que os bichos saem de debaixo das pedras. é o lugar de abrigo. é a toca. é o lugar de proteção. Quando começámos a projetar o terraço, quería-mos manter a ideia de que debaixo seria o lugar de abrigo. O lugar onde as pessoas têm o auditório, o restaurante, o espaço comum. Mas ao mesmo tempo têm uma grande sombra que os protege.

Sara Nunes Numa conferência que deu na Casa da Música, lembro-me de ter ficado fascinada pelo processo criativo de encontrar uma solução para o processo construtivo. Desde as pedras que levaram para o atelier, a busca da cor, a decalcação das pedras... Pode falar um pouco sobre este processo?

Camilo Rebelo Todas as obras devem ter processos ricos, se não, não aprendemos com as obras. Se a obra é uma sistematização constante, já sabemos a receita e, assim, já não estamos a produzir nada de novo, nem estamos a aprender nada de novo. Isso parece-me pouco interessante.
O tema do Côa é a pedra. A nossa primeira intenção era fazer um museu de pedra, mas os engenheiros disseram-nos que o xisto não era um material tecnicamente válido, ou seja, é um material que mecanicamente não responde aos esforços do betão armado. Por isso, o tema da pedra começou a ficar em risco. O grande monólito. A ideia de iconizar a pedra. O objetivo era atribuir à pedra um novo significado, um significado habitável. Não com o código de caça ou de fertilidade como no tempo do Homem Paleolítico, mas com os códigos da arquitetura.
Por isso, fomos obrigados a olhar para as pedras noutro sentido. Não só tivemos de utilizar os conhecimentos da engenharia, mas também o dos arqueólogos. Fomos perceber como é que cada arqueólogo olhava para a pedra. Foi a partir daqui que começámos a perceber a importância da textura e da cor.
Um dia fomos ao terreno, abrimos a mala do carro e fomos colher pedras. Em laboratório conseguiram fazer amostras em betão iguais a cada pedra. Fizeram-se experiências no próprio local. Até há uma parede na cave que tem diferentes cor.

Sara Nunes O edifício tem cerca de onze anos. Mas só agora algumas coisas foram concluídas. Pode nos contar esse processo que foi acontecendo ao longos destes anos?

Camilo Rebelo O edifício quando foi inaugurado não cumpria aquilo que estava no projeto de execução, nem no caderno de encargos. Houve partes do projeto que não ficaram feitas, como por exemplo alguns acessos.

Sara Nunes Sentiu a diferença de como é que em Portugal se aceitou a obra e como é que lá fora a aceitaram?

Camilo Rebelo Senti, e com alguma tristeza. O Côa nunca foi para a Bienal de Veneza, o que acho uma coisa surpre-endente . E ao mesmo tempo recebeu o prémio Bauwelt, na Alemanha. Também nunca foi nomeado para prémio Mies Van Der Rohe.

Sara Nunes Antes de fazer o Museu já tinha visitado estas gravuras?

Camilo Rebelo Não. Apenas as visitamos no âmbito do Museu.

Sara Nunes O que é que o Museu do Côa lhe ensinou sobre a arquitetura?

Camilo Rebelo O Museu do Côa ensinou-me muita coisa, mas principalmente ensinou-me que um processo para ficar bem tem de ser um processo com complexificação, ou seja, tem de haver complexidade. Se não houver complexidade, a arquitetura não entra para a história. E esta complexificação vem do processo.

Sara Nunes O Camilo é professor, já deu aulas em Milão, Shangai, Mendrisio... O que é que quer ensinar às novas gerações de arquitetos?

Camilo Rebelo Uma das coisas mais importantes para os alunos é descobrirem a sua identidade. Esta descoberta da identidade tem a ver com duas realidades: o eu propriamente dito. O aluno tem de saber quem é, e isso é muito difícil. E ao mesmo tempo *"qual é no nosso caminho"*, que faz parte da construção da identidade. Qual é o nosso objetivo? há objetivos de diferentes naturezas: quantidade, qualidade, efémera, permanente, provisória... A construção do caminho e do objetivo são coisas muito impor-tantes na construção da identidade.
Outro tema muito importante é o clima. O arquiteto é um construtor e construir implica consumo. Por sua vez, o consumo implica ecossistemas.

Sara Nunes Há pouco perguntei-lhe porque é que este tema do clima é tão pouco tratado pelos arquitetos. Respondeu-me que era por causa dos custos. Fazer arquitetura sustentável é mais caro. Como é que podemos fazer as pessoas entender que apesar de ser mais cara, estamos a investir no nosso futuro?

Camilo Rebelo É o dever do Arquiteto dizê-lo, propor e reforçar. Mas cabe a cada um aceitar e entender ou não. Com o tempo vamos todos ter de entender.

EP 51 - Camilo Rebelo

Ana Catarina Silva A arquitetura é uma linguagem universal?

Camilo Rebelo A arquitetura não é uma linguagem universal, mas tem uma dimensão universal. A arquitetura é um instrumento de comunicação, espaços, formas, texturas, cores, luz e matéria. Ela comunica cultura, indivíduozs e sociedades.

Ana Catarina Silva Ainda existe uma identidade do lugar/local?

Camilo Rebelo "O grande equilíbrio existe, no futuro, entre perceber o que é o local e o que é universal". O que faz parte de um todo e o que faz parte de um lugar. Se a arquitetura é demasiado distante de um lugar, ela transforma-se numa espécie de ovni.
Na sociedade atual, tudo está universalizado, ou seja, tudo está acessível em todo o lado, o que faz com que o lugar fique contaminado (no bom sentido).
Por outro lado, o lugar é um dado de geografia, de topografia, cultural e social. Neste sentido, há elementos do lugar que se manterão sempre com o lugar. São intocáveis. Claro que há variáveis, como o clima. Em algumas zonas do globo, havia uma determinada condição e com as alterações climáticas esta condição tem vindo a mudar. Há novos códigos de circunstância do mundo e da natureza que estão a mudar.
"O lugar tem uma possibilidade de voltar a renascer, a despertar". Há um código do lugar.

Ana Catarina Silva Para além da bagagem multicultural do arquiteto, também o clima está a esbater e a aproximar todas as arquiteturas do mundo?

Camilo Rebelo Sim. Se não tomarmos conta do tema do clima, corremos graves riscos enquanto civilização. Se não houver o cuidado na nossa prática deontológica, de incluir os fatores climáticos, isto irá tornar-se uma grande trapalhada. "O tema do clima não é uma questão de gosto, é uma questão de obrigação". Quem não nasceu com esta obrigação em mente, tem de se educar para estar com ela. E quem não quiser enfrentá-la é uma pessoa que está fora do baralho. Não vejo a possibilidade de exercer arquitetura sem ter esse fator presente.

Ana Catarina Silva Todo o lugar quer ser arquitetura? Ou todos os lugares têm potencial para resultar numa boa arquitetura?

Camilo Rebelo Essa resposta é simples. Até porque já o pratiquei. Já cheguei a

um lugar em que o cliente me pediu para fazer uma obra, uma obra significativamente grande onde tinha capacidade para fazer uma belíssima obra. Mas olhei para o terreno e disse-lhe que aquele terreno não podia fazer aquela obra e rejeitei o trabalho.

Ana Catarina Silva Porquê esta inquietação na relação entre arquitetura e natureza?

Camilo Rebelo Eu penso muito nisso e não tenho uma resposta. Quando era aluno no colégio de alemão, a biologia sempre me interessou imenso. Como não tinha muita aptidão para a química e para a matemática, acabei por me afastar da biologia enquanto exercício profissional. Mas sempre me interessou muito o que é que nós arquitetos fazemos que permita que a natureza fique melhor. é um tema que me preocupa.

Ana Catarina Silva Mas se são realidades separáveis, Arquitetura e Natureza, deve a arquitetura ter a ambição de as fundir?

Camilo Rebelo "Toda a arquitetura faz parte da Natureza. Nós fazemos parte da Natureza". O Homem é um animal e há uma componente da Natureza que está inerente a isso. O Homem viva nas cavernas, educou-se e depois começou a gerar uma coisa que se chama conforto. Começa a transformar tudo à sua medida, tudo oque vem da Natureza. "Estamos sempre num processo de transformação". A arquitetura tem a obrigação, enquanto dimensão processadora de matéria, de tomar consciência de todas as fases, e de todas as qualidades e quantidades que estão inerentes a este processo de extração de matéria.
É fácil dizer que vamos construir tudo em madeira. Mas, entretanto, estamos a abater a Amazónia, a florestas escandinávia e os pinheiros nórdicos. Se o fizermos eles não voltam a crescer, só daqui a quarenta anos. Todos os animais que vivem naqueles ecossistemas vão ser postos em causa, porque vão deixar de ter árvores.
Não interessa o material em que vamos construir - betão, mármore, madeira, ferro, etc. -, mas sim entender a dimensão do estrago que vamos fazer. Deve haver um processo de ciclo de vida na arquitetura. Ao destruirmos uma casa, a madeira pode ser reutilizada, o betão pode ser triturado e reutilizado, etc.

Ana Catarina Silva A Arquitetura deve ter sempre a Natureza como prioridade?

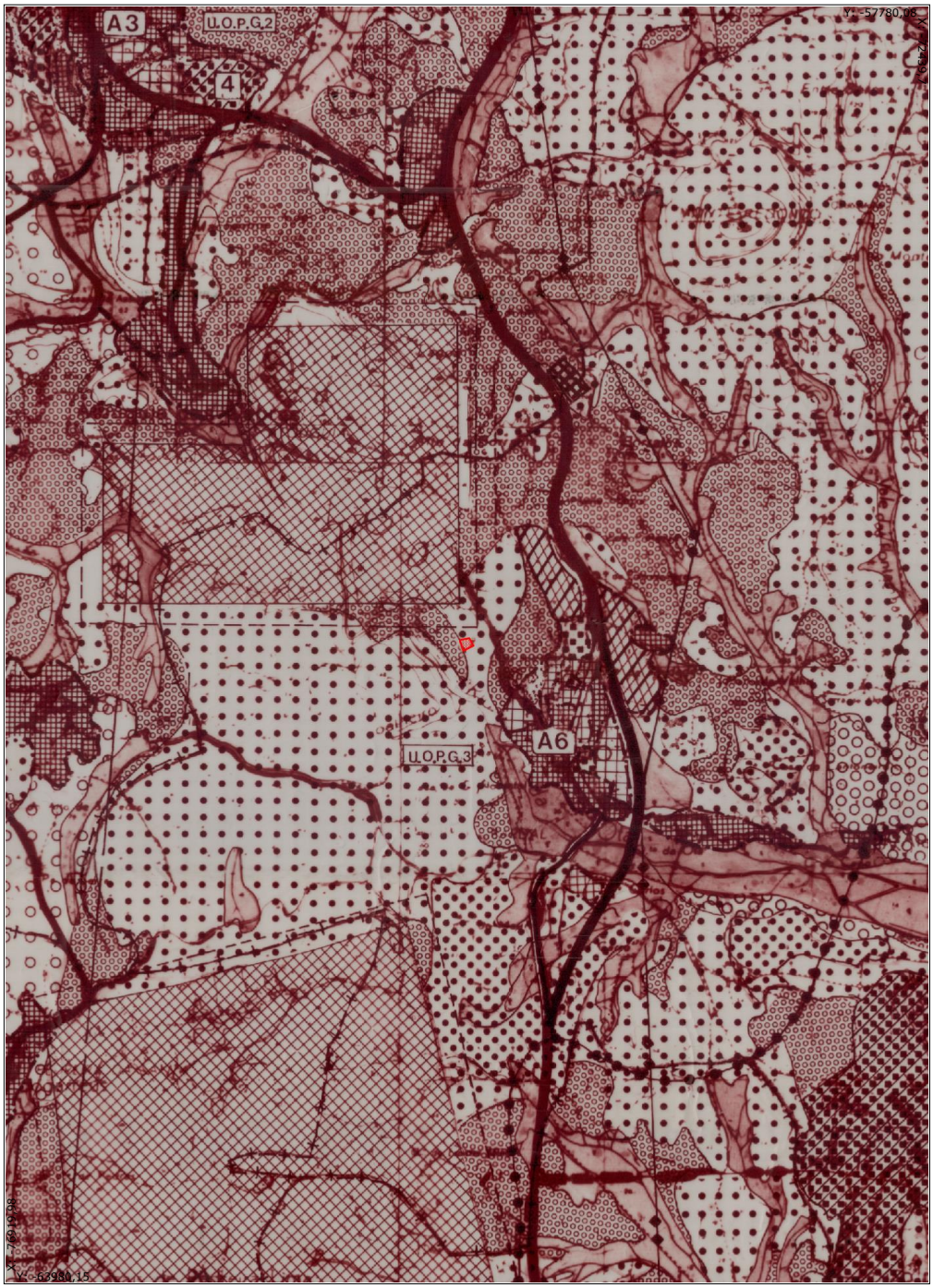
Camilo Rebelo "Acho que já não temos outra possibilidade". Não só a arquitetura, a humanidade já não tem outra opção.

Ana Catarina Silva A Natureza busca a luz e a Arquitetura busca a sombra?

Camilo Rebelo "As melhores sombras são feitas pela Natureza"

ANEXO II

Carta do Plano Diretor Municipal de Alenquer



	Requerente: Diana Rochinha Maudslay
	--- Dados da Carta ---
	Local: Freguesia: Ota
	Extracto da CARTA PDM - ORDENAMENTO
	--- Escala --- 1/25000
	Id: 13330 Data: 02/06/2022
	CÂMARA MUNICIPAL DE ALENQUER

LEGENDA DA PLANTA DE ORDENAMENTO

LIMITE DO CONCELHO

LIMITE DA FREGUESIA

ESPAÇOS URBANOS

LIMITE DOS PERÍMETROS URBANOS

AGLOMERADOS DO TIPO A

A1	ALENQUER	A11	MECA
A2	CARREGADO	A12	OLHALVO
A3	ABRIGADA	A13	PEREIRO DE PALHACANA
A4	A. G. MERCEANA	A14	PENAFIRME DA VENTOSA
A5	MERCEANA	A15	VILA VERDE DOS FRANCOS
A6	OTA	A16	RIBAFRIA
A7	ALDEIA GAVINHA	A17	CABANAS DO CHÃO
A8	CABANAS DE TORRES	A18	CASAIS DA MARMELEIRA
A9	CADAFAIS	A19	CAMARNAL
A10	SANTANA DA CARNOTA	A20	CHEGANÇAS

ESPAÇOS VERDES (URBANO)

ESPAÇOS URBANIZÁVEIS (LOTEAMENTOS APROVADOS)

ESPAÇOS URBANIZÁVEIS

ESPAÇOS INDUSTRIAIS (EXISTENTE)

NOVOS ESPAÇOS INDUSTRIAIS

ESPAÇOS INDUSTRIAIS COM OCUPAÇÃO PROGRAMADA

U.O.P.G. **UNIDADES OPERATIVAS DE PLANEAMENTO E GESTÃO**

U.O.P.G. 1 (A1 - ALENQUER /CARREGADO)

U.O.P.G. 2 (A3 - ABRIGADA)

U.O.P.G. 3 (A6 - OTA)

U.O.P.G. 4 (A20 - CHEGANÇAS)

ESPAÇOS DE INDUSTRIAS EXTRATIVAS (EXISTENTES)

LIMITE DA FAIXA DE PROTEÇÃO DOS ESPAÇOS DE INDUSTRIAS EXTRATIVAS

ESPAÇOS AGRÍCOLAS INTEGRADOS NA R.A.N.

ESPAÇOS AGRÍCOLAS A INTEGRAR NA R.A.N. (A BENEFICIAR PELAS BARRAGENS PREVISTAS NO P.D.A.R.)

ESPAÇOS AGRÍCOLAS NÃO INTEGRADOS NA R.A.N.

ESPAÇOS AGROFLORESTAIS

ESPAÇOS FLORESTAIS

ESPAÇOS FLORESTAIS – MONTADO DE SOBRO

ESPAÇOS CULTURAIS

ESPAÇOS NATURAIS

ESPAÇOS CANAIS

RODOVIAS EXISTENTES:

IP1 E ÁREAS DE PROTEÇÃO

ITINERÁRIOS COMPLEMENTARES E OUTRAS ESTRADAS NACIONAIS

ESTRADAS MUNICIPAIS (REDE MUNICIPAL PRINCIPAL)

RODOVIAS PROPOSTAS:

A10 (CREL) ESTUDO DE VIABILIDADE

IC11 ESTUDO DE VIABILIDADE

VARIANTES ESTUDO DE VIABILIDADE

FERROVIAS EXISTENTES:

LINHA DO NORTE

CONDUTAS DE ÁGUA:

ADUTORAS PRINCIPAIS

LINHAS ELÉTRICAS:

LINHAS DE ALTA TENSÃO (MAIS DE 60KW)

CONDUTAS DE GÁS:

GASODUTO (EM PROJETO)

GRANDES EQUIPAMENTOS E GRANDES INFRAESTRUTURAS

EXISTENTES:

1 BASE AÉREA N.º 2
2 CENTRAL TERMOELÉTRICA
3 ATERRO SANITÁRIO

PREVISTOS:

4 ESCOLA DE ENSINO BÁSICO
5 CENTRO DE SAÚDE
6 ÁREA DESPORTIVA
7 PARQUE URBANO
8 CEMITÉRIO (ALENQUER/CARREGADO)
9 BARRAGENS PREVISTAS NO P.D.A.R.



ANEXO III

Diário das Visitas ao Lugar de Projeto

Visita I

09.01.2021

Após uma primeira conversa telefónica com o Vereador da Câmara Municipal de Alenquer foi realizada a primeira visita ao local que contou com a presença da equipa de gestão e proteção do Canhão Cársico da Ota - o arqueólogo, o geólogo e o biólogo - e um engenheiro.

Daqui surgiu a encomenda do projeto, onde foram delineados objetivos mais concretos para a obra em mãos. O projeto era muito simples e consistia na reabilitação do primeiro piso de uma antiga habitação unifamiliar e na construção de um miradouro. Do programa devia constar uma sala de exposições, uma sala de reuniões, uma casa de banho de serviço e uma receção.

Após a visita constatou-se que a reabilitação do piso inferior seria uma mais valia para o programa que se propunha. Como tal, começou a ser redigido um protocolo onde se expunha a necessidade da reabilitação de ambos os pisos e da adição de uma zona exterior adjacente ao mesmo, que oferecesse um espaço ao ar livre ao visitante.

Foi discutida a divisão da construção do edificado em duas fases, uma vez que o orçamento era insuficiente para a realização total do projeto. Uma primeira fase, onde se iriam realizar as obras do piso de entrada; e uma segunda fase onde se completariam as obras do piso inferior e o tratamento da área exterior.

O orçamento de 35 000 euros fornecido pela autarquia não se adequava para o tipo de obra que se ambicionava fazer. Para tal foi proposta a candidatura a financiamentos europeus que auxiliassem a construção da mesma.


ROTA
DOS CASTROS
CAMINHO CERTO
VIRAR DIREITA
VIRAR ESQUERDA

1



2



2.1



4



5



5.1



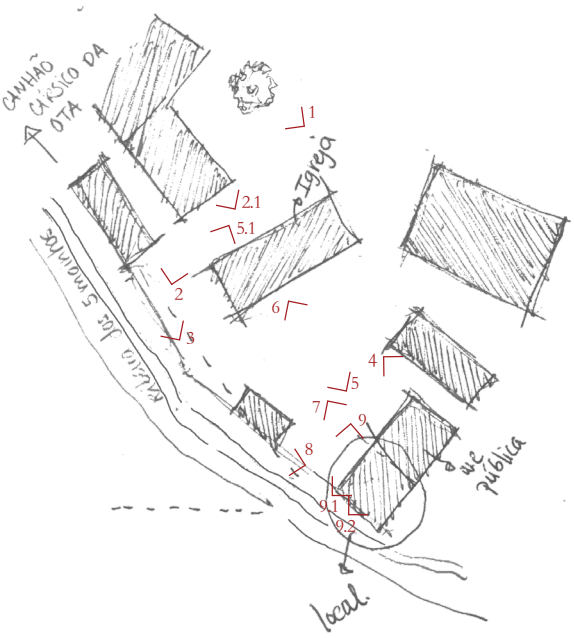
7



8



3


CAMINHO
CASTELO DA
OTA
Igreja
1
2.1
5.1
2
6
3
4
5
7
9
8
9.1
9.2
Largo
Local.



6



9



9.1



9.2



1



1.1



2



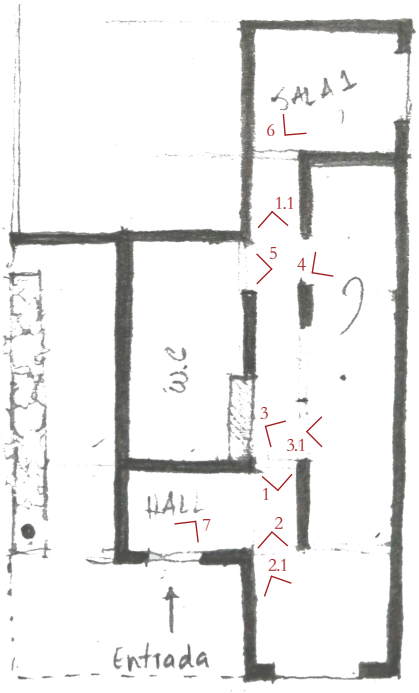
2.1



4



5

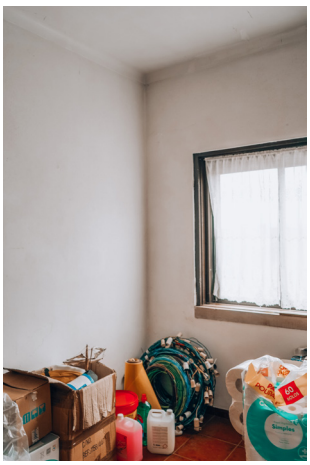




3



3.1



6.



7.



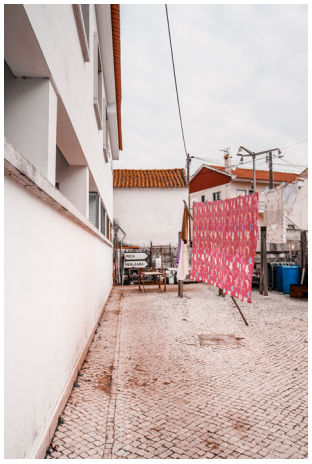
8



8.1



9



10



10.1



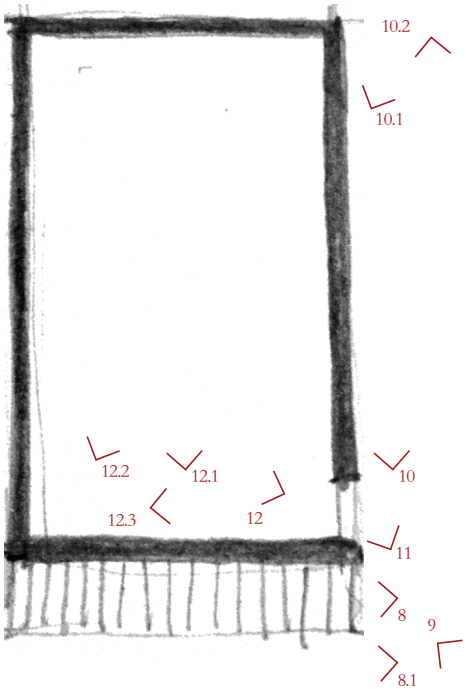
10.2



12



12.1





11



12.2



12.3



ANEXO III

Diário das Visitas ao Lugar de Projeto

Visita II

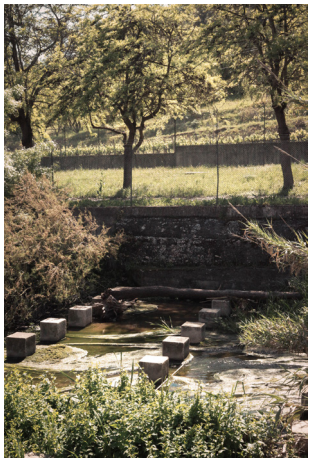
17.04.2021

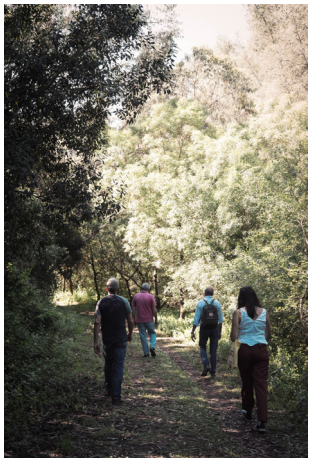
A segunda visita contou com a presença do Vereador da Câmara Municipal de Alenquer, com o orientador e professor José Alberto Lage. Procedeu-se, novamente, à visita do edifício, mas desta vez com um olhar mais atento aos pormenores construtivos, às paredes, ao telhado, às janelas, às portadas.

Foram realizadas discussões sobre materiais, expansão da área bruta do projeto e da possibilidade de uma visita ao Canhão Cársico da Ota. Foi assim que surgiu a oportunidade de visitação à Serra, que partiu da proposta voluntária de um membro da comunidade que tinha ficado interessado a ouvir a discussão.

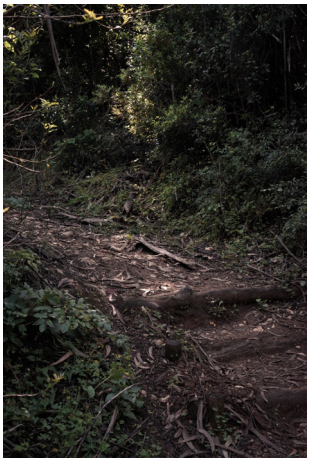
Assim partimos a pé até à zona dos olhos de água e percorremos uma parte do caminho por entre arbustos e caminhos de terra. Depois fizemos um percurso de carro até à zona das pedreiras, onde se situava um dos miradouros construídos naquela paisagem. O ambiente daquele miradouro era bastante contrastante: de um lado estendiam-se as árvores, as rochas, o rio e o céu, o verde e o azul; e do outro as máquinas, o calcário extraído e o pó, o amarelo e o branco.

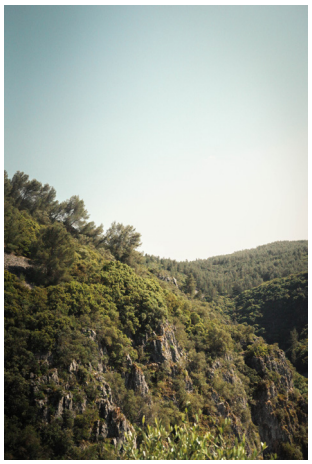
Foi com esta visão chocante que nos apercebemos do perigo que aquela paisagem corria face ao avançar das pedreiras que destruíram a identidade e a essência daquele lugar.

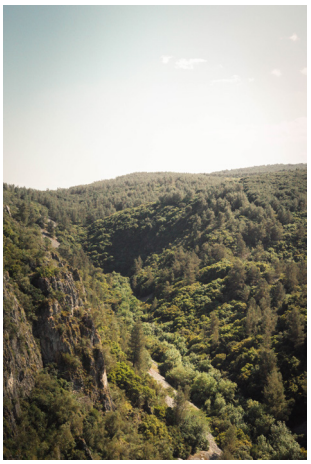


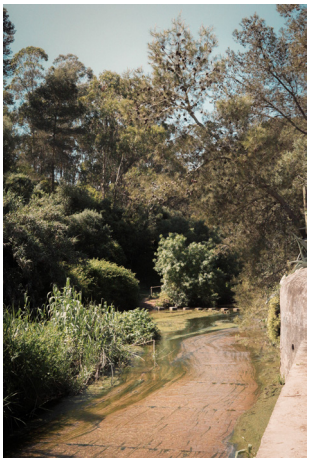






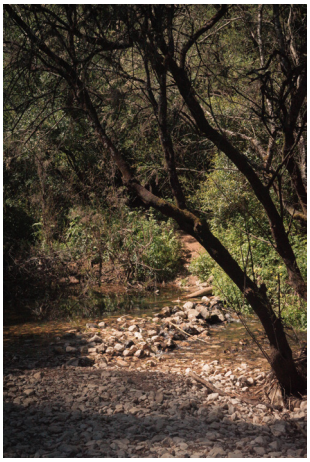


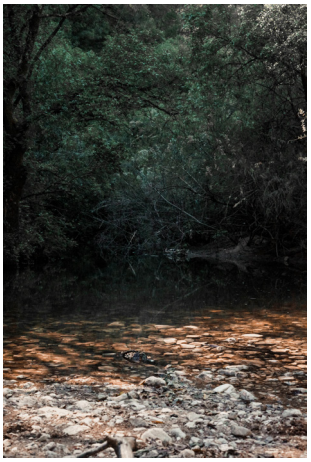


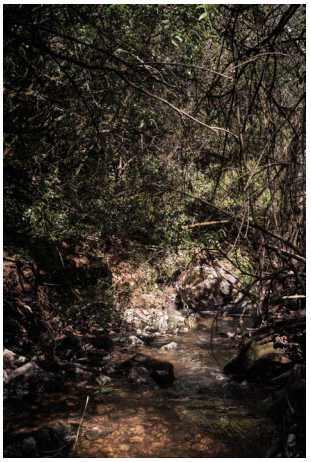






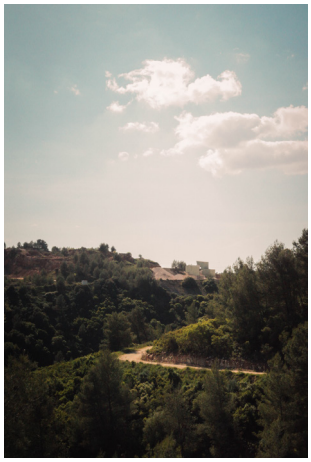


























ANEXO III

Diário das Visitas ao Lugar de Projeto

Visita III

20.04.2021 | 21.04.2021

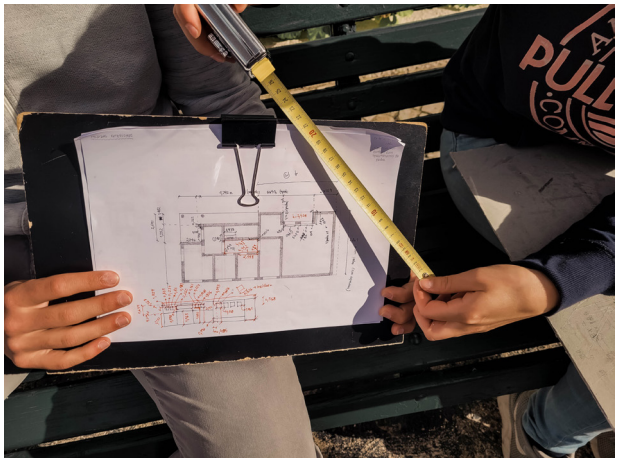
Esta visita destinou-se a uma remedição dos espaços anteriormente medidos e a um levantamento dos alçados. Realizou-se, também, o levantamento mais pormenorizado da envolvente do projeto, principalmente do Largo Dr. Mário Madeira e dos edificados que o compõem.

Foram utilizados métodos como triangulações e o levantamento fotográfico como auxílio para o desenho mais preciso do espaço.

Durante este processo contei com a ajuda dos meus irmãos, que me auxiliaram ao longo de todo o processo.



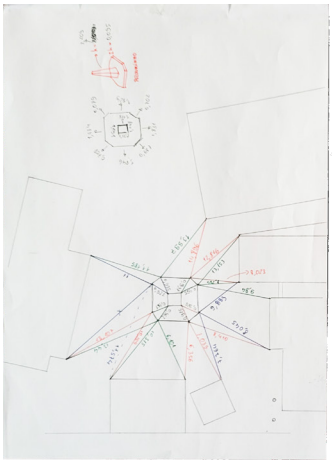


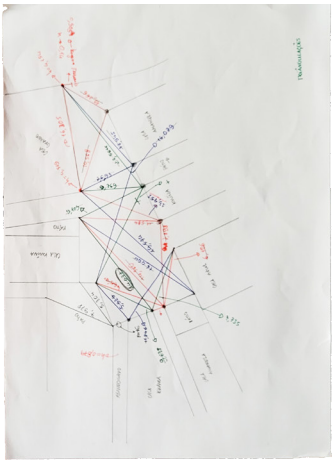


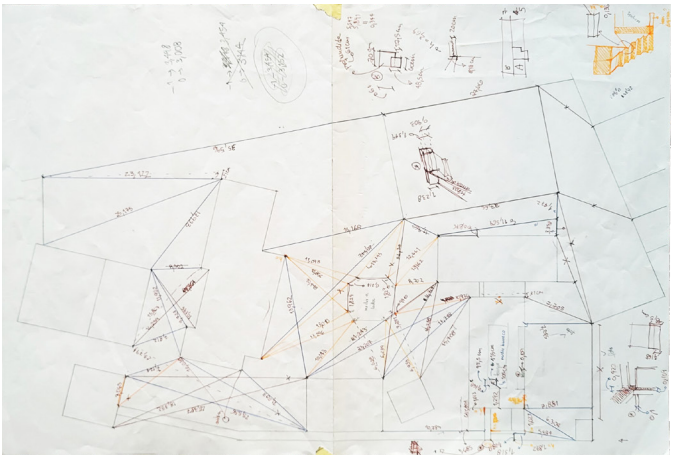














ANEXO III

Diário das Visitas ao Lugar de Projeto

Visita IV

03.05.2021

A quarta visita deu-se de forma muito rápida. O objetivo era realizar um levantamento fotográfi-co da chegada à Vila, de forma a perceber qual o impacto que o edifício tem na paisagem.

Foram sendo tiradas várias fotografias ao longo do percurso, desde o Rio da Ota até ao edifício a reabilitar. No local atravessamos a ponte pedonal que dá acesso ao terreno a Oeste do edifí-cio. Daí observou-se não só a estrada de acesso à Ota, como também a paisagem que nos era dada do canhão Canhão Cársico.

A partir destas fotos poder-se-iam tirar novas conclusões quanto ao desenho do Miradouro que se queria construir naquele local e que visava ter um bom campo de visão para o património natural a proteger.



























ANEXO III

Diário das Visitas ao Lugar de Projeto

Visita V

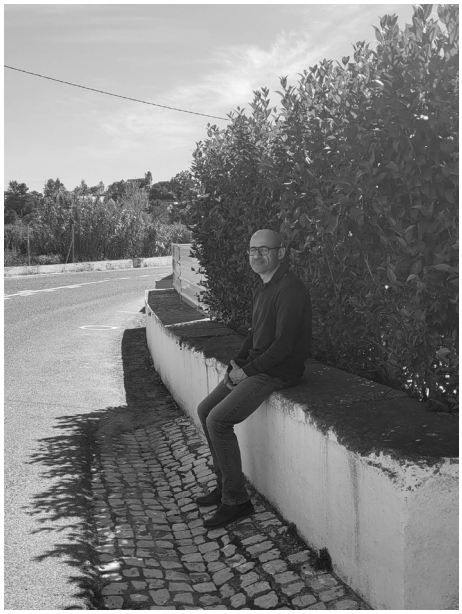
07.11.2021

A Quinta visita já dava a conhecer uma fase mais avançada do projeto, apesar de o proto-colo conti-nuar por assinar. Esta visita tinha como objetivo compreender a infraestrutura e os sistemas utiliza-dos para a construção do edifício a reabilitar. Para tal foram realizados buracos em algumas das paredes do interior do edifício de modo a compreender o método construtivo utilizado.









ANEXO III

Diário das Visitas ao Lugar de Projeto

Visita VI

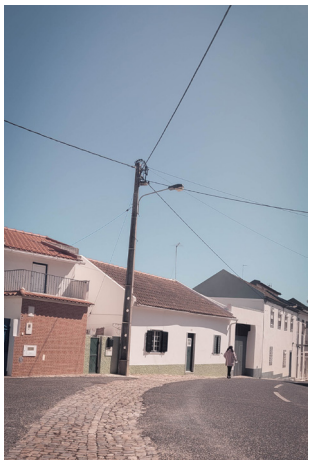
10.04.2022

O processo de assinatura do protocolo nunca chegou a ser concluído e, por isso, teve de se adotar uma abordagem diferente e mais abrangente para o projeto. Começou por realizar-se uma análise urbanística da Ota, onde se pretendia entender quais as potencialidades e as fragilidades da malha urbana.

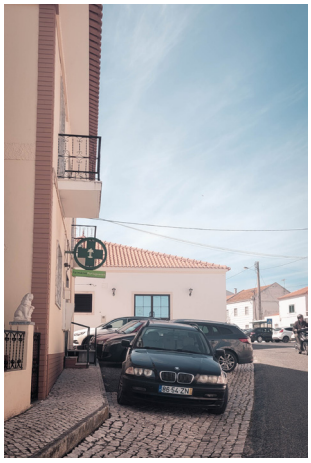
Como tal foi realizado um percurso a pé que se focou essencialmente na principal via de acesso à Vila, a rua 10 de Junho. Foram também analisados alguns dos terrenos anteriormente assinalados como abandonados no Google Maps, de modo a confirmar a sua utilização ou não utilização.

















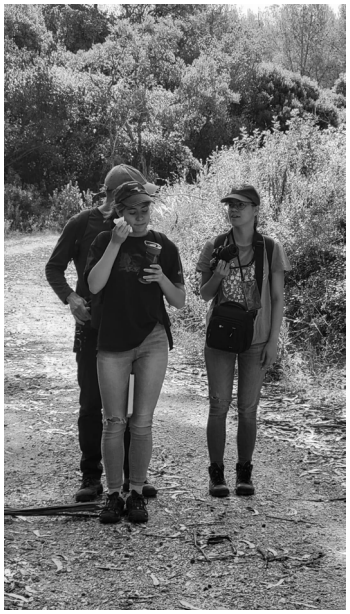












ANEXO III

Diário das Visitas ao Lugar de Projeto

Visita VII

19.07.2022

A última visita realizada na Ota surge da necessidade de um conhecimento mais aprofundado do património natural da região. Foi assim, que me juntei com a minha família e decidimos fazer uma parte do percurso pedonal do trilho pro-posto pela equipa de gestão e proteção do Canhão Cársico.

Demos início ao percurso nos Olhos d'água, como tínhamos feito na segunda visita ao terreno, e procedemos até ao local identificado como o Castro da Ota. Quando chegamos ao destino final não encontramos o Castro, tendo-me apercebido que a zona arqueológica se encontrava no monte adjacente ao que tínhamos acabado de subir. Decidimos, então, fazer o percurso inverso até o encontrarmos.

Chegou-se, assim, à conclusão de que que o trilho proposto não passa pelo Castro, apenas o conseguimos vislumbrar ao longe. Esta será, provavelmente, a forma encontrada para impedir a visitação ao lugar, evitando, assim, a sua dete-rioração. Será, por isso, necessária a construção de uma estrutura que permita observar este local arqueológico de um modo mais aproximado.

No regresso ao ponto de origem acabou por se fazer um desvio e acabámos a almoçar no parque de merendas, cujo acesso pode ser feito no início do trilho pedonal.



1



2



3



6



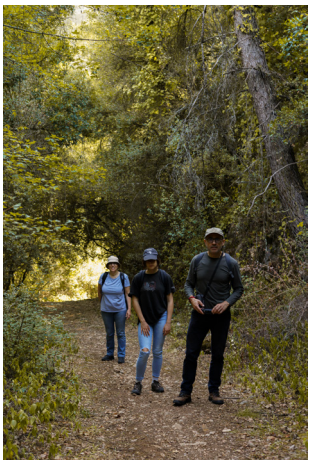
9



10



11



4



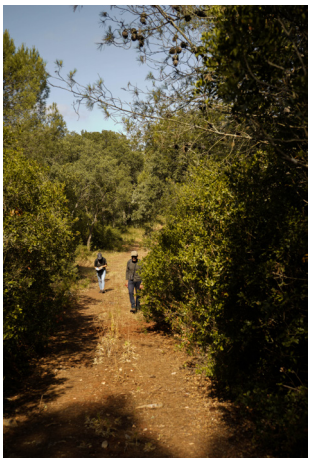
5



7



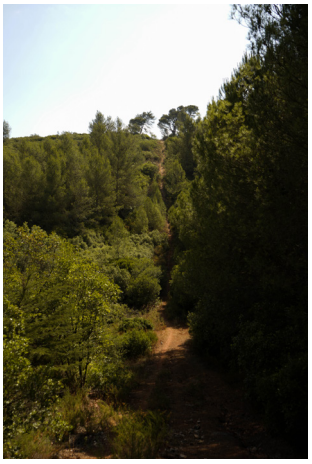
8



12



13



14



15



16



18



19



21



22



17



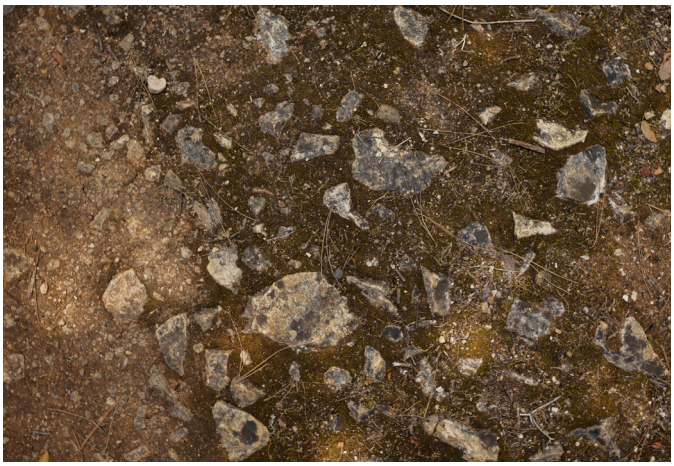
20



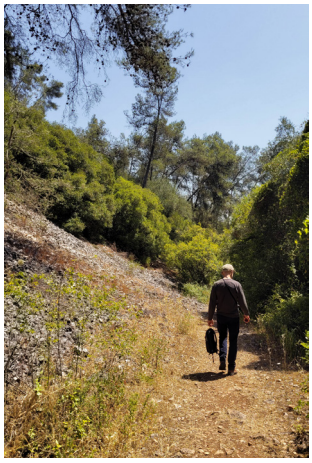
23



24



25



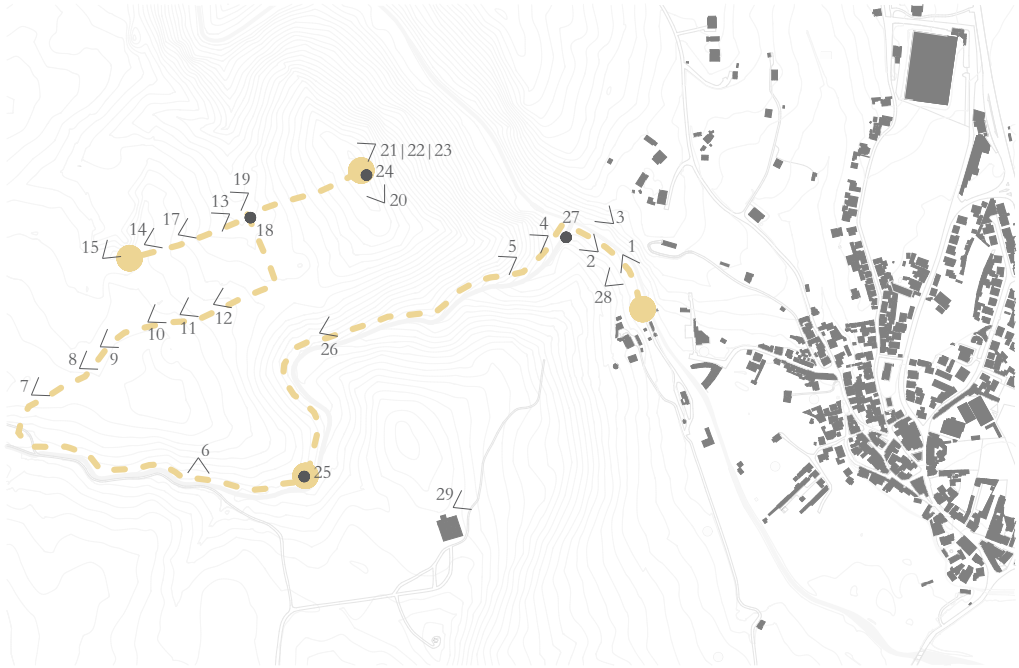
26



27



28





29

O percurso parecia diferente do que tinha visitado um ano antes. Não havia água e o lodo espalhava-se seco pelo curso de água. As pedras padeciam sobre cimento, ao invés de água. O pequeno lago é agora um conjunto de pedras brancas bem polidas e reluzentes.

A natureza não é uma constante, mas está em constante alteração. Tudo parecia ligeiramente diferente do que tinha visto há um ano. Todos os dias, a Natureza torna aquele espaço em algo diferente. A cada dia se sentem sensações diferentes.

Iniciei o percurso protegida pela sombra das árvores e pela densa vegetação a caminho do primeiro ponto de paragem do percurso: a Cascalheira. O caminho era feito facilmente, em linha reta; parecia que as árvores se adensavam cada vez mais até chegar à Cascalheira, onde havia uma clareira. Este local era uma constante no percurso, estaria sempre ali, apesar das mínimas alterações que poderia sofrer devido à chuva ou a outras alterações climatéricas. Absorvi o poder daquele íngreme muro de pedras que parecia que iria sucumbir a qualquer momento.

O resto do percurso foi feito ao sol. A vegetação parecia ter desaparecido de junto do caminho e, por isso, o calor começava a sentir-se. Mais à frente, apercebi-me de que estava a percorrer uma estrada romana, com pequenos paralelepípedos organizados aleatoriamente, no chão, e que quase passavam despercebidos.

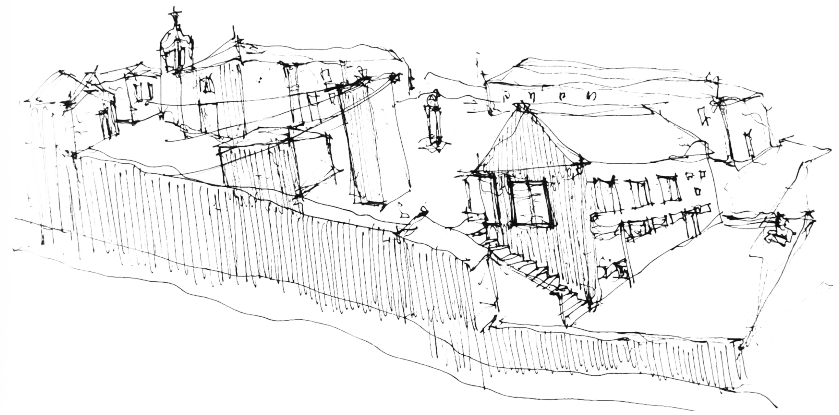
Mais à frente cheguei a uma encruzilhada. Direita ou Esquerda? Foi então que descobri duas tabuletas de madeira, que se encontravam, pouco visíveis, à minha frente. Mirante ou Bairro? Bairro. Foi interessante a forma como aqueles sinais se encontravam tão emaranhados na paisagem, que só com muita atenção é que nos apercebemos deles. O percurso continuou a ser feito ao sol. A vegetação não parecia querer adensar-se por cima da minha cabeça e proteger-me do sol.

Ia, agora, a caminho do Castro a Ota. Após percorrer um caminho coberto por pinheiros mansos, cortei à direita para um caminho de sobreiros. Foi a partir deste momento que começou a ser difícil ler o percurso e seguir o caminho certo. Por caminhos claramente delineados, e outros claramente escondidos, acabamos por chegar a uma zona de vale. À direita uma grande subida. E à esquerda outra igual. O caminho delineado dizia para virar à esquerda e lá subi a encosta que felizmente estava à sombra e promovia uma subida mais agradável.

Cheguei ao cimo e comecei em busca do famoso Castro da Ota, o segundo ponto de interesse marcado no mapa. Encontrava-me numa clareira e comecei a olhar e a vasculhar todos os caminhos possíveis de forma a encontrar o local pretendido. Passaram-se alguns minutos

até que... nada. Não encontrava nada naquele lugar. Depois, olhei para trás, para a encosta oposta, e, no meio da densa vegetação deparei-me com dois pequenos pontos brancos, ao longe. Pareciam um aglomerado de pedras. E foi aí que percebi que tinha subido a encosta errada.

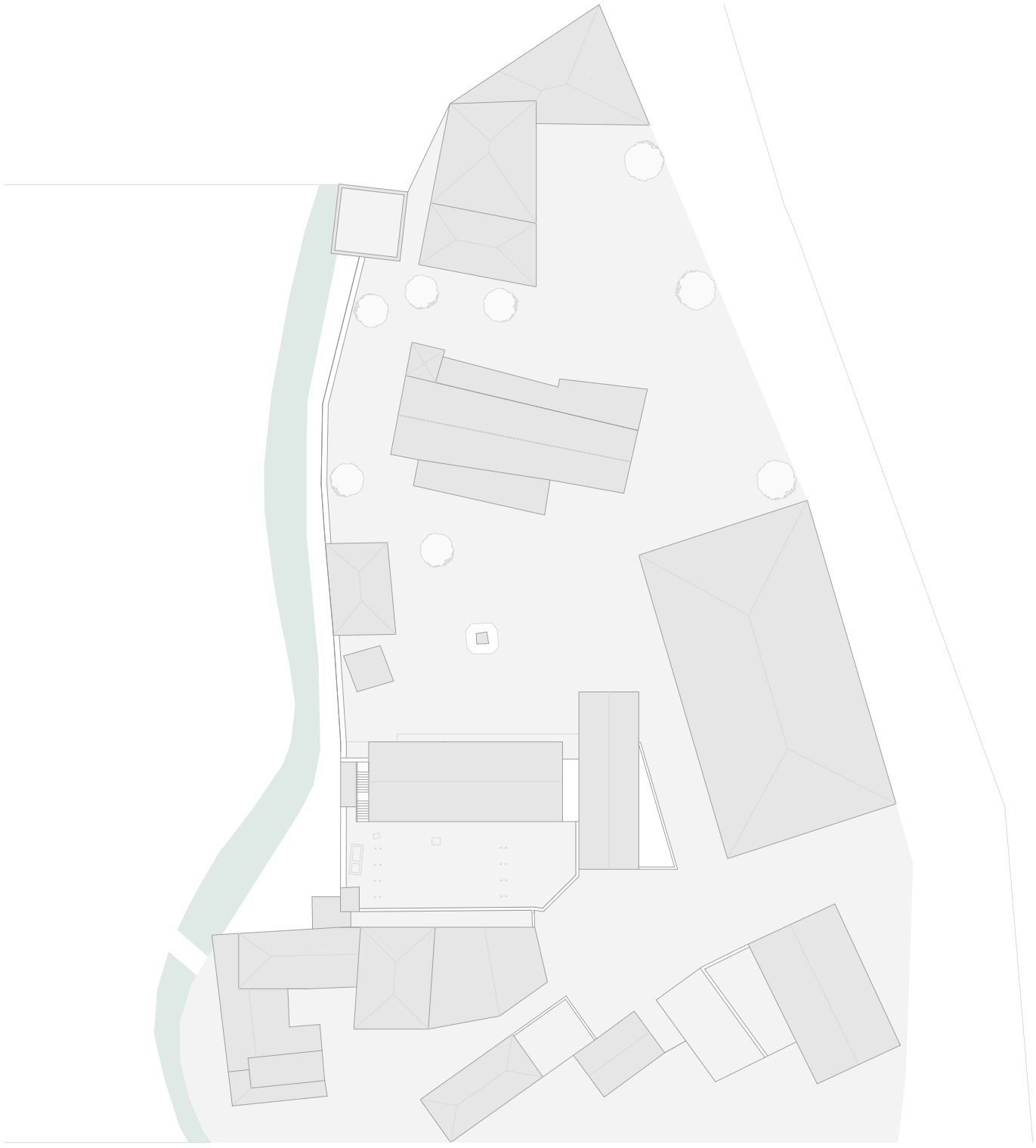
Desci e voltei a subir, o que desta vez esperava ser a encosta certa. Entrei pelo meio de arbustos até pisar umas pequenas pedras brancas. Tinha finalmente chegado. À minha frente havia uma imensidão de verde e azul e nada mais. Senti que estava no topo do mundo. A paisagem era de cortar a respiração. No dia a dia sentimos que somos o centro do universo e acho que esse é o problema da maioria dos Homens. Mas, quando nos deparamos com o impacto da Natureza, não só no nosso olhar, mas na nossa vida, percebemos que somos um pequeno grão de poeira, fazendo parte de algo muito maior que nós.



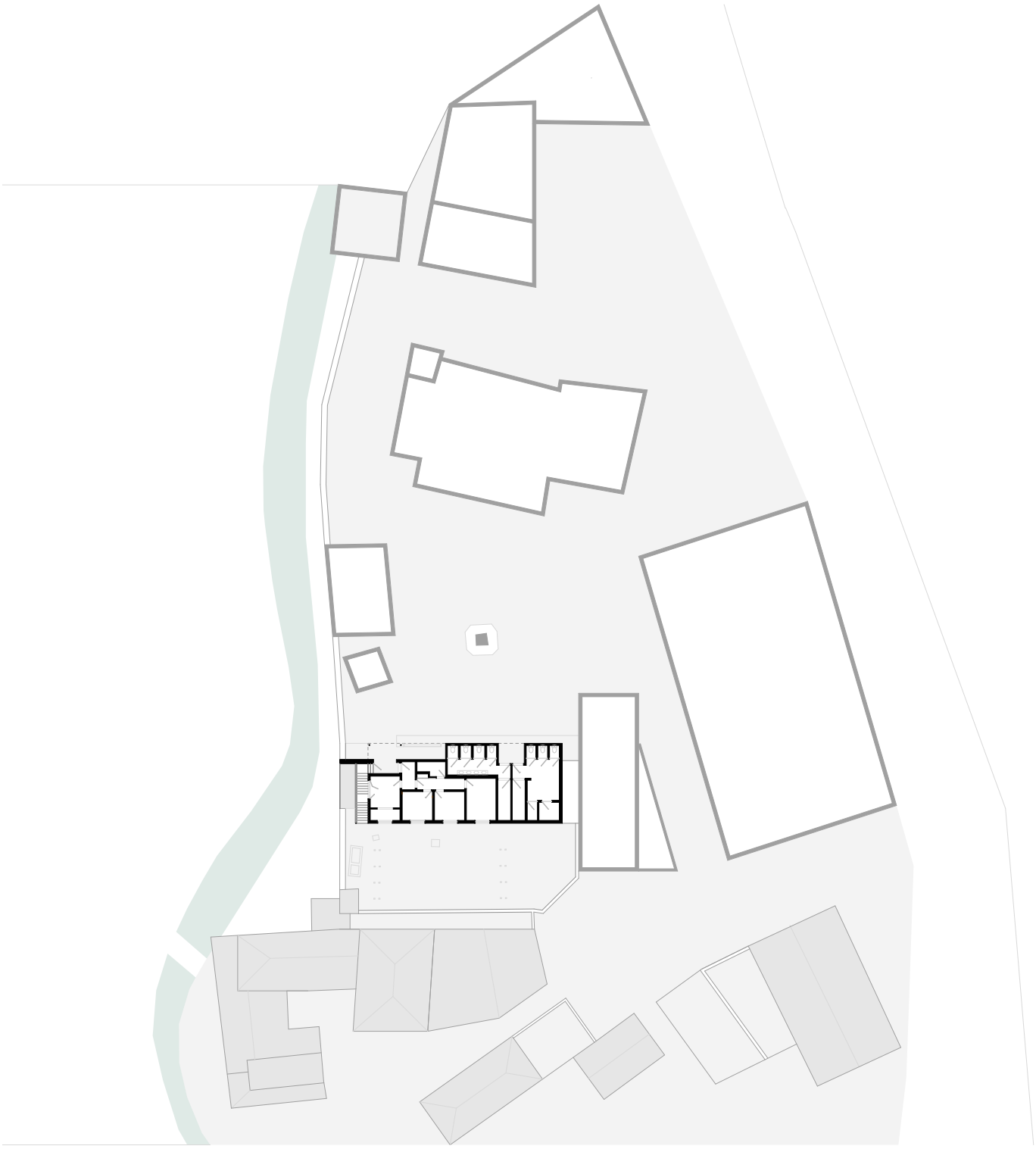
ANEXO IV

Projeto Fase I

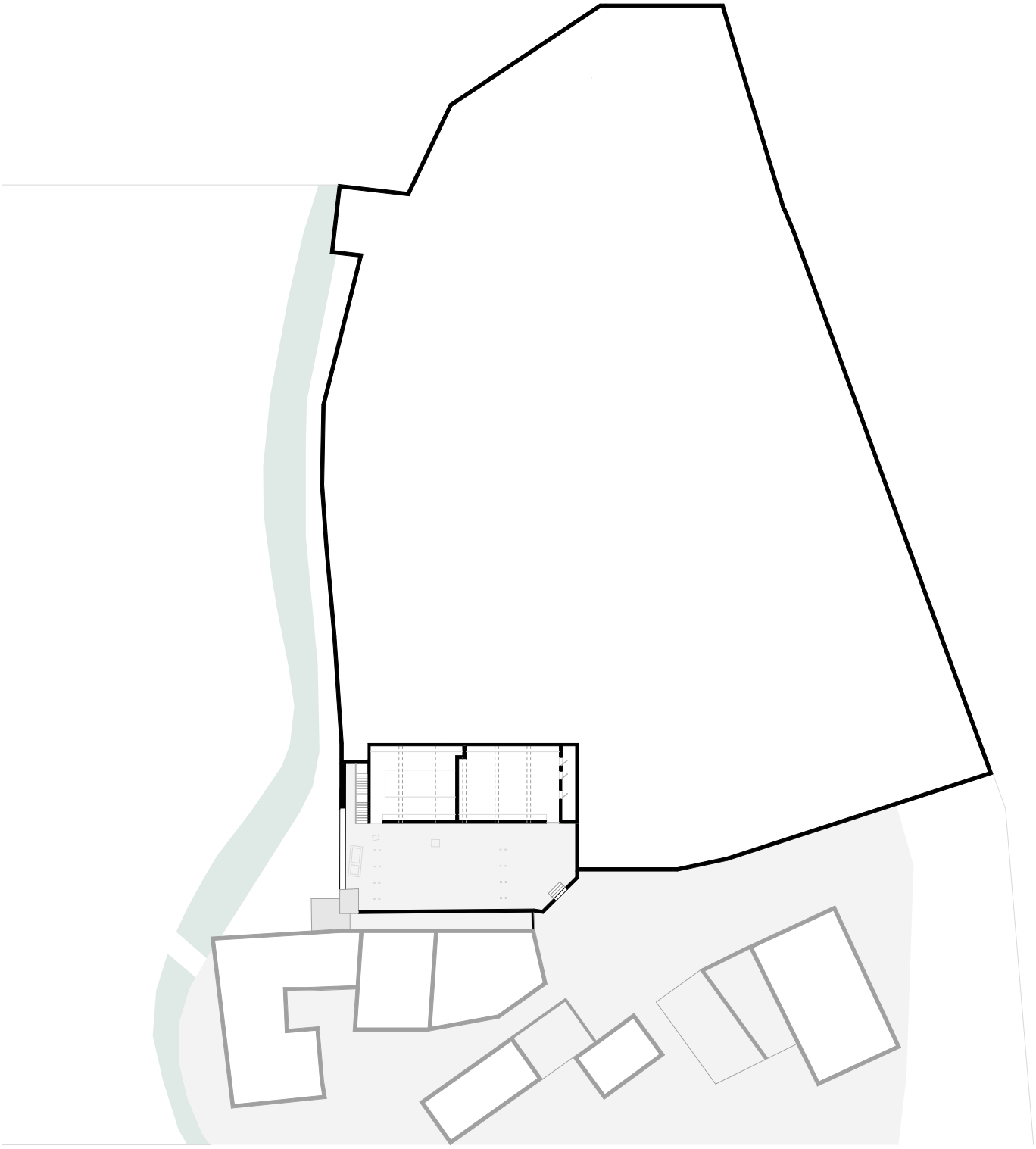
levantamento da pré-existência



Planta de Cobertura. Levantamento da Pré-existência 1:500



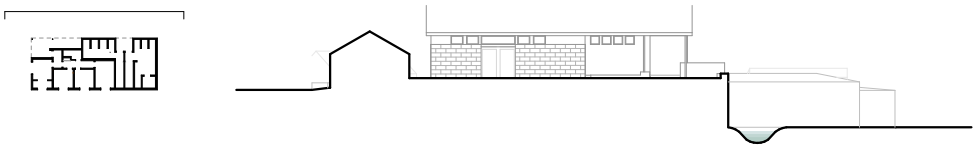
Planta do Piso 0. Levantamento da Pré-existência 1:500



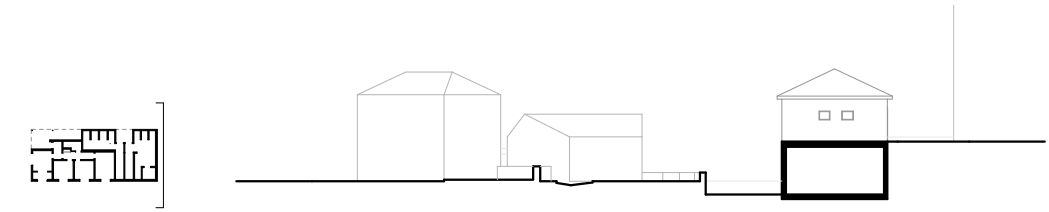
Planta do Piso -1. Levantamento da Pré-existência 1:500



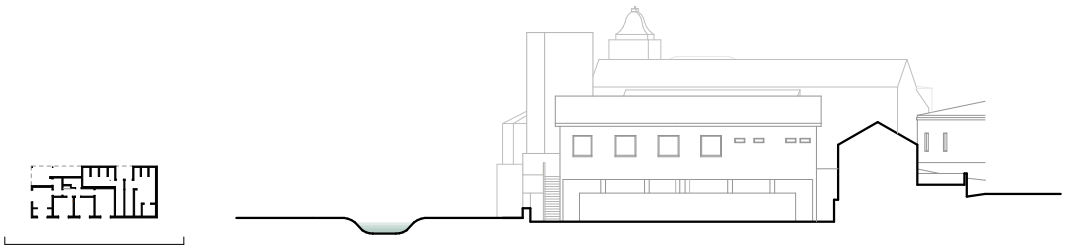
Alçado Oeste da Pré-existência 1:500



Alçado Norte da Pré-existência 1:500



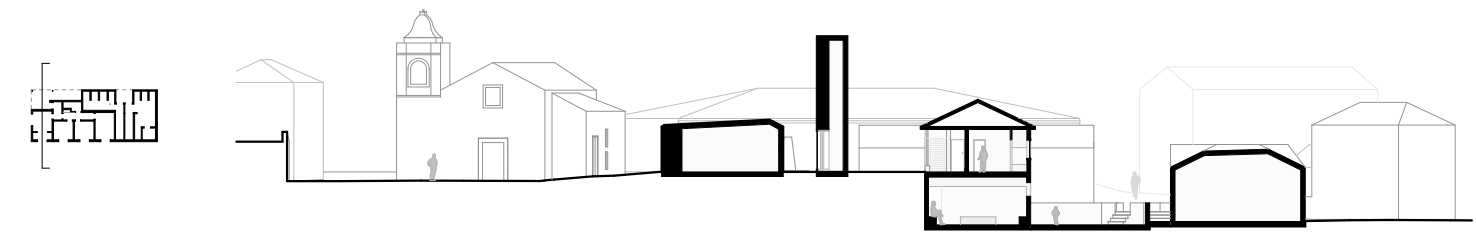
Alçado Este da Pré-existência 1:500



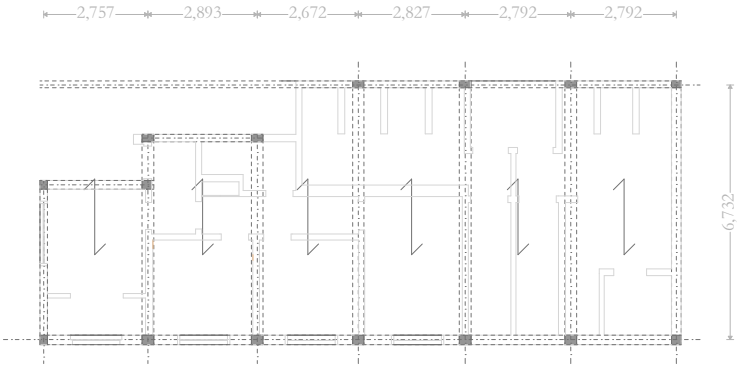
Alçado Sul da Pré-existência 1:500



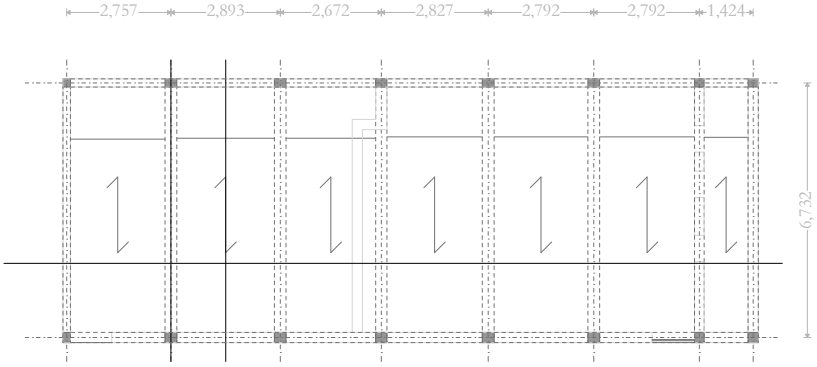
Corte Longitudinal da Pré-existência 1:500



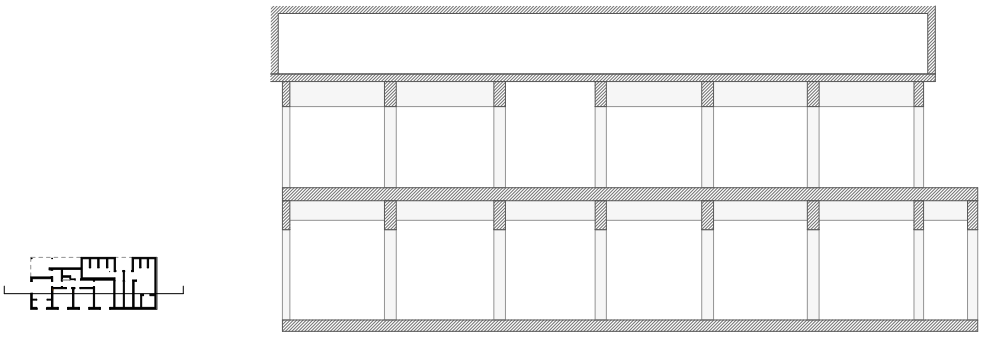
Corte Transversal da Pré-existência 1:500



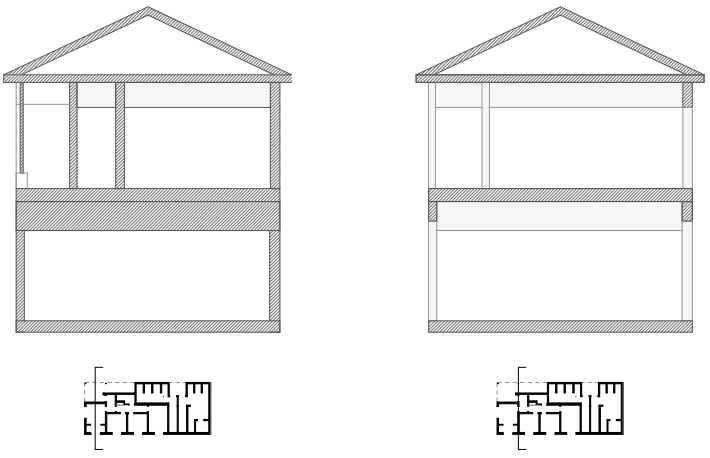
Planta Estrtural do Piso 0. Pré-existência 1:500



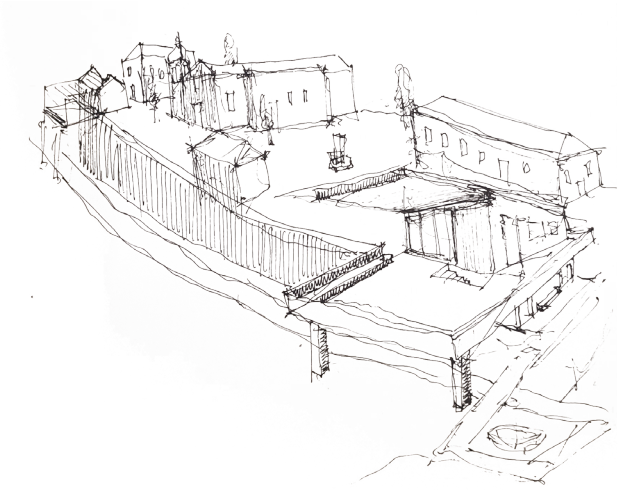
Planta Estrutural do Piso -1. Pré-existência 1:500



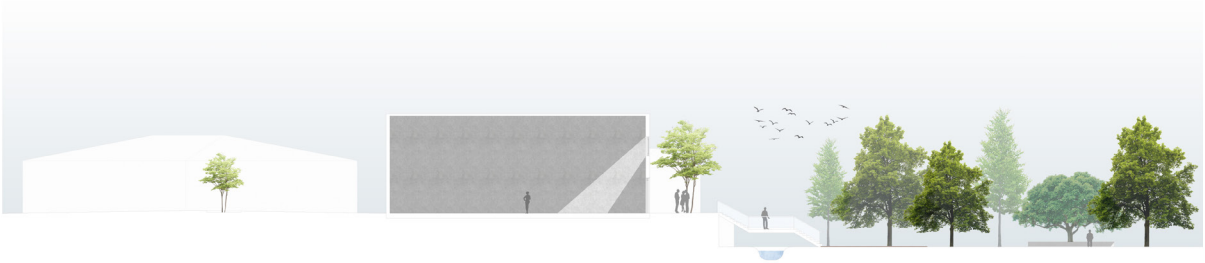
Corte Longitudinal Estrutural da Pré-existência 1:500



Cortes Transversais Estrturais da Pré-existência 1:500





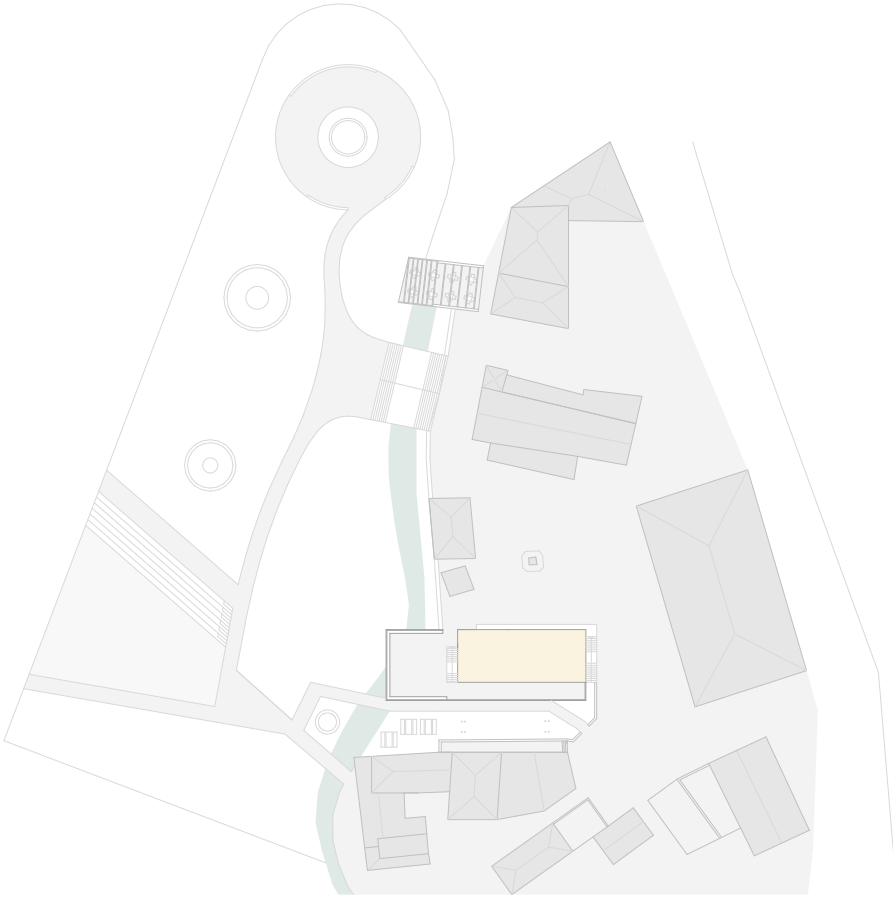


Corte Transversal. Igreja. Projeto Fase 1 1:1000

ANEXO IV

Projeto Fase I

FASE 1



Planta de Implantação. Projeto Fase 1 1:1000



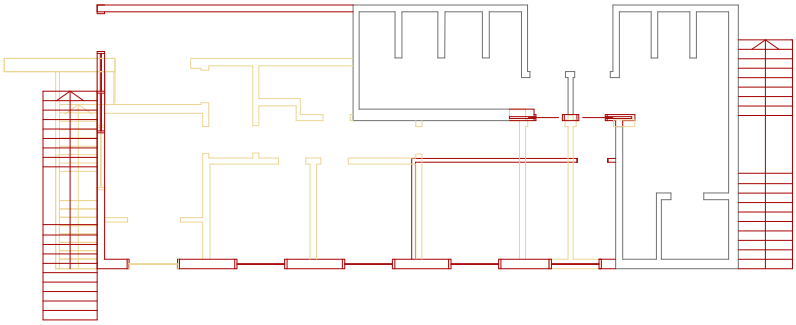


Corte Transversal. Hostel. Projeto Fase 1 1:1000

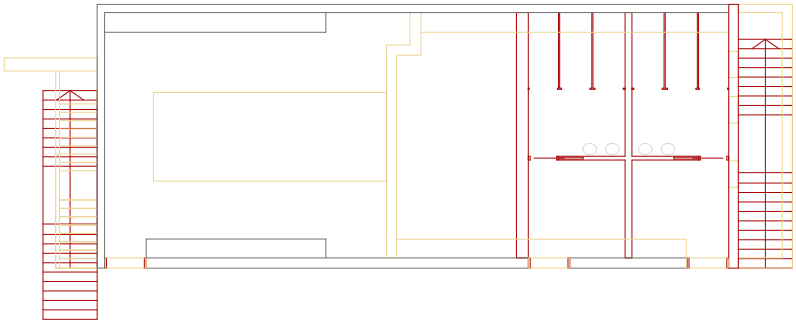




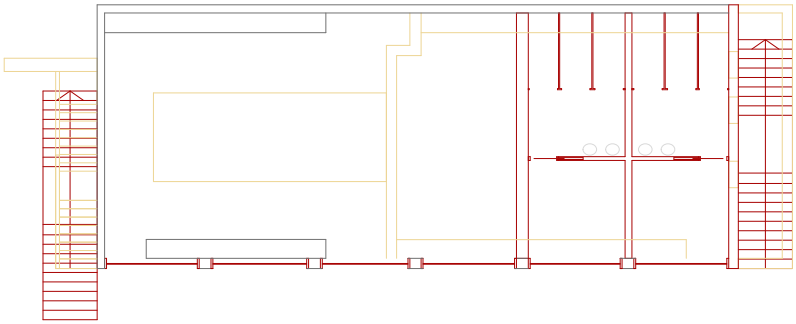
Corte Transversal. CIACCO. Projeto Fase 1 1:1000



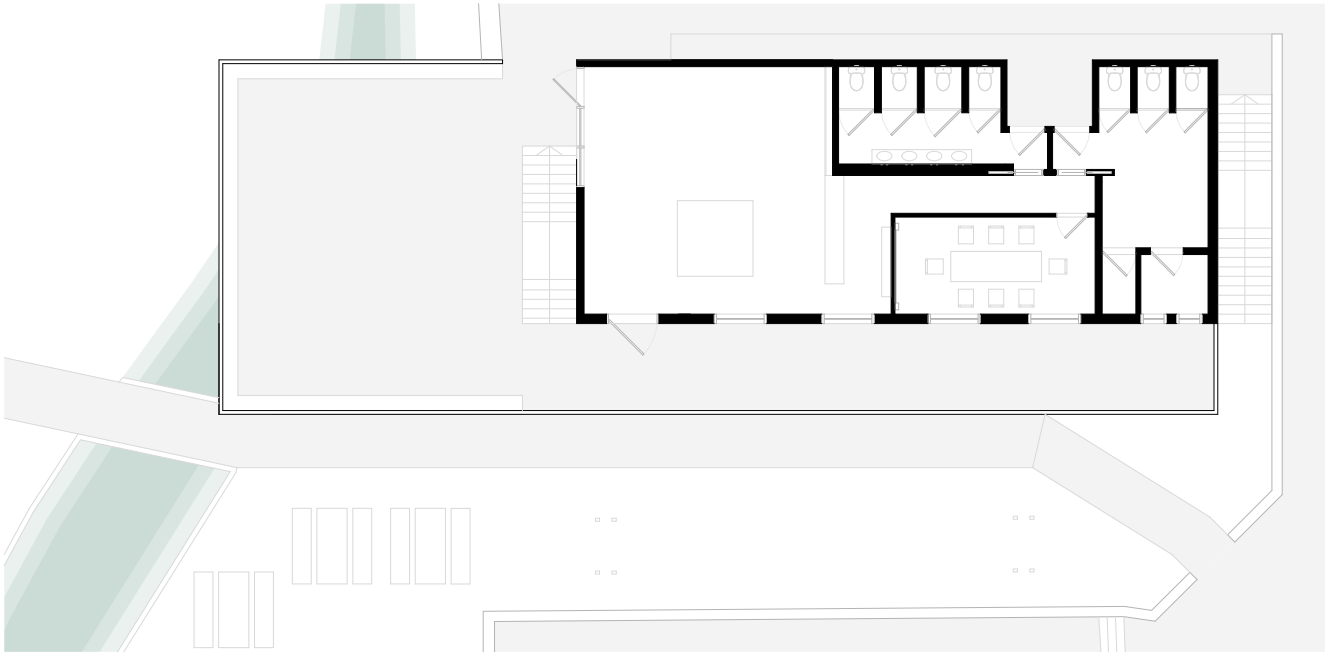
Planta de Vermelhos e Amarelos. Piso 0 (Cota 31,500). Projeto Fase 1 1:200



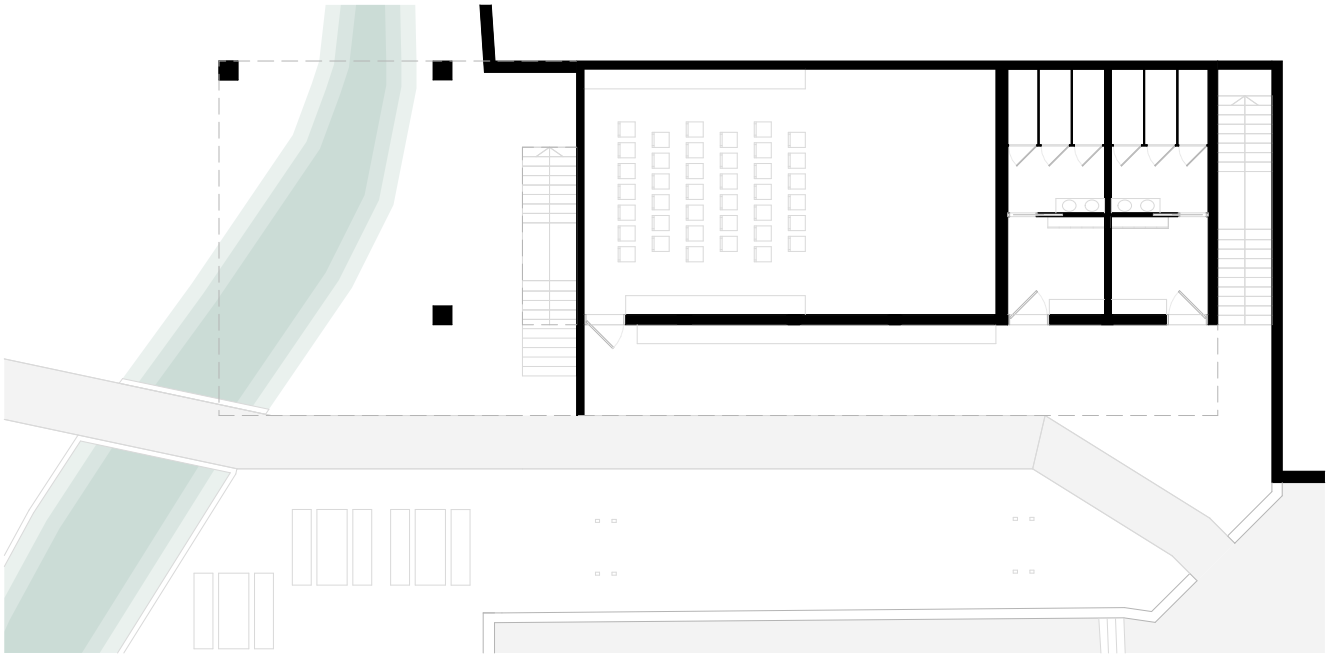
Planta de Vermelhos e Amarelos. Piso -1 (Cota 27,502). Projeto Fase 1 1:200



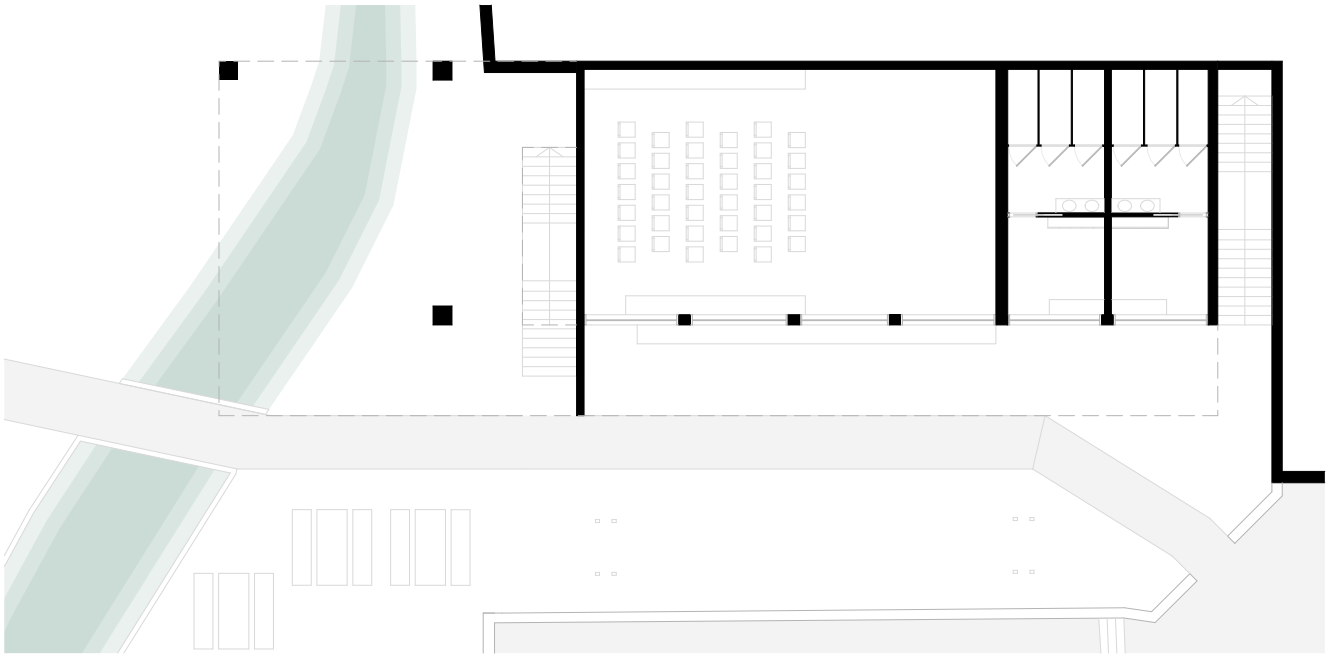
Planta de Vermelhos e Amarelos. Piso -1 (Cota 29,002). Projeto Fase 1 1:200



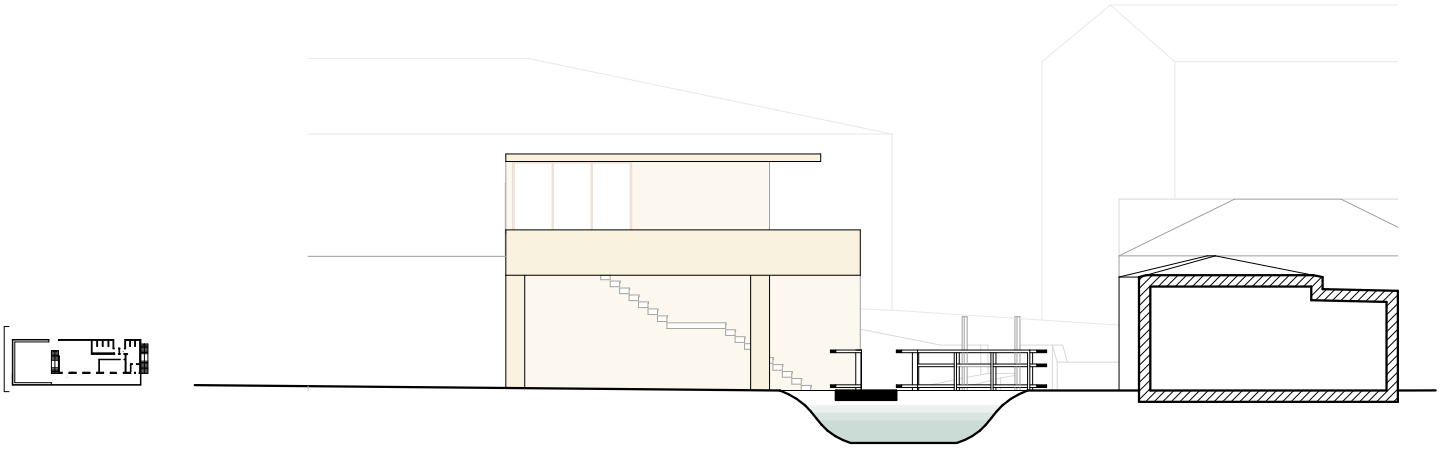
Planta do Piso 0 (Cota 31,500). Projeto Fase 1 1:200

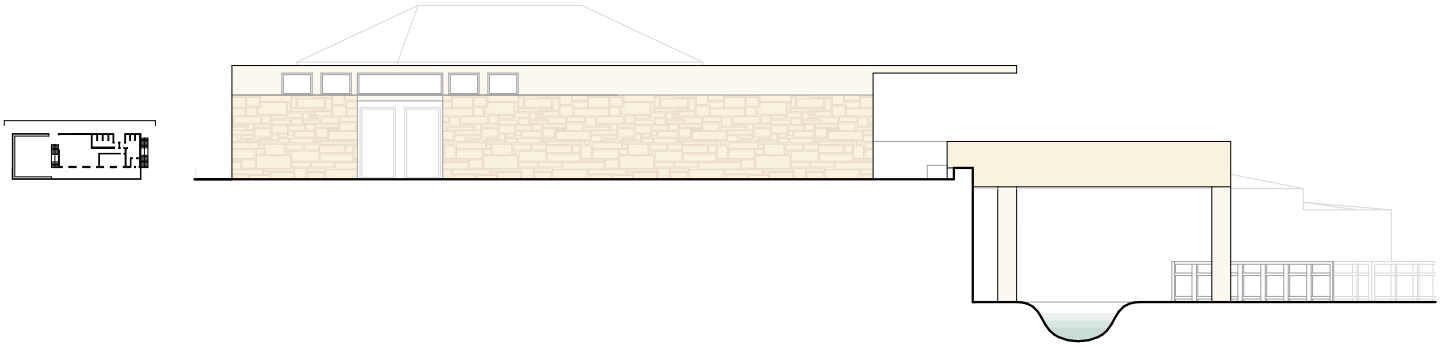


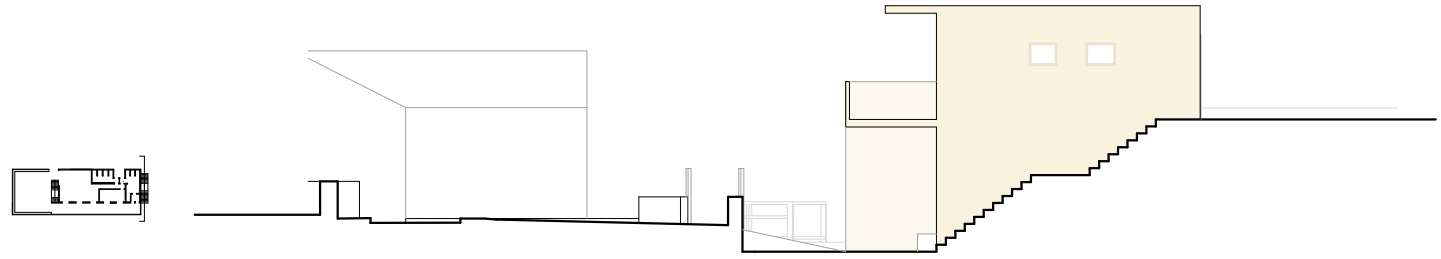
Planta do Piso -1 (Cota 27,502). Projeto Fase 1 1:200

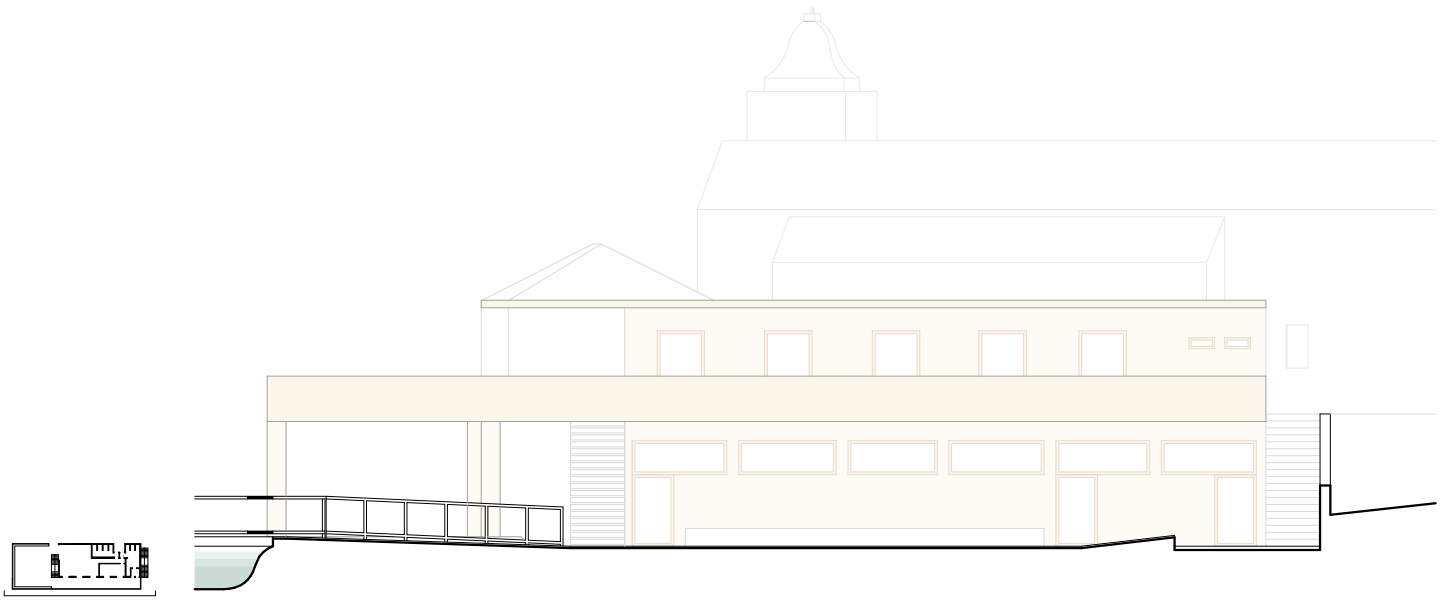


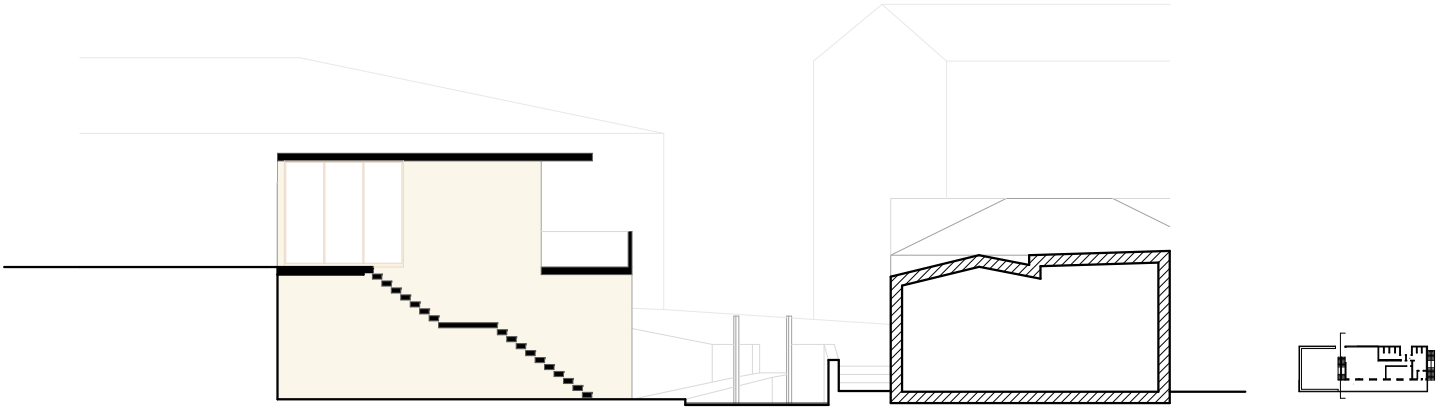
Planta do Piso -1 (Cota 29,002). Projeto Fase 1 1:200

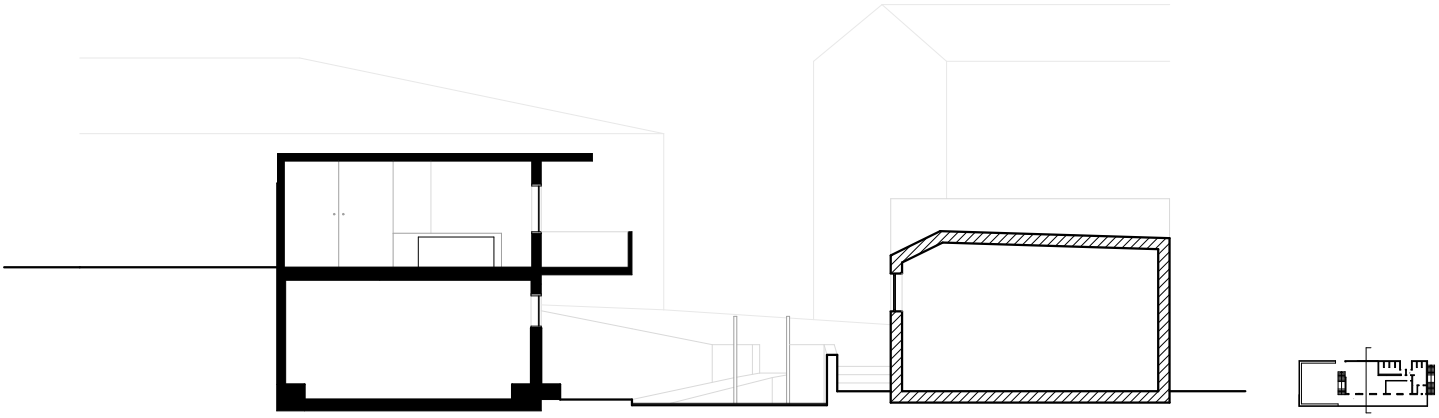


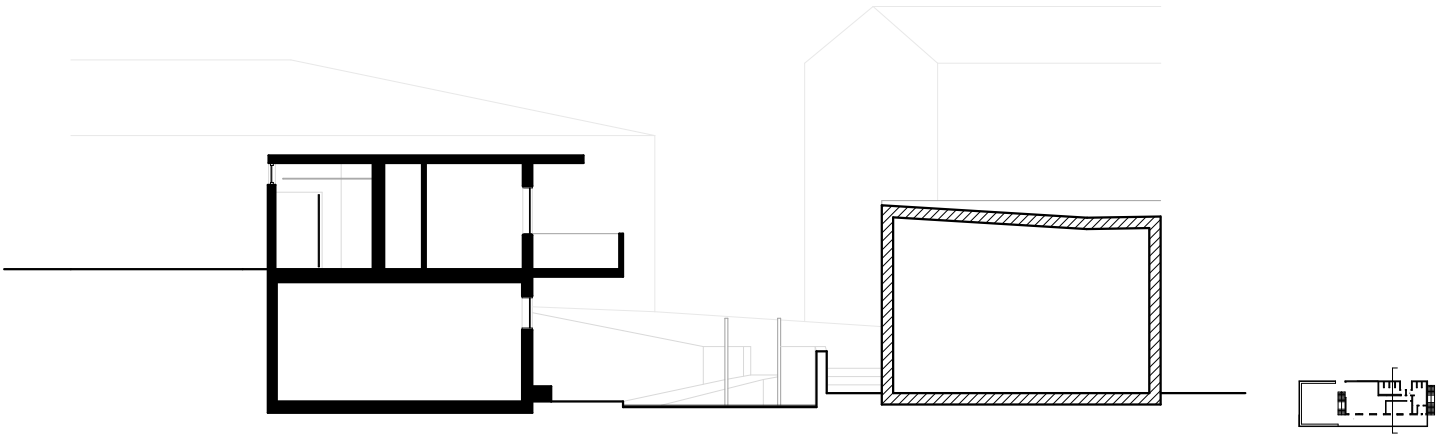


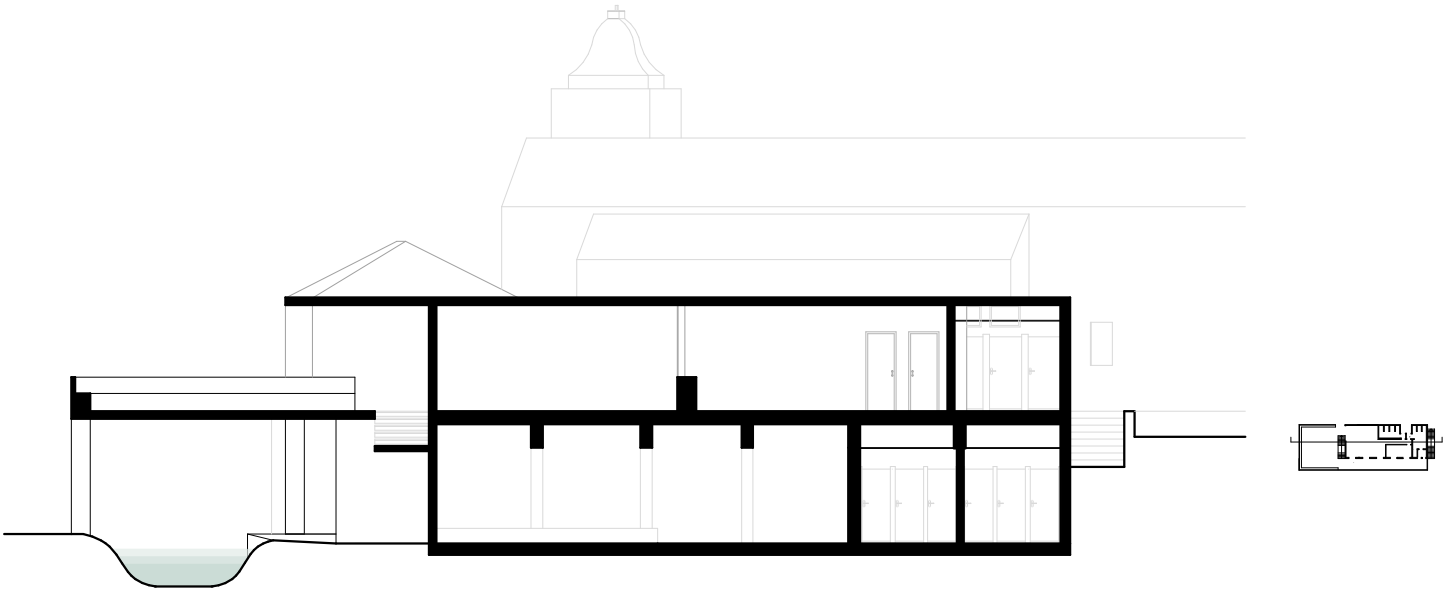




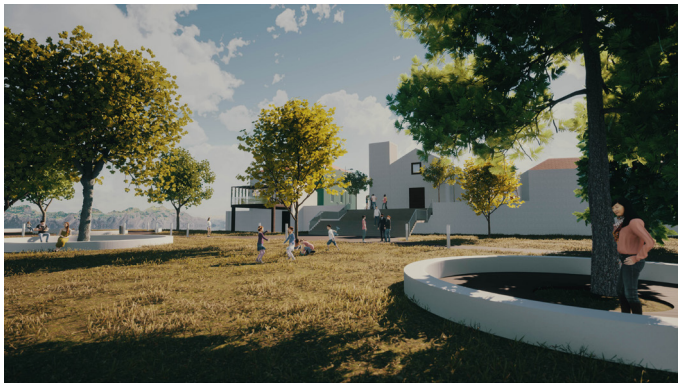


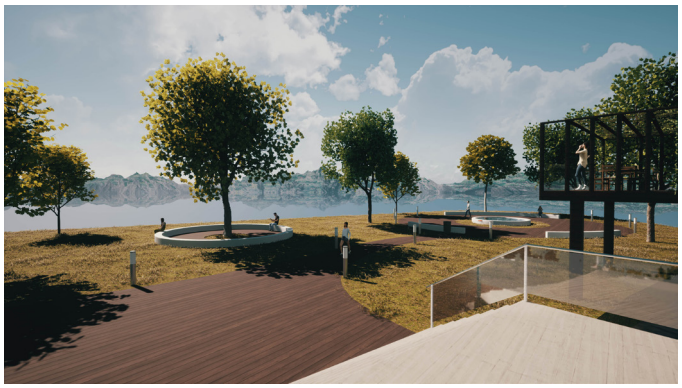


















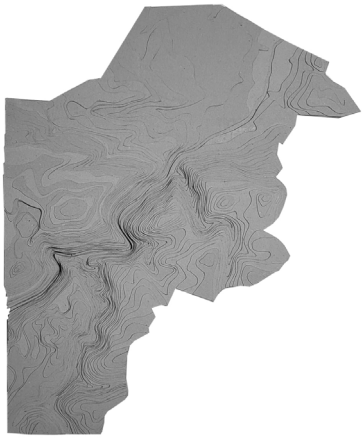


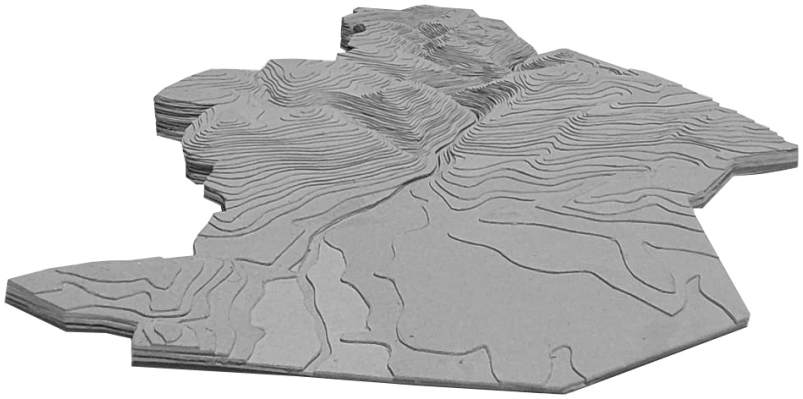


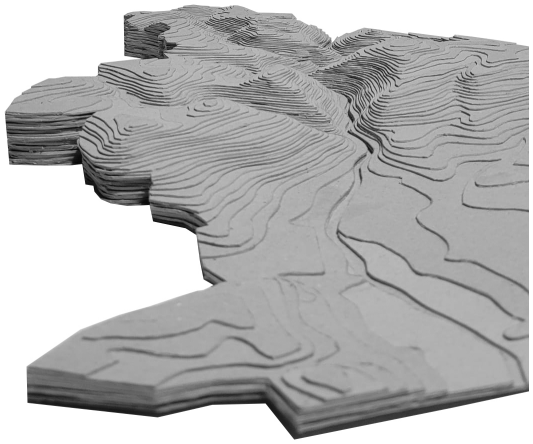
ANEXO V

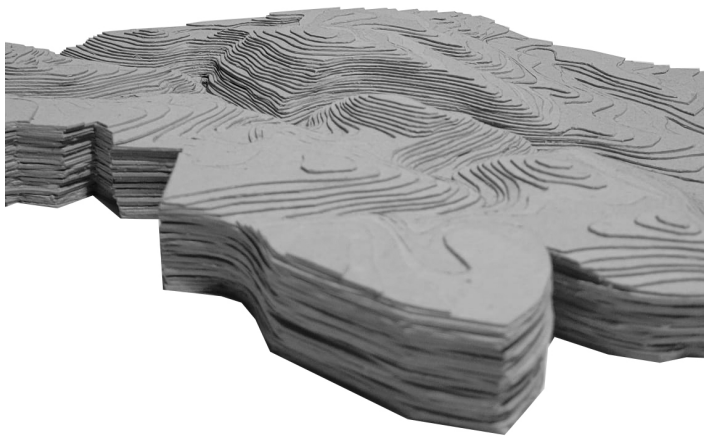
Maquetas

maqueta topográfica







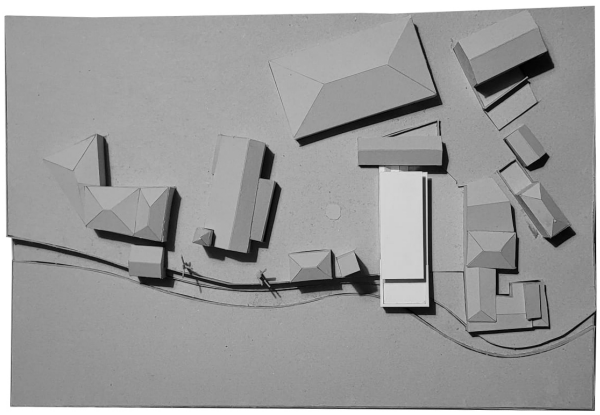


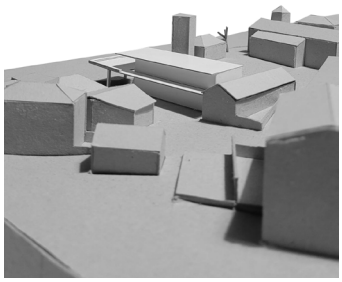
ANEXO V

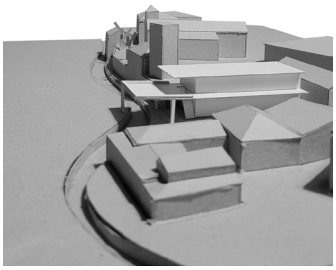
Maquetas

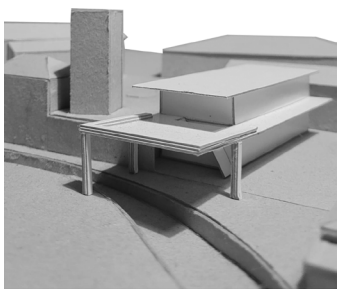
MAQUETA FASE I

1:500







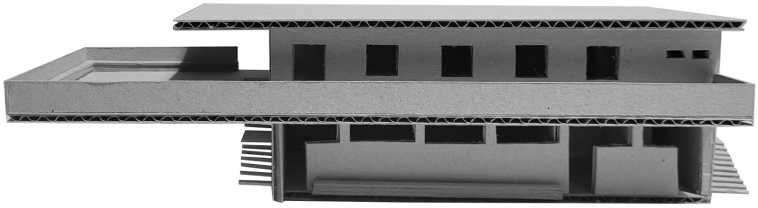


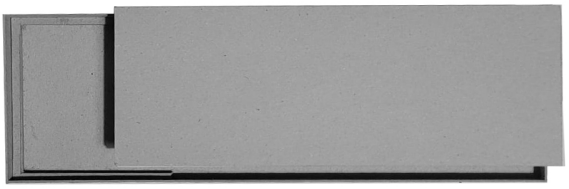
ANEXO V

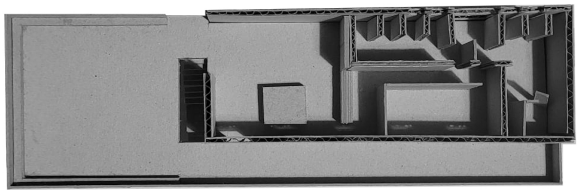
Maquetas

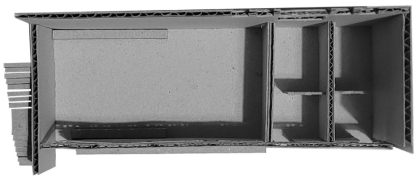
MAQUETA FASE I

1:200







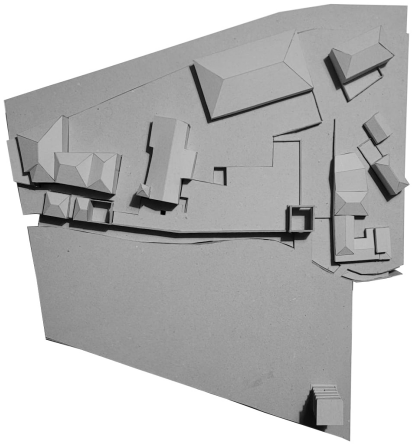


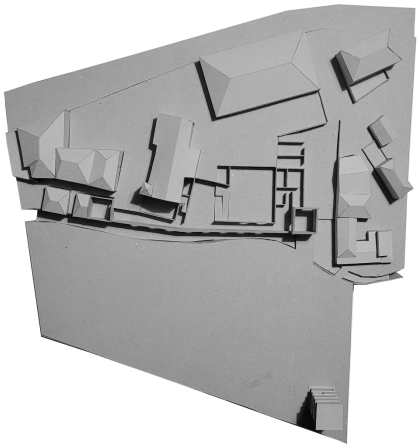
ANEXO V

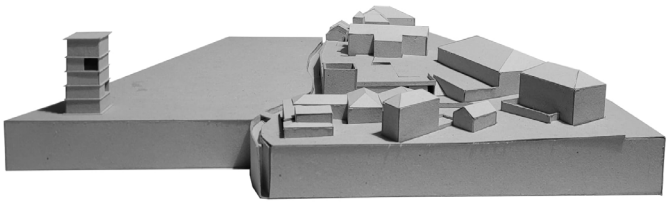
Maquetas

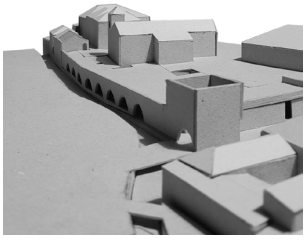
MAQUETA FASE II

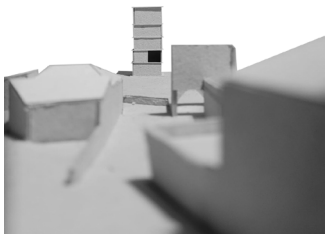
1:500









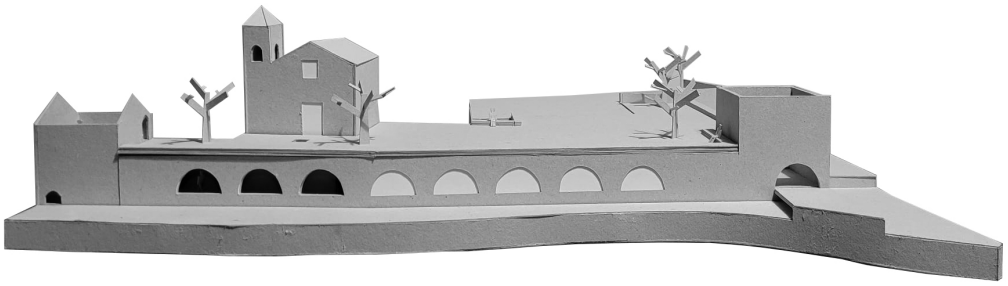


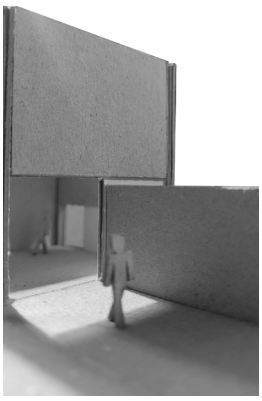
ANEXO V

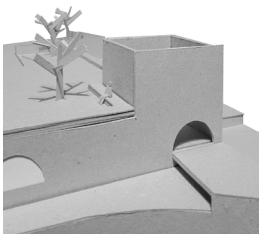
Maquetas

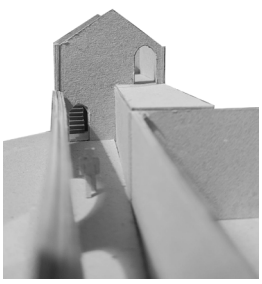
MAQUETA FASE II

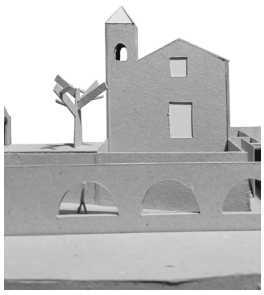
1:200











PROVA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO

9 de Novembro de 2022

JÚRI

Presidente | Prof. Doutor José Júlio Cabral Faria Frias Dias

Arguente | Prof. Doutor Adalberto da Rocha Gonçalves Dias

Orientador | Prof. Doutor José Alberto Abreu Lage

CLASSIFICAÇÃO FINAL

18 valores

Do Espírito do Lugar
Um "Centro" de Interpretação Ambiental na Ota

Diana Rochinha Maudslay

FACULDADE DE ARQUITETURA